



COPPE/UFRJ

A ECONOMIA DA CULTURA: REFLEXÕES SOBRE O SEU PAPEL ECONÔMICO NA
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Gustavo Lorena Pinto

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Henrique Pereira da Fonseca Netto

Rio de Janeiro

Março de 2009

A ECONOMIA DA CULTURA: REFLEXÕES SOBRE O SEU PAPEL ECONÔMICO NA
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Gustavo Lorena Pinto

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO
LUIZ COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE)
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Aprovada por:

Prof. Henrique Pereira da Fonseca Netto, Dr.

Prof^a. Aída Maria Bastos Nepomuceno Marques, D.Sc.

Prof^a Maria Cristina Ortigão Sampaio Schiller, D.Sc.

Prof. Rogério de Aragão Bastos do Valle, Dr.

RIO DE JANEIRO, RJ – BRASIL

MARÇO DE 2009

Pinto, Gustavo Lorena

A Economia da Cultura: Reflexões sobre o seu papel econômico na Região Metropolitana do Rio de Janeiro / Gustavo Lorena Pinto. – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009.

XX, 203p.:il.; 29,7 cm.

Orientador: Henrique Pereira da Fonseca Netto

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2009.

Referências Bibliográficas: p. 123-126.

1. Economia da Cultura. 2. Emprego. 3. Região Metropolitana do Rio de Janeiro. I. Fonseca Netto, Henrique Pereira da. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia de Produção. III. Título.

Aos meus pais, Solange e Antônio Carlos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e sabedoria concedidas durante as mais adversas situações que tive de atravessar.

Aos meus pais e irmão pelo apoio incondicional, tendo sido grandes facilitadores do meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

Aos demais familiares pelo carinho e incentivo sempre constantes.

Ao professor Henrique Fonseca, pela disposição, responsabilidade e paciência com a qual me orientou.

Ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da COPPE-UFRJ, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Ao Renato Esperanço, pela ajuda no tratamento dos dados, sem a qual não seria possível concluir essa dissertação.

Ao José Carlos e Lilibeth, pelos comentários e sugestões que ajudaram na definição do rumo desse trabalho.

A todos os meus amigos, que nas brincadeiras e nas situações mais inusitadas, puderam abrandar essa árdua caminhada.

Aos meus companheiros de equipe no BNDES pelo suporte.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Resumo da Dissertação apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências (M.Sc.)

A ECONOMIA DA CULTURA: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL ECONÔMICO NA
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Gustavo Lorena Pinto

Março/2009

Orientador: Henrique Pereira da Fonseca Netto

Programa: Engenharia de Produção

Essa pesquisa analisa o papel econômico da cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Parte da premissa de que esse papel é relevante e toma como variável principal o emprego cultural. Utiliza os dados da “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios” para os anos de 2002 até 2007 com dois propósitos principais: o primeiro é verificar a participação do emprego cultural no total da população economicamente ativa ocupada da Região Metropolitana do Rio de Janeiro; o segundo é comparar esse percentual com os obtidos para a mesma relação a nível estadual e nacional. Além disso, enfatiza a questão da conceituação econômica da cultura por entender ser elemento fundamental para o avanço da área de conhecimento. Toma a Região Metropolitana do Rio de Janeiro como unidade espacial de análise por duas razões: primeiramente por causa da longa história cultural da capital fluminense que remonta ao início do século XIX com o grande incentivo às artes de Dom João VI; e, em segundo lugar, por questões metodológicas, já que a principal fonte de dados utilizada não contempla informações ao nível de cidade, sendo as regiões metropolitanas o menor nível espacial considerado.

Abstract of Dissertation presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Science (M.Sc.)

THE ECONOMICS OF CULTURE: REFLECTIONS ON THE ECONOMIC ROLE IN
THE RIO DE JANEIRO METROPOLITAN REGION

Gustavo Lorena Pinto

March/2009

Advisor: Henrique Pereira da Fonseca Netto

Department: Industrial Engineering

This research analyzes the economic role of the culture in the Rio de Janeiro Metropolitan Region. It takes the premise that this role is relevant and takes the cultural job as main variable. It uses the data of the “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios” for the years of 2002 up to 2007 with two main intentions: the first one is to verify the participation of the cultural job in the total of the economically busy active population of the Rio de Janeiro Metropolitan Region; the second one is to compare this found percentage with the same relation for the state and national level. Moreover, it emphasizes the question of the economic conceptualization of the culture for understanding to be basic element for the advance of the knowledge area. It takes the Rio de Janeiro Metropolitan Region as space unit of analysis for two reasons: first because of the long cultural history of the state of Rio de Janeiro capital that retraces to the beginning of century XIX with the great incentive to the arts of Dom João VI; e, in second place, for methodological questions, since the main source of data used does not include information to the city level, being the metropolitans regions the lesser considered space level.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I - CULTURA E ECONOMIA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SUAS ARTICULAÇÕES	4
CAPÍTULO 1 – A CULTURA E SUA ARTICULAÇÃO COM A ECONOMIA	6
1.1) Cultura: a evolução do conceito	7
1.2) A Economia da Cultura	12
CAPÍTULO 2 - ANTECEDENTES HISTÓRICOS E CULTURAIS DO RIO DE JANEIRO	15
2.1) O incentivo às Artes no período 1808-1889	16
2.2) Cultura carioca <i>versus</i> cultura brasileira.....	18
CAPÍTULO 3 – OS RUMOS E AS DIFICULDADES DA ECONOMIA DA CULTURA	23
3.1) A definição de cultura como atividade econômica	23
3.2) Atividades culturais e desenvolvimento.....	30
PARTE II - REFLEXÕES SOBRE A TIPOLOGIA SETORIAL RELATIVA ÀS OCUPAÇÕES: MENSURAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DO EMPREGO CULTURAL NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO	36
CAPÍTULO 4 – A DEFINIÇÃO DAS OCUPAÇÕES CULTURAIS	38
4.1) Economia e Política Cultural: acesso, emprego e financiamento.....	38
4.2) Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005-IBGE	45
4.3) O emprego cultural	49

CAPÍTULO 5 – MENSURAÇÃO DO EMPREGO CULTURAL PARA A REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO59

5.1)	A escolha da base de dados	59
5.1.1)	Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)	60
5.1.2)	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)	62
5.2)	O processo de investigação das ocupações culturais	64
5.2.1)	Ocupação e trabalho	64
5.2.1.1)	Trabalho principal <i>versus</i> trabalho secundário	66
5.2.1.2)	Trabalho Infantil	67
5.2.2)	Períodos de referência	67
5.2.3)	Corte temporal	68
5.2.4)	Plano de Amostragem, Fração de amostragem e coeficientes de variação... ..	68
5.3)	As ocupações culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro no período 2002-2007	69
5.3.1)	Arte	70
5.3.2)	Publicidade	72
5.3.3)	Comunicação	73
5.3.4)	Lazer.....	74
5.3.5)	Esporte	75
5.3.6)	Religião	76
5.3.7)	Culinária	77
5.3.8)	Turismo	77
5.3.9)	Cultura.....	78

CAPÍTULO 6 – CONCENTRAÇÃO DAS OCUPAÇÕES CULTURAIS.....81

6.1)	A concentração das ocupações culturais na RMRJ	81
6.1.1)	Comparativo entre as ocupações culturais (principais, secundárias e totais) entre a RMRJ e o ERJ	82
6.1.2)	Comparativo entre as ocupações culturais (principais, secundárias e totais) entre a RMRJ e o Brasil	86
6.2)	Migração	88

PARTE III - SUBSÍDIOS AO ENQUADRAMENTO DAS OCUPAÇÕES CULTURAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA ECONOMIA DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO	91
CAPÍTULO 7 – A RELEVÂNCIA DOS EMPREGOS CULTURAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO	93
7.1) Considerações acerca da delimitação por subgrupos	93
7.1.1) Consideração acerca dos subgrupos	95
7.1.2) Considerações acerca dos níveis de confiança	96
7.2) A relevância dos empregos culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.....	98
CAPÍTULO 8 – CONTRIBUIÇÕES À ECONOMIA DA CULTURA	105
8.1) A definição de cultura	106
8.2) O emprego cultural	109
8.3) O trabalho secundário	111
CAPÍTULO 9 - HORIZONTES DA ECONOMIA DA CULTURA	114
CONCLUSÃO	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
APÊNDICE - NÚMERO DE OCUPADOS (TRABALHO PRINCIPAL, SECUNDÁRIO E TOTAL) POR SUBGRUPO PARA O ESTADO DO RIO DE JANEIRO E BRASIL PARA O PERÍODO 2002-2007	127
ANEXO I - MUNICÍPIOS, TOTAL E COM EXISTÊNCIA E QUANTIDADE DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS, COM INDICAÇÃO DOS MANTIDOS PELO PODER PÚBLICO MUNICIPAL, SEGUNDO GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 2006	142

ANEXO II - RELAÇÃO DE CÓDIGOS DE OCUPAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO.....	145
ANEXO III - RELAÇÃO DE CÓDIGOS DE OCUPAÇÃO CULTURAIS	150
ANEXO IV - PLANO DE AMOSTRAGEM	173
ANEXO V - FRAÇÃO DE AMOSTRAGEM E COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO E REGIÕES METROPOLITANAS – 2002 A 2007	179
ANEXO VI - COEFICIENTES DE REGRESSÃO E DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO, SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA PARA A REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO, ESTADO DO RIO DE JANEIRO E BRASIL – 2002 A 2007	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 – Bibliotecas existentes, segundo as unidades federadas – 1907/1937.....	20
Tabela 2.2 – Obras e volumes das bibliotecas informantes, segundo as unidades federadas – 1907, 1912, 1927 e 1934	21
Tabela 2.3 – Teatros, cine-teatros, cinemas, associações científicas, literárias e artísticas, e periódicos existentes no Estado do Rio de Janeiro – 1922, 1933 e 1937.....	21
Tabela 4.1 – Mercado do trabalho cultural no Brasil, 1992-2001	41
Tabela 4.2 – Estoque de empregos formais culturais em 2002	44
Tabela 5.1 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Arte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	71
Tabela 5.2 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Arte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	71
Tabela 5.3 – Número total de ocupados do subgrupo Arte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	72
Tabela 5.4 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Publicidade para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	72

Tabela 5.5 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Publicidade para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	72
Tabela 5.6 – Número total de ocupados do subgrupo Publicidade para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	72
Tabela 5.7 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Comunicação para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	73
Tabela 5.8 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Comunicação para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	73
Tabela 5.9 – Número total de ocupados do subgrupo Comunicação para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	74
Tabela 5.10 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Lazer para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	74
Tabela 5.11 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Lazer para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	74
Tabela 5.12 – Número total de ocupados do subgrupo Lazer para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	74
Tabela 5.13 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Esporte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	75
Tabela 5.14 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Esporte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	75

Tabela 5.15 – Número total de ocupados do subgrupo Esporte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	76
Tabela 5.16 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Religião para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	76
Tabela 5.17 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Religião para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	76
Tabela 5.18 – Número total de ocupados do subgrupo Religião para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	76
Tabela 5.19 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Culinária para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	77
Tabela 5.20 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Culinária para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	77
Tabela 5.21 – Número total de ocupados do subgrupo Culinária para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	77
Tabela 5.22 – Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Turismo para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	78
Tabela 5.23 – Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Turismo para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	78
Tabela 5.24 – Número total de ocupados do subgrupo Turismo para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	78

Tabela 5.25 – Número de ocupados (trabalho principal) na Cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	79
Tabela 5.26 – Número de ocupados (trabalho secundário) na Cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	79
Tabela 5.27 – Número total de ocupados na Cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007	80
Tabela 5.28 – Número total de ocupados na Cultura, por tipo de emprego, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	80
Tabela 6.1 – Comparativo do número de ocupados (trabalho principal) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	83
Tabela 6.2 – Comparativo do número de ocupados (trabalho secundário) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	84
Tabela 6.3 – Comparativo do número total de ocupados entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	85
Tabela 6.4 – Comparativo do número de ocupados (trabalho principal) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Brasil para o período 2002-2007	86
Tabela 6.5 – Comparativo do número de ocupados (trabalho secundário) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Brasil para o período 2002-2007.....	87

Tabela 6.6 – Comparativo do número total de ocupados entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Brasil para o período 2002-2007	88
Tabela 7.1 – Comparativo do número de ocupados na Cultura com o número total de ocupados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	99
Tabela 7.2 – Comparativo do número de ocupados na Cultura com o número total de ocupados no Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007.....	100
Tabela 7.3 – Comparativo do número de ocupados na Cultura com o número total de ocupados no Brasil para o período 2002-2007.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 4.1 – Setor Cultural no Brasil	39
Quadro 4.2 – Atividades Culturais	42
Quadro 4.3 – Atividades econômicas características de cultura	46
Quadro 4.4 – Ocupações tipicamente culturais	47
Quadro 4.5 – Delimitação do Emprego Cultural	55
Quadro 4.6 – Lista das ocupações culturais por subgrupo	57
Quadro 5.1 – Períodos de Referência da PNAD 2002 – 2007	68

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 4.1 - Atividades culturais (outras atividades artísticas e de espetáculos)	50
Gráfico 7.1 - Evolução dos níveis de concordância verde e amarelo para a RMRJ....	99
Gráfico 7.2 – Evolução da participação do emprego cultural	103

LISTA DE SIGLAS

BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNAE	Classificação Nacional das Atividades Econômicas
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
ERJ	Estado do Rio de Janeiro
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FJP	Fundação João Pinheiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISCO	<i>International Statistical Classification of Occupations</i>
MINC ou MinC	Ministério da Cultura do Brasil
MUNIC	Pesquisa de Informações Básicas Municipais

MVC	Método de Valoração Contingente
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PASEP	Programa de Formação do Patrimônio do Servidor
PEA	População Economicamente Ativa
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S.A
PIA	População em Idade Ativa
PIB	Produto Interno Bruto
PIS	Programa de Integração Social
PITCE	Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PRONAC	Programa Nacional de Apoio à Cultura
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RM	Região Metropolitana
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
UF	Unidade de Federação
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>

INTRODUÇÃO

Um homem, uma mulher, um navio. Um romance emerso em alto mar. Amor, ódio, traição, surpresa e ganância: sentimentos conflituosos e conflitantes em um mesmo espaço.

Foram esses alguns dos elementos utilizados no filme Titanic, agraciado pela crítica e pelo público. Um filme que encanta as pessoas por sua história, seus personagens, sua trilha sonora e, é claro, pelos US\$ 1,8 bilhões de dólares arrecadados pela venda de bilhetes.

Um montante dessa magnitude gerado por um único filme faz com que encaremos o cinema sob outra perspectiva além da artística. Por trás de todo o desenvolvimento estético existe uma racionalidade econômica que o impulsiona. Não só no caso de Hollywood, mas também muitas outras indústrias têm movimentado valores consideráveis, tornando não só justificável, mas também necessário o estudo dessas indústrias.

A Economia da Cultura se mostra como resposta a esse chamado de pesquisa, constituindo-se em uma recente linha de investigação científica que procura analisar as relações entre a economia e a cultura. Pretende mostrar que a cultura tem sua contribuição para o desenvolvimento local e deve ser considerada um setor estratégico. Dentre outras coisas, parte do princípio que as indústrias culturais não devem mais ser encaradas apenas como agentes de um imperialismo cultural que visa homogeneizar ou massificar o consumo de cultura; mas sim de que são estruturas produtivas capazes de gerar emprego e renda, mediante a oferta de bens de alto valor agregado, e bem adequadas aos preceitos do desenvolvimento sustentável, uma vez que têm impactos ambientais mínimos quando comparadas a outras indústrias.

Essa nova área do conhecimento já conta com uma quantidade significativa de trabalhos, tanto internacional como nacionalmente. Apesar disso, a demanda por novos estudos é grande, especialmente por parte de entidades como o Ministério da Cultura, que necessita de um grande número de informações para que possa agir de forma eficaz nas suas políticas públicas. Trata-se, então, de uma linha de pesquisa recente e, até certo ponto, bastante em voga, mas que abre grande espaço para que possam ser desenvolvidos os mais diversos estudos.

É justamente com o intuito de preencher algumas lacunas existentes na Economia da Cultura que surgiu essa dissertação. Enquanto a grande maioria dos trabalhos foca sub-setores específicos, o presente estudo procura verificar o papel econômico da cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sendo, dessa forma mais abrangente.

No entanto, ao proceder desta forma, esta dissertação assim como alguns poucos trabalhos esbarram em uma grande barreira metodológica, qual seja: como definir cultura em termos de atividades econômicas ou ocupações. Contornar essa dificuldade é um desafio, mas se constitui em elemento imprescindível para a compreensão do nosso objeto de estudo. É um “mal necessário” como diria a sabedoria popular.

A escolha da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, por sua vez, baseou-se na sua grande história cultural que remonta ao início do século XIX, com o grande incentivo às artes por Dom João VI e sua corte, que se instalaram no Rio de Janeiro fugindo de Portugal por conta das guerras napoleônicas. Entende-se que ao longo da história brasileira a imagem do Rio de Janeiro foi se consolidando no exterior, de forma que embora a referida cidade não seja mais a capital brasileira, ela ainda representa a imagem do Brasil internacionalmente. Pressupõe-se então que as atividades culturais ainda sejam expressivas na localidade. Uma observação, contudo, é que essa escolha também foi condicionada por fatores metodológicos, daí porque foi

tomada como unidade territorial de análise toda a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e não apenas a cidade.

Essa dissertação está estruturada em três partes, de forma a organizar o pensamento e demarcar importantes etapas da pesquisa. Na primeira parte são fundadas as bases para o desenvolvimento desse estudo, apresentando o seu escopo, os principais entraves à compreensão do tema, bem como os antecedentes histórico-culturais da cidade do Rio de Janeiro. Nesta parte é que é lançada a hipótese norteadora, qual seja: a cultura tem um papel econômico relevante para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A segunda parte apresenta a maneira pela qual a tese será verificada. São definidas as variáveis que procurarão explicar a relevância econômica da cultura, bem como a base de dados que proverá as informações necessárias para a análise. Nesta ocasião serão descritas as questões metodológicas referentes a essa fonte de dados e delimitado o que se entenderá por cultura, para os fins dessa dissertação. Apresentará ainda, por fim, os resultados encontrados.

A terceira e última parte dessa dissertação visa discutir os resultados encontrados na parte anterior, confrontando-os com a tese definida na primeira parte, de forma a verificar sua validade. Além disso, também destaca as contribuições desse estudo para uma maior compreensão acerca da relação entre economia e cultura, assim como as limitações da análise empreendida. Finaliza indicando possíveis rumos a serem seguidos para a elaboração de novos trabalhos, já apontando, por vezes, algumas dificuldades a serem superadas nessas sendas.

PARTE I

CULTURA E ECONOMIA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SUAS ARTICULAÇÕES

Na primeira parte dessa dissertação, são apresentadas as principais questões que permearão as duas outras partes. Seu foco é a explanação do contexto da pesquisa, a determinação da tese a ser verificada e uma breve revisão de literatura.

No Capítulo 1, discute-se o conceito de cultura, mostrando a sua modificação ao longo do tempo, sempre em consonância com as questões mais importantes nos respectivos contextos históricos. Além disso, nesse capítulo o leitor será brevemente introduzido à Economia da Cultura, linha de investigação científica recente, na qual a presente dissertação está inscrita.

No Capítulo 2 são apresentados os antecedentes históricos e culturais do Rio de Janeiro, tanto ao nível de cidade, como ao de Unidade de Federação. O objetivo é mostrar que o Rio de Janeiro teve um desenvolvimento das atividades artísticas iniciado com a chegada de D. João VI ao Brasil, quando fixou a cidade brasileira como capital do seu Reino. E apontar uma conseqüência desse desenvolvimento que é a aproximação da imagem do Brasil com a imagem carioca, o que, aliado às limitações metodológicas constitui-se na justificativa da escolha da Região Metropolitana do Rio de Janeiro como principal foco espacial da análise a ser empreendida.

No último capítulo dessa parte, o Capítulo 3, é apresentada uma revisão de literatura, dando subsídios para que o leitor entenda os rumos que a Economia da Cultura têm tomado e apresentando a problemática dessa dissertação. Ao mesmo tempo, visa dar ciência da dificuldade que perpassa muitos trabalhos dessa natureza que é a definição do setor cultural. Entende-se que essa dificuldade metodológica tenha reflexos cruciais nos resultados gerados e, por conta disso, antes da apresentação da hipótese que norteará o restante da dissertação e que finda o referido capítulo, são tecidas algumas considerações a respeito.

Espera-se que, ao final da Parte I, o leitor tenha entendido o objetivo dessa dissertação, a hipótese que a norteia, as principais dificuldades metodológicas encontradas por trabalhos afins, bem como o espaço foco de análise.

CAPÍTULO 1 – A CULTURA E SUA ARTICULAÇÃO COM A ECONOMIA

“Uma compreensão exata do termo cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana.” – Laraia (2007, p. 63)

Muito se fala sobre cultura. O vocábulo ganhou espaço em muitos discursos, não se restringindo a um único *lócus* acadêmico. Antropólogos, comunicólogos, turismólogos, artistas, administradores, psicólogos, educadores – todos esses profissionais, entre outros, entendem a importância da cultura, procurando sempre considerá-la nas análises rotineiras inerentes aos seus respectivos ofícios.

Recentemente, no entanto, a palavra cultura começa a ser empregada também pelos economistas, o que, por si só, já indica uma nova forma de encará-la. A Cultura passa a ser vista como também sendo atividade econômica, geradora, portanto, de emprego e renda – um setor dinâmico com impacto não desprezível nas economias nacionais, regionais e sobretudo locais, onde os bens e equipamentos culturais são produzidos.

Isso não significa dizer que todos os outros profissionais encaram a cultura da mesma forma, estando apenas os economistas destacados dessa relação. O que se percebe é a existência de vários significados para a mesma palavra, de forma que um administrador e um educador, por exemplo, podem usar a mesma palavra para expressar significados distintos em contextos igualmente diferentes.

Esse turbilhão de significados ganha ainda maior amplitude quando incluimos o mundo não-acadêmico-profissional. A palavra cultura está muito longe de ser restrita à academia e aos ambientes profissionais, sendo empregada sem grandes impedimentos nos mais diversos contextos de conversa.

Em outras palavras, o que está se dizendo é que cultura é um vocábulo utilizado em praticamente todos, senão em todos de fato, segmentos da sociedade. Numa perspectiva defensora do multiculturalismo¹, poderíamos considerar o próprio conceito de cultura como multicultural, já que ele não só possui diversos significados, como cada um desses significados podem ser representativos dos acontecimentos sociais em que são evocados. Uma mesma pessoa utiliza a palavra cultura para expressar diferentes significados em distintos contextos sem perceber como este próprio contexto (acontecimento social) incita, com maior ou menor intensidade, a utilização do vocábulo cultura com um ou outro significado.

Tendo em mente toda a complexidade envolvida na cultura, antes de procurar mostrar articulações entre a Cultura e a Economia, faz-se necessária uma breve reflexão acerca dessa multiplicidade de significados, procurando destacar a evolução do referido conceito no macro-processo histórico.

1.1) Cultura: a evolução do conceito

Como dito anteriormente, o termo cultura apresenta diversos significados. Frases como “Ele tem muita cultura”, “A cultura brasileira é rica”, “Devemos democratizar o acesso à cultura” ou ainda “O Ministério da Cultura planeja novos investimentos na cultura” devem soar muito familiares, sendo que em cada uma dessas sentenças a palavra cultura tem um significado distinto. São tantos os significados que Kroeber e Kluckhohn (*apud* Deshpande e Webster, 1989) identificaram 164 definições diferentes de cultura.

Eagleton (2005), por sua vez, antes de efetuar uma análise densa e extensa sobre a cultura, considera-a como “uma das duas ou três palavras mais complexas” de

¹ Entendido aqui como a convivência de diversas culturas em único espaço, compondo um “mosaico cultural”.

nossa língua, muitas vezes entendida como oposto da palavra que ganha o título de mais complexa – natureza.

A partir daí o autor inicia a sua análise e argumenta que a cultura não seria o antagonismo da natureza, mas sim seu derivado. A natureza produz a cultura que irá transformar a própria natureza, ou seja, a cultura é “o meio da auto-renovação constante da natureza”.

O exemplo utilizado pelo autor é bem explicativo. Ele aponta que ao nadar, o “nadador cria ativamente a corrente que o sustenta, manejando as ondas de modo que elas possam responder mantendo-o à tona”. Assim, existia um estado da natureza que, transformado pela cultura, modifica-se levando a um outro estado da natureza.

É interessante observar como essa idéia se aplica no modelo de transformação básico de bens e serviços, apresentados pelos manuais de administração da produção. Segundo Slack, Chambers *et al* (1999), neste modelo existem *inputs*, que são basicamente de duas formas: recursos a serem transformados e recursos de transformação; existe um processo de transformação e, por fim, *outputs*, que são os recursos já transformados.

Sem ignorar as diferenças entre os métodos e objetivos da antropologia e da administração, mas simplesmente com o intuito de clarear a idéia defendida por Eagleton (2003), percebe-se que utilizando este modelo, a natureza se constitui no *input* (tanto em recursos a serem transformados como em recursos de transformação), a cultura é o processo de transformação e uma nova natureza se tem como *output*.

Seguindo essa idéia, poder-se-ia concluir, assim como o geógrafo David Harvey (*apud* Eagleton, 2005) que não haveria nada de antinatural em Nova Iorque e que os povos tribais não estariam mais próximos da natureza que o Ocidente. Isso porque, ambos teriam contato com a natureza, estando ela apenas em estado diferenciado, propiciado por processos de transformação – cultura - distintos.

A princípio, a própria definição original de cultura já apontaria para uma relação não-antagônica entre cultura e natureza. A palavra cultura vem do latim *colere*, que

significa cultivar. Sendo assim, esteve inicialmente ligada às atividades agrícolas, num processo eminentemente material (SANTOS, 2005; EAGLETON, 2005).

No entanto, com os pensadores romanos, o termo cultura foi ampliado a uma dimensão de refinamento pessoal, expressa através da expressão “cultura da alma”. Tem-se então a auto-cultura, ou seja, o cultivo pessoal, a auto-moldagem, que já na Idade Moderna, virá a objetivar o transcendente e o divino. A cultura, antes ligada à matéria, relaciona-se agora com as questões do espírito.

Fazendo uma analogia, percebe-se neste momento que, no modelo de transformação, os *inputs* e os *outputs* não são mais a natureza, mas sim o ser humano. E diferente daquela idéia, onde a natureza transformada não guardava nenhuma relação hierárquica com a natureza pré-transformada, agora a cultura é vista como um processo de transformação de um *eu* bruto para um *eu* mais refinado, onde o ser humano é ao mesmo tempo o agente de transformação e o agente a ser transformado. Diferentemente da natureza, que não se pode auto-moldar sozinha, o ser humano tem essa possibilidade, traduzida na sua capacidade de auto-reflexão.

Prosseguindo na evolução² do vocábulo cultura, Santos (2005) aponta que mais tarde, já no século XIX, onde a visão dogmática religiosa já estava se enfraquecendo, face à emergência de uma visão laica, bem como de teorias preocupadas com a origem e a transformação do homem (Darwin e o evolucionismo), o termo cultura adquiriu uma função de distinção entre homem e animal, bem como entre os próprios homens: cultura expressando características e condições de vida de um determinado povo.

É nesse momento que as palavras cultura e civilização têm seu significado aproximado. A cultura passa a ser entendida como um processo geral de progresso material, intelectual e espiritual. Sendo praticamente sinônimo de civilização, ela passa a ser ao mesmo tempo descritiva e normativa. Descritiva por simplesmente designar

² Aqui entendida não sob uma perspectiva darwinista, mas como simplesmente o decorrer de um processo.

de forma neutra os modos e costumes de uma determinada sociedade (cultura ou civilização francesa, por exemplo); normativa por implicitamente contrapor a civilização à barbárie: falar cultura ou civilização alemã, por exemplo, indica que esse grupo social já evoluiu de um “estado inferior bárbaro”.

Laraia (2007) reforça essa idéia, mostrando que a antropologia, ciência cujo objeto de estudo é justamente a cultura, surge no final do século XIX, com a função de comparar as diversas sociedades, detectando em que estágio uma sociedade estaria na escala da civilização, composta por três estágios básicos: a vida selvagem, a barbárie e a vida civilizada. Nas palavras do autor: “segundo esta abordagem, todas as culturas deveriam passar pelas mesmas etapas de evolução, o que tornava possível situar cada sociedade humana dentro de uma escala que ia da menos à mais desenvolvida”.

No entanto, embora a preocupação moderna em se definir cultura estivesse associada às transformações científicas, como dito, não se pode esquecer que também foi fortemente influenciada pelas relações internacionais de poder do período, passando a cultura a ser um indicador de uma hierarquia política e econômica, um instrumento de legitimação do poder das potências. Daí surge a idéia da “cultura ocidental”, termo este utilizado para se referir a progresso e triunfalismo, em contraposição a “cultura oriental”, que representa atraso e fracasso (SANTOS, 2005).

Prosseguindo, no século XX, com a moderna antropologia cultural, a palavra cultura passa a ser oposto de civilidade. As atenções se voltam para os “selvagens”, que agora são os cultos, tomando o lugar dos civilizados. A cultura passa a ser mais tribal que cosmopolita, mais instintiva que racional. A vida primitiva torna-se um verdadeiro idílio romântico que se contrapõe à sociedade moderna.

Com o pós-modernismo aliado à defesa do multiculturalismo estabelece-se uma grande contradição. Ao passo que se entende que em uma mesma nação ou

cidade convivem diversas representações culturais que dialogam entre si³, há uma valorização exacerbada das minorias. Autores como Adorno e Horkheimer (apud Freire, 1997) criticam a cultura das majorias sob o argumento da indústria cultural, homogeneizadora e massificadora cultural, estabelecendo antagonismos entre nacional e internacional, dominados e dominantes, culto, popular e massivo.

Laraia (2007), por sua vez, configura um panorama marcado por dois grupos de teorias antropológicas acerca da cultura. O primeiro deles entende a cultura como um *sistema adaptativo*. Apesar das divergências internas, é comum aos autores pertencentes a essa linha teórica encarar a cultura como “sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos”, sendo que “esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante”.

O segundo grupo, os das teorias *idealistas de cultura*, possui três abordagens:

- a) Cultura como sistema cognitivo – é um sistema de conhecimento que consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro da sociedade;
- b) Cultura como sistemas estruturais – cultura é um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana.
- c) Cultura como sistemas simbólicos – cultura é um sistema de símbolos e significados que compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento.

³ Nesse contexto a palavra cultura ganha o plural e passa-se a falar em culturas e não mais em cultura.

O autor aponta para o fato de que não existe consenso nem entre os antropólogos de mesma abordagem, indicando que a discussão acerca da cultura é inesgotável. Mesmo fora do ambiente acadêmico, percebe-se no cotidiano a multiplicidade de significados dados à cultura.

Nos discursos atuais verifica-se uma ampla gama de sentidos para a palavra cultura, sendo alguns derivados dos apresentados acima, sendo outros provenientes de outras fontes. Cultura pode significar estudo, educação e formação escolar, também sendo utilizada para se referir a manifestações artísticas, como música, teatro, dança, artes plásticas, escultura entre outros. Pode ser entendida como resíduo: cultura sendo tudo aquilo que não diz respeito às áreas da tecnologia, da saúde, do sistema jurídico, da educação, das comunicações, da religião, dos esportes e da política. Cultura também é tida como sinônimo de civilização e antônimo de barbárie ou ainda como idioma e ideologia de um determinado povo. Faz-se presente também a noção de cultura como tradições, costumes, lendas e rituais.

Não é possível, portanto, definir cultura sem grande prejuízo de significado. Isso gerará pontos polêmicos mais à frente, mas, por hora, cabe apenas reconhecermos a complexidade do termo, sem qualquer pretensão de dar uma resposta definitiva a essa questão. Procuremos então, agora, destacar as articulações entre a Cultura e a Economia, no que se convencionou denominar-se Economia da Cultura.

1.2) A Economia da Cultura

A economia da cultura é um tema que vem ganhando importância nos últimos anos e com ela, expressões como bem cultural e indústria cultural se disseminam e modificam seu significado. Seminários começam a surgir, grupos de pesquisa se formam e instituições públicas de oferta de informações estatísticas se debruçam

sobre este tema. Fato esse, corroborado pelo Ministro da Cultura no Brasil nas seguintes palavras em que a economia da cultura aparece como uma realidade:

"O Estado tem um papel vital no fortalecimento da economia da cultura, seja no levantamento do potencial, seja no planejamento das ações, na articulação dos agentes econômicos e criativos, na mobilização da energia social disponível, no fomento direto, na regulação das relações entre agentes econômicos, na mediação dos interesses dos agentes econômicos e dos interesses da sociedade, assim como na fiscalização das atividades. É um papel múltiplo, que exige vontade política, qualificação institucional e recursos⁴" - Gilberto Gil, Ministro da Cultura.

Mas nem sempre foi assim. Quando se observa o período pós II Guerra Mundial, fica claro, por exemplo, o conceito de indústria cultural como aquele responsável pela dominação cultural e massificação e homogeneização da cultura, tal qual defendido por alguns sociólogos e antropólogos (ALVAREZ, 2003).

Da mesma forma, quando se fala em bem cultural, sempre se atrelou o significado de bem à questão de sua importância histórico-cultural. Quando se diz que "o Carnaval é um bem cultural" implicitamente está se afirmando que ele é importante, na medida em que se constituiu uma festa que perpassou por décadas na história brasileira, tornando-se representativa social e culturalmente.

Contudo, por que não olhar essas duas palavras (indústria e bem) em seu sentido original? Se o fizermos concluiremos rapidamente que indústria cultural é aquela que produz um bem cultural e este seria uma mercadoria (ou serviço) a ser comercializada. Tal significado já se vislumbra no atual cenário brasileiro como consta na Legislação através do Decreto no. 5761 de 27 de abril de 2006, que regulamenta a

⁴ Em palestra realizada no Instituto Rio Branco em Brasília no dia 31 de março de 2005. Disponível em <http://www.cultura.gov.br>

Lei no. 8313 de 23 de dezembro de 1991, mais conhecida como Lei Rouanet de incentivo à cultura.

Neste decreto foi estabelecido o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), que de acordo com o inciso VII do artigo 2º. tem como um de seus objetivos “desenvolver atividades que fortaleçam e articulem as cadeias produtivas e os arranjos produtivos locais que formam a economia da cultura”.

A economia da cultura se constitui, portanto, em uma linha recente de investigação científica na qual é efetuada uma análise dos demandantes e ofertantes do setor cultural, da mesma forma como é feita para outros setores, como o automobilístico, energético, alimentício, entre outros. Dessa forma variáveis relevantes a serem consideradas na economia da cultura são o emprego e o produto.

CAPÍTULO 2 - ANTECEDENTES HISTÓRICOS E CULTURAIS DO RIO DE JANEIRO

No ano de 2008 a cidade do Rio de Janeiro celebrou os duzentos anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Em 1808 desembarcou a nobre família na Praça XV, fugindo das guerras napoleônicas que ocorriam na Europa. A partir de então um novo ritmo é dado à cidade, que agora deveria abrigar a família real, sendo, portanto, o ponto de partida das decisões que afetariam o país.

Muito pouco é falado sobre o Rio de Janeiro antes desse ano. Livros de formação econômica do Brasil como o de Furtado (2007) e Gremaud et al (1997) só citam a cidade no momento da chegada da família real portuguesa ao Brasil. O segundo, por sinal, dedica nem dez páginas para tratar da economia brasileira no período anterior a 1808.

O que geralmente se diz antes desse ano é que o Rio de Janeiro foi fundado em primeiro de março de 1565, tendo se desenvolvido muito lentamente durante o século XVII, vindo a ganhar importância somente no século XVIII, pela proximidade aos locais de extração do ouro (Minas Gerais) e a existência do porto que permitiria escoar a produção para Portugal. Como a principal atividade econômica da colônia passa a ser a mineração, Salvador deixa de ser a capital brasileira e o Rio de Janeiro assume essa função em 1763⁵. Com a capital estando mais próxima da atividade econômica, era mais fácil a fiscalização.

De fato, é a partir de 1808 que começa a se configurar um novo quadro para a cidade. O Brasil, que antes era meramente uma colônia a ser explorada, agora passaria a partir dele as decisões acerca da metrópole, uma vez que a corte já não

⁵ Transferência essa realizada pelo Marquês de Pombal.

estava mais na Europa. Tanto é que mais tarde, o Brasil tornar-se-á parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, tendo como capital a cidade do Rio de Janeiro⁶.

E como não poderia deixar de ser, a capital de um Reino Unido deve ser digna da realeza. Portanto, são necessárias adaptações a ela que tornem possível a reprodução na nova capital da vida que tinham na Europa. Isso significava empregar recursos no que os economistas clássicos chamaram de trabalho improdutivo, ou seja, no trabalho que não geraria um produto final passível de troca por igual quantidade de trabalho, mas que se findaria em si mesmo ou que gerasse um bem não comercializável. Características essas muito presentes nos trabalhos artísticos.

2.1) O incentivo às Artes no período 1808-1889

A família real portuguesa tinha grande tradição de incentivo às artes. Conforme apontado por Mariz (2005) muitos da corte tinham envolvimento especialmente com a música: D. João IV era compositor e possuía uma das melhores bibliotecas musicais da Europa; D. Pedro I, seu neto, também foi compositor⁷ e tocava nada menos que seis instrumentos musicais e Dona Leopoldina, sua esposa, era pianista.

Dom João VI em sua curta estada no Rio de Janeiro (1808-1821) incentivou consideravelmente as atividades musicais da capital. Mantinha mais de uma centena de músicos atuando na Capela Real, criou o Real Teatro de São João em 1813⁸, trouxe importantes personalidades musicais da época em turnês pelo Brasil, contribuiu para o trabalho do Padre José Maurício Nunes Garcia⁹, entre muitas outras coisas.

⁶ Vale a pena mencionar que o Rio de Janeiro é a única cidade do mundo que sediou um império europeu fora da Europa.

⁷ Compôs o Hino da Independência, no Brasil, e o Hino da Carta, que comemorava a revolução do Porto e que seria o hino nacional português até 1910, quando foi abolida a monarquia em Portugal.

⁸ O teatro virá a sofrer um incêndio em 1824. Posteriormente será construído outro teatro, o Teatro João Caetano.

⁹ Considerado como o primeiro grande compositor brasileiro.

Mas não só na música a família imperial teve atuação marcante. Dom João VI criou o Jardim Botânico em 13 de junho de 1808, custeou uma grande reforma no palácio da Quinta da Boa Vista conduzido por um arquiteto inglês, fundou em 1813 a Biblioteca Nacional¹⁰, composta inicialmente por livros trazidos da destruída Real Biblioteca de Lisboa e em 12 de agosto de 1816 a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios¹¹.

Dom Pedro II também teve importância no fomento as artes. De acordo com Mariz (2005), foi no seu reinado que Francisco Manuel, compositor do hino nacional, fundou em 1833 a Sociedade Beneficente Musical; em 1834, a Sociedade Filarmônica e em 1848 o Conservatório do Rio de Janeiro¹². Ele promoveu ainda a reforma do Passeio Público em 1864 conduzida por um paisagista francês e criou, em 1872, o *Theatre Franc-Brésiliene*¹³.

Não se pode afirmar, contudo, que durante todo o período que vai desde a chegada da família real ao Brasil até a Proclamação da República houve forte fomento às artes. Isso porque apesar das tradições da família Bragança em sustentar diversas manifestações artísticas, existiram momentos de grande aperto para a Coroa, notadamente o período recém pós-Independência com Dom Pedro I. Mariz (2005) chega a dizer que “o regresso a Lisboa do Rei João VI foi um desastre para a música no Brasil”. Embora o autor foque a música, é de se esperar que de forma geral, o custeio de todas as atividades artísticas tenha diminuído significativamente nesse período curto que foi o reinado de Dom Pedro I.

Por outro lado, por mais que em alguns subperíodos tenha ocorrido retração de investimentos nas atividades artísticas, se considerarmos o período como um todo, perceberemos que de fato houve grande incentivo e investimentos no que hoje tem se

¹⁰ Com a Independência do Brasil, D. Pedro I teve que pagar pela Biblioteca Nacional. Atualmente ela é considerada pela UNESCO a maior biblioteca da América Latina e a sétima maior do mundo. Para maiores informações consultar <http://www.cervantesvirtual.com/portafbn/presentacion.shtml>

¹¹ Atual Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹² Atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹³ Atual Teatro Carlos Gomes, situado na Praça Tiradentes.

chamado de equipamentos culturais. Grande parte desses equipamentos aqui citados permanecem nos dias atuais, sendo importantes e representativos da cidade do Rio de Janeiro.

2.2) Cultura carioca *versus* cultura brasileira

No século XX, o que se observa de maneira geral é um aprofundamento das ações tomadas no século anterior acerca das artes. Muitos dos equipamentos culturais são restaurados, outros são incorporados às Universidades, e alguns outros são criados, como o Theatro Municipal e bem mais tarde, em 1984, o Sambódromo.

Também não se pode ignorar todos os outros investimentos realizados no Rio de Janeiro. A cidade, como capital, precisou levantar edifícios para os inúmeros órgãos públicos inerentes ao regime democrático, além de se tornar um pólo econômico importante para a nação. Como forma de ilustração vale a pena lembrar que o Banco do Brasil, apesar de ter sua sede transferida para a Brasília, foi fundado no Rio de Janeiro em 1808 por Dom João VI, tendo duas funções importantíssimas: a de emissão de moeda e controle de exportações. Além disso as duas maiores empresas atualmente do Brasil (a PETROBRAS e a Cia. Vale do Rio Doce) são sediadas no Rio de Janeiro e um dos principais mecanismos de política de financiamento, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) também é sediado na mesma cidade.

Por toda essa importância política, histórica, econômica e cultural, o Rio de Janeiro tornou-se a imagem do país, fato este observável ainda nos dias atuais. A “moça do corpo dourado”, o Cristo Redentor e o samba são os elementos mais conhecidos no exterior, sendo essencialmente cariocas.

Mesmo pela imagem negativa o Rio de Janeiro também representa o país: a violência urbana e a insegurança na cidade se tornou ícone do atraso social brasileiro,

muito bem mostrado e divulgado por filmes como “Cidade de Deus” e mais recentemente “Tropa de Elite”, ambos tendo grandes repercussões no Brasil e no exterior. Da mesma maneira, quando se fala nas disparidades sociais brasileiras, a imagem do Rio de Janeiro mais uma vez vem à tona, com a existência de favelas praticamente vizinhas a condomínios de luxo.

Essa imagem do Rio de Janeiro é reforçada ainda mais quando levamos em conta que a principal rede televisiva do Brasil, a Rede Globo, está sediada no Rio de Janeiro. Dessa forma, muitos dos seus programas, em especial suas novelas, são gravados na referida cidade, mostrando paisagens e levantando temas muito familiares aos cariocas.

A conclusão a que se quer chegar é que a união de todos esses elementos favoreceu muito o desenvolvimento das atividades culturais no Rio de Janeiro. E isso fica muito claro quando observamos a quantidade de artistas de renome nascidos na cidade ou natural de outro estado mas que se mudaram para o Rio de Janeiro.

Na música popular, temos por exemplo Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Tom Jobin, Noel Rosa, Cazusa e Renato Russo enquanto na música de concerto temos Villa-Lobos. Na literatura e na poesia, temos nomes como Vinícius de Moraes e Machado de Assis; na arquitetura, Oscar Niemeyer; na pintura, Di Cavalcanti. Todos esses nasceram e morreram no Rio de Janeiro, à exceção de Oscar Niemeyer que ainda está vivo.

Todavia, não podemos desconsiderar os artistas que não nasceram na então capital, mas que se mudaram para lá. Entre esses estão Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Guimarães Rosa, Nelson Rodrigues, Nelson Freire, Lorenzo Fernandes e Francisco Mignone. Esses foram atraídos pela oportunidade que o Rio de Janeiro oferecia para o desenvolvimento de suas artes, seja tanto a nível de ensino (especialmente no caso dos músicos) como a nível de infraestrutura cultural.

A Tabela 2.1 abaixo mostra a infraestrututura cultural do Estado do Rio de Janeiro (ERJ) na primeira metade do século XX. Optou-se por disponibilizar dados da

Unidade de Federação e não da cidade do Rio de Janeiro para que pudesse ser possível a comparação com outros estados. Observando a tabela, detecta-se a presença de grande quantidade de bibliotecas no Estado Rio de Janeiro, perdendo apenas para São Paulo em número dessas instituições.

Tabela 2.1 - Bibliotecas existentes, segundo as unidades federadas - 1907/1937

Unidades federadas	Instituições existentes													
	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1922 (1)	1927	1929	1933	1934	1935	1936 (2)	1937 (2)
Acre	-	-	-	-	-	-	6	4	9	3	5	8	4	2
Amazonas	3	2	3	3	3	3	19	23	20	9	17	31	13	10
Pará	6	6	6	6	6	6	35	36	33	12	23	34	3	3
Maranhão	4	4	4	4	4	5	43	37	32	13	16	31	8	11
Piauí	3	4	4	5	4	6	25	23	20	9	8	17	7	4
Ceará	9	9	9	10	10	10	46	55	56	21	36	70	30	23
Rio Grande do Norte	3	3	4	4	4	5	23	26	18	10	15	29	16	10
Paraíba	2	2	2	2	2	3	25	39	27	16	22	50	14	14
Pernambuco	30	34	34	36	34	32	85	118	70	72	50	139	71	44
Alagoas	8	7	6	6	6	6	16	40	28	7	13	24	13	9
Sergipe	2	2	2	2	2	3	15	16	15	5	15	27	7	11
Baía	28	26	28	27	26	28	99	126	92	29	67	122	72	60
Espírito Santo	4	5	5	5	5	5	15	14	13	7	14	30	5	7
Rio de Janeiro	76	80	82	81	81	85	240	285	284	161	240	388	162	424
São Paulo	106	109	110	116	119	125	352	425	311	122	287	528	120	130
Paraná	8	7	8	8	8	9	42	47	54	19	33	83	9	7
Santa Catarina	19	20	22	24	24	26	66	78	63	27	33	67	35	28
Rio Grande do Sul	40	43	42	43	44	47	174	191	176	86	132	236	128	103
Mato Grosso	1	1	1	1	1	2	15	16	10	5	14	33	10	18
Goiás	5	5	5	5	5	5	19	18	17	6	12	35	12	13
Minas Gerais	49	53	54	54	54	54	149	267	179	61	205	330	102	133
BRASIL	406	422	431	442	442	465	1509	1884	1527	700	1257	2312	841	1064

(1) Segundo a fonte, compreendem-se no total todas as bibliotecas de uso não individual, por menos importantes que sejam

(2) Não estão incluídas as bibliotecas privativas de educandários e nem as que possuíam menos de 300 volumes

FONTE: IBGE (1986)

No entanto, ao considerarmos a quantidade de obras, volumes e peças avulsas, o Estado do Rio de Janeiro se destaca, possuindo de longe o maior acervo bibliográfico, conforme mostra a Tabela 2.2.

Tabela 2.2 - Obras e volumes das bibliotecas informantes, segundo as unidades federadas - 1907, 1912, 1927 e 1934

Unidades Federadas	1907			1912			1927			1934		
	Bibliotecas	Obras	Volumes	Bibliotecas	Obras	Volumes	Bibliotecas	Obras	Volumes	Bibliotecas	Volumes	Peças avulsas
Acre	-	-	-	-	-	-	3	1170	1233	5	3894	322
Amazonas	3	4433	8599	3	6126	10504	12	25572	27756	17	32630	8890
Pará	6	11338	22238	6	14134	27889	28	57596	64456	23	78489	697
Maranhão	4	9453	12327	5	9787	12715	27	26055	48951	16	38034	1033
Piauí	3	1588	1971	6	2547	3121	16	35888	36304	8	17866	-
Ceará	9	11070	20748	9	15165	21318	38	38076	67754	36	61460	4398
Rio Grande do Norte	3	1118	2821	5	4476	8184	14	12446	15694	15	10580	1549
Paraíba	2	1982	2753	3	4991	6250	25	6325	9725	22	22941	1874
Pernambuco	29	70174	114901	32	90155	120736	69	133008	356932	50	205231	11021
Alagoas	8	7732	12818	6	8668	11667	24	31488	33744	13	22151	290
Sergipe	2	4293	6429	3	6873	11460	14	18844	28714	15	96416	1527
Baía	27	57648	96756	27	52505	86271	91	311948	456183	67	222762	58573
Espírito Santo	4	6795	11139	5	6127	9976	12	40752	65280	14	23005	1295
Rio de Janeiro	76	472961	774002	83	520328	839573	186	2700828	3930308	240	2326577	919999
São Paulo	104	132878	214012	122	184472	303140	272	537200	837200	287	791469	76854
Paraná	7	4910	7733	9	7343	12743	41	50143	60813	33	52739	919
Santa Catarina	19	19219	25869	25	20678	28168	53	52258	62258	33	65157	5741
Rio Grande do Sul	39	75617	122729	45	87435	153416	146	253018	353018	132	345242	16726
Mato Grosso	1	1343	2376	2	3009	4734	11	32912	38962	14	15584	62
Goiás	5	4992	11271	5	5051	11330	14	3066	19040	12	14541	2401
Minas Gerais	49	45321	108967	54	58367	135763	160	143360	182880	205	305634	15140
BRASIL	400	944865	1580459	455	1108237	1818958	1256	4511953	6697205	1257	4752402	1129311

FONTE: IBGE (1986)

A Tabela 2.3, por sua vez, mostra um panorama de outros equipamentos e bens culturais do Estado do Rio de Janeiro para anos selecionados da primeira metade do século XX. Faz-se necessário mencionar, no entanto, que esses dados, assim como das tabelas anteriores, incluem o Distrito Federal, uma das razões pelas quais são tão expressivos.

Tabela 2.3 - Teatros, cine-teatros, cinemas, associações científicas, literárias e artísticas e periódicos existentes no Estado do Rio de Janeiro - 1922, 1933 e 1937

	1922	1933	1937
Teatros, cine-teatros e cinemas	186	151	190
Associações científicas, literárias e artísticas	65(1)	64	58
Periódicos	477	405(2)	304

(1) Dado de 1921

(2) Dado de 1934

FONTE: IBGE (1986)

Mas essa vocação cultural não fica restrita ao passado. Até os dias de hoje se verifica a grande atratividade da cidade do Rio de Janeiro como pólo cultural e turístico, sendo a principal porta de entrada do turismo estrangeiro no Brasil. Por outro lado, esse fato está se revertendo, especialmente em face da emergência de São

Paulo como grande centro de dinamismo econômico do Brasil e de Brasília como a capital política. Como mostram as experiências de outros países, as atividades artísticas se desenvolvem muito mais nos grandes centros econômicos, tornando-os também em pólos culturais, como aconteceu com Nova Iorque, Paris e Londres.

Enquanto essa tendência não se confirma, o Rio de Janeiro continua sendo a cidade brasileira que mais recebe turistas. E não só ela, mas também outras cidades no estado do Rio de Janeiro tem mostrado vocação turística. De acordo com Bueno (2007) o estado “é caracterizado em diversificação de espaços turísticos, que propicia o desenvolvimento de inúmeras modalidades: segmento tradicional de sol e mar, aventura e eco-turismo, negócios, rural, religioso, cultural e histórico”, tendo, em 2006, recebido 1,6 milhões de turistas estrangeiros e 4,5 milhões de brasileiros.

Por conta de todo esse dinamismo e por questões metodológicas que serão tratadas adiante, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) foi escolhida na presente dissertação como unidade territorial a ser analisada¹⁴. Acredita-se que se a Economia da Cultura for de fato relevante, isso terá que ser apontado pela análise das atividades culturais no espaço considerado.

¹⁴ A intenção inicial era de utilizar a cidade do Rio de Janeiro como unidade territorial de análise. Todavia, a base de dados escolhida, como poderá ser visto no Capítulo 5, toma a Região Metropolitana como maior nível de desagregação geográfica.

CAPÍTULO 3 – OS RUMOS E AS DIFICULDADES DA ECONOMIA DA CULTURA

3.1) A definição de cultura como atividade econômica

No Capítulo 1 desta dissertação procurou-se mostrar o quanto é impreciso e complexo o conceito de cultura. Já no Capítulo 2, a descrição acerca dos antecedentes histórico-culturais do Rio de Janeiro foi o foco da explanação. Um leitor atento perceberia uma grave incongruência: se ao final do Capítulo 1, concluiu-se que cultura é um vocábulo de múltiplos significados, esperar-se-ia que no Capítulo 2 ao se falar de antecedentes culturais, fosse dada uma maior precisão à palavra de acordo com o interesse do escritor naquele momento.

Não foi o que aconteceu. Muitas vezes utilizou-se arte e cultura como sinônimos, definição essa muito limitada quando se tem em mente a explanação (ainda que sintética) acerca da palavra cultura efetuada anteriormente. Uma simplificação tal qual mostrada no segundo capítulo não condiz com o discurso da complexidade que finalizou o primeiro.

Todavia, essa incongruência foi proposital. Ela representa o que talvez seja o maior problema da Economia da Cultura: definir, em termos de atividades econômicas, quais seriam as culturais. Na verdade, o que tem acontecido é que todos os trabalhos ou se esquivam dessa tarefa ou então não são coerentes o suficiente entre si; o fato claro e dito por todos os autores é a necessidade de maior número de trabalhos na área para que se possa compreender melhor essa dimensão econômica da cultura.

A fim de facilitar o entendimento dessa questão, classificar-se-á todos os trabalhos existentes acerca da Economia da Cultura em dois grupos: o grupo que lida com subsetores culturais, ou seja, analisa uma única indústria ou bem cultural (ou um grupo pequeno deles/delas); e o grupo que lida com o setor cultural como um todo, ou

seja, que procura em sua análise abranger todas as atividades que são consideradas nas respectivas análises como culturais.

Em relação ao primeiro grupo, existem já numerosos trabalhos. Por exemplo, trabalhos como o de Connolly & Krueger (2005) que faz uma análise do que se poderia chamar de economia da música, que não só descreve a estrutura da indústria fonográfica, mas também engloba a relação dos artistas com essa indústria bem como com outras fontes de rendimento (*shows* e publicidade).

No Brasil temos o trabalho de Erp & Kornis (2005) sobre a economia da cadeia produtiva do livro que procura explicar a crise dessa indústria no Brasil e comparar com as indústrias de outros países; temos ainda o trabalho de Reis (2004) que procura extrair um modelo de negócio da relação TV aberta x TV por assinatura; outro trabalho importante é o organizado por Prestes Filho & Cavalcanti (2002) em que destaca a força da indústria cultural no estado do Rio de Janeiro, focalizando os setores audiovisual, editorial e musical.

Esse grupo de trabalhos, que lida com um ou mais subsetores específicos, além de contribuir, obviamente, para uma maior compreensão do funcionamento dos seus respectivos subsetores analisados, aponta, indiretamente, para o outro grupo, ao prever a necessidade de uma análise mais agregada.

E esse outro grupo, dos que tentam analisar a cultura na perspectiva de um setor, pretendem dar essa resposta, mas definitivamente não conseguem. E isso, porque esses trabalhos partem de premissas diferentes do que seja cultura. Como consequência, as análises e os resultados não poderão ser os mesmos.

O primeiro trabalho brasileiro, de que temos conhecimento, acerca da Economia da Cultura numa perspectiva agregada é o realizado pela Fundação João Pinheiro (FJP) encomendado pelo Ministério da Cultura em 1996, ainda no primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso.

Este trabalho, intitulado “Diagnóstico dos investimentos em Cultura no Brasil” divide-se em três volumes, quais sejam: “Gastos públicos com cultura no Brasil: 1985-

1995”, “Gastos em cultura realizados por empresas públicas, privadas e suas fundações ou institutos culturais no período de 1990 a 1997” e “O Produto Interno (PIB) das atividades culturais – Brasil – 1980/1985/1994: análise temporal e espacial das atividades que compõem o setor cultural - Brasil, grandes regiões e estados componentes (1980/1985/1991/1994)”. Cada volume é extenso, com quantidades significativas de dados.

E o que esse trabalho da FJP entende como cultura? Curiosamente, uma definição mais direta só é dada no terceiro volume. Assim é dito a respeito do procedimento metodológico, das etapas de trabalho:

“A primeira etapa constitui-se na definição do âmbito do macro-setor (ou complexo) da cultura, contemplando-se não só as atividades econômicas centrais do mesmo, como as atividades de serviços de entretenimento – radiodifusão, televisão, salas de cinema e teatros, e ainda todas as outras atividades cujo produto é, predominantemente, a elas destinado.

Incluem-se, portanto, atividades pertinentes à Indústria de Transformação – como a editoração de livros e publicações do setor cultural, a produção de equipamentos para uso nas indústrias fonográfica e cinematográfica, além da produção de fitas, películas e discos fonográficos. Da mesma maneira, consideram-se também, as atividades de Comércio relacionadas aos produtos industriais enumerados, além dos Serviços Auxiliares às atividades que compõem o núcleo do macrossetor. As atividades das administrações públicas relacionadas com a Cultura também foram consideradas”. (FJP, 1998c, pág. 14)

Cabe um comentário a essa delimitação do setor cultural: é introduzido o conceito de entretenimento, entendendo não fazendo parte das atividades econômicas

centrais do macro-setor cultura. Ainda que a FJP tenha especificado alguns exemplos dessas atividades, é clara a idéia de que cultura não é igual a entretenimento, mas que o segundo está contido no primeiro. O que se gera é uma confusão conceitual ainda maior: se já não se sabe com clareza o que seria cultura, como defini-la introduzindo um outro conceito como entretenimento e colocando-o como um conjunto menor e periférico dentro do conjunto maior cultura? Isso traz apenas mais nebulosidade para o que está se tentando definir.

No entanto, ainda que possam ser tecidas críticas, não se pode esquecer que este foi, até onde se sabe, o primeiro trabalho acerca da Economia da Cultura de forma agregada no Brasil, constituindo-se, portanto, numa primeira tentativa real de se compreender melhor o “setor cultural”, sendo extremamente relevante por conta disso.

E uma das informações que consta nesse trabalho é a de que em 1994, o Produto Interno Bruto – PIB - cultural foi aproximadamente igual a 1% do PIB total do Brasil. Informação essa que até hoje não foi atualizada pela FJP e nem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que recentemente vem realizando estudos na área de cultura, sendo, portanto, o único dado proveniente de institutos de pesquisa públicos que se tem de fato acerca do PIB Cultural.

Existem, no entanto, outros dados oriundos de outras fontes. O ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil, em ao menos duas situações já citou outras porcentagens. Em 2005, o ministro disse a cultura representar 10% do PIB nacional¹⁵, enquanto, em 2006, declarou ser uma porcentagem mais modesta que a anterior: 5% do PIB nacional¹⁶. Apenas por curiosidade, vale destacar ainda o que se diz acerca da Economia da Cultura no sítio do Ministério da Cultura. Existe uma sub-seção denominada o PIB da Cultura, dentro da seção Economia da Cultura no portal, cujos dados partem da pesquisa da FJP e assim diz:

¹⁵ Informações da Câmara Brasileira do Livro. Notícia disponível em <http://www.cbl.org.br/content.php?recid=1550&type=>

¹⁶ Informação dada em discurso na Universidade Federal Fluminense por ocasião da aula magna para o curso de graduação em Produção Cultural da instituição. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/noticias/discursos/index.php?p=15457&more=1&c=1&pb=1>

“Senão o mais importante, um dos achados mais interessantes da pesquisa de economia da cultura encomendada pelo Ministério da Cultura é que, com a estrutura de atividades culturais de 1994 (último ano para o qual existem dados abrangentes e confiáveis)¹⁷, para cada milhão de reais gastos na área, no Brasil, geram-se 160 postos de trabalho diretos e indiretos (...) Quanto ao PIB da cultura (valor adicionado à economia pelas atividades específicas da área cultural), o conjunto das atividades da área representava, em 1994, 0,8% da economia brasileira”. (MINC, disponível em http://www.cultura.gov.br/politicas/dados_da_cultura/economia_da_cultura)

Fato no mínimo curioso o Ministro da Cultura citar estatísticas, que segundo o próprio sítio do Ministério não seriam confiáveis.

O outro trabalho brasileiro acerca da Economia da Cultura que merece destaque é o Sistema de Informações e Indicadores Culturais publicado pelo IBGE, que nutre uma parceria com o MinC desde 2004. É de se supor que este trabalho viria a ser sucessor do realizado pela FJP, já que não só o MinC firmou parceria com o IBGE, como na introdução do estudo, consta como um dos pontos de partida o trabalho pioneiro realizado pela FJP.

O Sistema de Informações e indicadores Culturais toma como cultura a definição dada pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), que conforme é citado no próprio estudo, entende que a cultura seja composta pelas atividades relacionadas

“(...) à criação, produção, e comercialização de conteúdos que são intangíveis e culturais em sua natureza. Estes conteúdos estão protegidos pelo direito autoral e podem tomar a forma de bens e

¹⁷ O parênteses é original do site.

serviços. São indústrias em trabalho e conhecimento e que estimulam a criatividade e incentivam a inovação dos processos de produção e comercialização”. (UNESCO, apud IBGE, 2007b, pág. 16)

Essa citação, contudo, é de um informe da UNESCO divulgado em 2004. A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural também da UNESCO, por outro lado, aprovada em 2001 e ratificada por diversos países, incluindo o Brasil, diz reafirmar

“que a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças¹⁸” (UNESCO, 2001).

E não se pode esquecer ainda da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO (2005), que foi ratificada pelo Brasil em 2007, que entende que

“atividades, bens e serviços culturais refere-se a atividades, bens e serviços que, considerados sobre o ponto de vista da sua qualidade, uso ou finalidade específica, incorporam ou transmitem expressões culturais, independentemente do valor comercial que possam ter. As atividades culturais podem ser um fim em si mesmas, ou contribuir para a produção de bens e serviços culturais)”. (UNESCO, 2005, pág 6)

¹⁸ Conforme é citado no próprio documento disponível em http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/decunivdiversidadecultural.doc a definição está conforme as conclusões da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIACULT, México, 1982), da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (Nossa Diversidade Criadora, 1995) e da Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento (Estocolmo, 1998).

Apesar das diversas reflexões e conceitos divulgados pela UNESCO, cabe ressaltar que para os fins da presente dissertação, mais relevante que uma definição política de cultura é uma definição econômica das atividades culturais.

Quanto a isso, o IBGE no trabalho citado “optou por excluir do âmbito da atividade cultural as atividades econômicas estritamente ligadas ao turismo, esporte, meio ambiente e religião, que compreendem atividades culturais em alguns países” (IBGE, 2007b, pág 18).

Todavia, mais uma vez é necessário fazer um comentário. Em outro estudo publicado também pelo IBGE, a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) aplicada à Cultura trabalha com uma outra concepção de cultura. Como pode ser observado no Anexo I, a MUNIC – Cultura, considera estádios, ginásios poliesportivos e *shoppings centers*, como equipamentos culturais.

Certamente, não se desconsidera o fato de que as pesquisas tenham sido realizadas por equipes diferentes, e que, naturalmente, não teriam a necessidade de seguirem rigorosamente o mesmo critério de definição para cultura. Mais importante, para essa dissertação, do que se detectar incongruências e efetuar críticas aos trabalhos das instituições públicas fornecedoras de estatísticas é mostrar ao leitor o quão imprecisas e ainda não suficientemente bem formuladas as definições que se tem dado para o setor cultural.

Existe uma demanda muito grande por parte dos formuladores de políticas públicas de indicadores da cultura, o que tem incitado não desprezível número de trabalhos. Contudo, a questão permanece: o que é cultura? Que significado real tem em se enumerarem diversos dados e estatísticas se não se sabe nem com clareza quais atividades são culturais?

A ausência de uma definição de cultura em termos de atividades econômicas que seja minimamente consensual faz com que os resultados encontrados pelos diversos trabalhos em Economia da Cultura sejam mais mutuamente exclusivos do que complementares. Concepções distintas de cultura levam a conclusões igualmente

diferentes. Como consequência, a própria linha de investigação científica é prejudicada, já que não consegue definir com clareza seu objeto de estudo.

Entendendo ser crucial a resolução dessa questão, essa dissertação dedicará grande espaço a ela, procurando estabelecer elos entre as pesquisas consideradas importantes pelo autor e a própria dissertação. Espera-se que, procedendo desta maneira, seja possível formar um núcleo comum da cultura.

3.2) Atividades culturais e desenvolvimento

Durante as cinco últimas décadas do século XX, as indústrias culturais têm sido abordadas de diversas formas por sociólogos, antropólogos e historiadores. Entretanto, todo o debate em torno desse tema sempre relaciona as indústrias culturais com o “imperialismo cultural”: essas indústrias são percebidas como poderosos aparelhos ideológicos, cuja função é massificar e homogeneizar a cultura, de forma que surjam novos tipos de identidades baseados no consumo.

Entretanto, há poucos anos, entre os estudiosos ibero-americanos começa a surgir a noção de que as indústrias culturais tem um papel importante nos processos de desenvolvimento, impactando relevantes variáveis econômicas como a renda e o emprego. Surge então uma nova corrente de pensamento que enxerga as indústrias culturais não mais como uma ameaça, mas sim como uma oportunidade.

É necessário termos em mente que a tecnologia teve e ainda tem um papel fundamental no advento e fortalecimento das indústrias culturais. Isso porque os avanços tecnológicos influenciam tremendamente os processos produtivos, mas também têm impacto sobre a cultura. De acordo com Celso Furtado (2003):

“Não há como negar que a evolução tecnológica dos suportes permitiu que se intensificasse a difusão da mensagem artístico-cultural. Sem a invenção da imprensa, a cultura clássica não teria

penetrado no mundo europeu nos séculos XVI e XVII da forma massiva que conhecemos, motivando uma explosão de criatividade”.

A nossa época é caracterizada pela autonomia e crescente importância do suporte, em que a evolução tecnológica acaba por influenciar a própria natureza da mensagem. O teatro se desdobrou no cinema assim como o concerto musical ao vivo se desdobrou em CD e mais recentemente em DVD.

A grande questão, porém, ao trabalharmos com cultura como processo produtivo é percebermos certas peculiaridades. Enquanto na visão econômica temos que o trabalho é um fator de produção e, nesse sentido, tem a sua produtividade aumentada quando há o incremento do acúmulo de técnicas, no mercado de artes funciona de forma diferente: o trabalho não é um meio, mas sim o objetivo final (ver atores atuando em uma peça é o objetivo de quem vai ao teatro), tornando estranho, dessa forma, o conceito de produtividade.

Uma outra questão importante é sempre lembrarmos que embora a cultura possa ser um setor produtor de riqueza, ela não pode ser reduzida à dimensão econômica, pois tem implicações também na dimensão simbólica: os bens culturais não são só mercadorias, mas sim recursos para a produção de arte e diversidade, identidade nacional e soberania cultural, acesso ao conhecimento e a visões plurais do mundo. Possuem ao mesmo tempo um valor econômico e cultural.

A transformação rápida e profunda das indústrias culturais no final do século XX gera desafios cruciais para os responsáveis de políticas culturais a nível nacional e regional. Fatores vinculados ao avanço tecnológico, aos processos de concentração empresarial e transnacionalização, tem provocado um forte impacto nos mecanismos nos quais as culturas nacionais são geradas e reproduzidas, contribuindo para a introdução de importantes transformações tecno-econômicas, ideológicas e institucionais.

Observa-se também que os países com indústrias culturais poderosas possuem, de forma direta ou indireta, a capacidade de dar impulso aos movimentos culturais endógenos e incrementar significativamente suas possibilidades de modelar os processos políticos, socioculturais e econômicos além de suas fronteiras.

É nessa conjuntura que se percebe a crescente necessidade de políticas públicas direcionadas para a cultura. Um primeiro passo nesse sentido foi o Protocolo de Integração Cultural assinado pelos países-membros do Mercosul. Esse protocolo representou um divisor de águas para a intensificação do intercâmbio cultural e dispôs uma série de compromissos entre os países do Mercosul envolvendo a cooperação e o intercâmbio entre instituições e agentes culturais, particularmente arquivos históricos, bibliotecas, museus e outras instituições responsáveis pelo patrimônio histórico e cultural, a promoção de programas e projetos conjuntos, produção e co-produção de eventos culturais, formação de recursos humanos, pesquisa de temas históricos e culturais e a promoção cultural em países fora do bloco (VAZ, 2003).

Atualmente passamos por uma nova fase do capitalismo, marcada pelas grandes inovações tecnológicas, como já mencionado anteriormente. Seu foco está nos bens intangíveis, entendendo-os como bens de maior valor agregado e de produção “limpa” (não degradam o meio-ambiente). Passa-se a falar em “indústria de conteúdo”, que deverá produzir informação e conhecimento, tendo como matéria-prima a criatividade.

Esse tipo de indústria passa a ser considerado como um grande potencial para o desenvolvimento. Nas Diretrizes da PITCE – Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior, publicada no ano de 2003, a indústria de *software* é tida como uma vantagem comparativa brasileira no comércio exterior, sendo uma opção estratégica eleita pelo Ministério do Desenvolvimento do Brasil.

Mas as atenções não se restringem apenas à indústria de *software*. A Economia da Cultura tem grande sintonia com essa nova fase do capitalismo e as indústrias culturais tem sido, então, igualmente entendidas como promotoras do

desenvolvimento, tanto a nível nacional como regional, tanto a nível econômico como social. Paula Porta (2008), assessora especial do Ministro da Cultura, afirma que há um conjunto de características que vem conferindo à Economia da Cultura *status* de setor estratégico na pauta das estratégias de modernização e desenvolvimento, quais sejam:

- a) a geração de produtos com alto valor agregado, cujo valor de venda é em grande medida arbitrável pelo criador;
- b) a alta empregabilidade e a diversidade de empregos gerados em todos os níveis, com remuneração acima da média dos demais;
- c) o baixo impacto ambiental;
- d) seu impacto positivo sobre outros segmentos da economia, como no caso da relação direta entre a produção cultural e a produção e venda de aparelhos eletrônicos (tv, som, computadores etc.) que dependem da veiculação de conteúdo;
- e) suas externalidades sociais e políticas são robustas. Os bens e serviços culturais carregam informação, universos simbólicos, modos de vida e identidades; portanto, seu consumo tem um efeito que abrange entretenimento, informação, educação e comportamento. Desse modo, a exportação de bens e serviços culturais tem impacto na imagem do país e na sua inserção internacional;
- f) o fato do desenvolvimento econômico desse setor estar fortemente vinculado ao desenvolvimento social, seja pelo seu potencial altamente inclusivo, seja pelo desenvolvimento humano inerente à produção e à fruição de cultura;

g) o potencial de promover a inserção soberana e qualificada dos países no processo de globalização.

No entanto, muito mais que portadoras de futuro, as atividades culturais já são relevantes economicamente no presente. Diversos estudos, como os da Fundação João Pinheiro (FJP), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Banco Mundial, têm indicado uma participação significativa das atividades culturais no total das atividades econômicas.

O estudo da FJP mostrou que em 1994 o PIB da cultura correspondeu a 0,8% do PIB total brasileiro, onde a cada um milhão de reais investidos no setor geram 160 empregos diretos e indiretos. Já o IBGE, trabalhando em parceria com o MinC, indica que, em 2005, atuaram no país 321 mil empresas voltadas à produção cultural, que geram cerca de 1,6 milhão de empregos formais. Além disso, a pesquisa mostra que as pessoas ocupadas assalariadas nas atividades culturais auferiam, em média, remunerações médias mensais mais elevadas que o total de pessoas ocupadas nas empresas formalmente constituídas: R\$ 1.565,74 contra R\$ 1.060,48, ou seja, cerca de 47,64% superior (IBGE, 2007b).

Outra pesquisa do IBGE, a MUNIC – Cultura indica o grande crescimento dos equipamentos culturais, como salas de cinema, teatros, museus e bibliotecas, além do aumento do número de lojas que comercializam produtos culturais, como lojas de CD e DVD (IBGE, 2007c).

O que essas pesquisas indicam e que se constitui na hipótese norteadora desta dissertação é o fato das atividades culturais serem relevantes para a economia brasileira e para as economias locais onde se realizam, impactando o nível de emprego e contribuindo para o desenvolvimento da localidade. Além disso, essas atividades são um importante vetor do desenvolvimento por serem ambientalmente aceitáveis e importantes veículos de informação, gerando externalidades positivas, como por exemplo, a valorização da identidade nacional.

Por outro lado, essa dissertação se diferencia das demais pesquisas na questão metodológica, o que inevitavelmente dará em resultados distintos, razão pela qual foram citados poucos números acerca das atividades culturais até então¹⁹. Conforme discutido no Capítulo 1 e retomado na primeira parte deste capítulo, não existe um consenso acerca do conceito de cultura, possuindo diversos significados de acordo com sua condicionalidade histórica e social, o que implicará em definições de atividades culturais distintas. Essas diferenças serão retratadas nos capítulos seguintes.

No entanto, por mais difícil que seja delimitar o que é ou o que não é cultura, existe algum consenso de que a Região Metropolitana do Rio de Janeiro conta com a manifestação de numerosas atividades culturais, o que justifica um olhar mais atento e preciso dessas atividades.

Partindo, então, da hipótese recorrente em todo o trabalho de que as atividades culturais são significativas do ponto de vista econômico, resta mensurar essa participação. Conforme veremos adiante, a variável escolhida para atingir esse objetivo será o emprego. Dessa forma, procurar-se-á estimar o emprego cultural e sua evolução na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

¹⁹ Os dados acima foram apresentados mais com o intuito de apontar o sentimento generalizado de que a cultura tem impacto econômico significativo do que propriamente medir esse impacto.

PARTE II

REFLEXÕES SOBRE A TIPOLOGIA SETORIAL
RELATIVA ÀS OCUPAÇÕES: MENSURAÇÃO E
CONCENTRAÇÃO DO EMPREGO CULTURAL NA
REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

A Parte II dessa dissertação tem como finalidade apresentar a metodologia utilizada bem como os resultados obtidos por meio da base de dados selecionada. Não será realizada neste momento uma análise sobre os dados levantados; apenas comentários gerais e destaques. A análise, propriamente dita, será realizada na Parte III, quando conclusões serão obtidas a partir dos referidos dados.

O Capítulo 4 é dedicado exclusivamente para a resolução, ainda que temporária, da principal dificuldade metodológica: a delimitação do emprego cultural. Serão apresentadas e discutidas as propostas de dois trabalhos que podem ser considerados referências no tema em questão, de forma a permitir uma terceira estruturação que servirá de base para os capítulos seguintes.

O Capítulo 5 é formado por três partes: duas essencialmente metodológicas e uma relacionada a resultados. A primeira parte consiste na escolha da base de dados; são apresentadas duas bases de dados e definidas diretrizes a serem observadas, para que seja escolhida a que (melhor) atende a essas diretrizes.

A segunda parte do capítulo consiste na descrição das variáveis que serão utilizadas, bem como na determinação do período a ser considerado. Mostra ainda algumas questões estatísticas importantes, como amostra, fatores e coeficientes de variação. Já a terceira parte do capítulo apresenta resultados relativos ao emprego cultural (principal, secundário e total) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, seguindo a estruturação proposta no capítulo anterior.

O Capítulo 6, último capítulo da Parte II, é, assim como a terceira parte do Capítulo 5, focado nos resultados. O objetivo deste capítulo é comparar os resultados obtidos no capítulo anterior com dados referentes ao Estado do Rio de Janeiro e ao Brasil, de forma a detectar a existência ou não de concentração dos empregos culturais na RMRJ.

Ao final dessa parte o leitor deverá ter ciência da base de dados escolhida e porquê dessa escolha. Deverá ainda possuir algumas impressões gerais acerca do trabalho cultural, a partir dos resultados indicados.

CAPÍTULO 4 – A DEFINIÇÃO DAS OCUPAÇÕES CULTURAIS

Este capítulo tem como finalidade a delimitação do setor cultural. Como já enunciado algumas vezes na presente dissertação, o conceito cultura é de difícil definição, e, dessa forma, toda e qualquer tentativa de precisá-lo carrega em si a grande possibilidade de falha, seja pela inclusão ou exclusão de elementos.

Contudo, tal dificuldade não se deve constituir obstáculo proibitivo para a análise das ocupações culturais, que recentemente vêm despontando interesse no mundo acadêmico. Isso porque as definições e classificações são inerentes ao trabalho científico, sem as quais muitos projetos de pesquisa tornar-se-iam inviáveis ou muito pouco elucidativos.

Sendo assim, cabe ressaltar que a delimitação de atividades culturais que aqui será proposta não se constitui objeto de amplo consenso ou de recorrente menção. Ela parte de reflexões pessoais, baseadas, em grande medida, em outros estudos já realizados que discorrem acerca desta tônica. Destacam-se dois estudos: do IBGE, Sistema de Informações e Indicadores Culturais, e o de Silva (2007) Economia e Política Cultural: acesso, emprego e financiamento²⁰.

4.1) Economia e Política Cultural: acesso, emprego e financiamento

Esse estudo corresponde ao terceiro volume da Coleção Cadernos de Políticas Culturais publicado pelo Ministério da Cultura em 2007, realizado em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Nesse volume são abordadas diversas questões acerca do emprego cultural, variável crucial da presente dissertação.

²⁰ Por questão de entendimento, no decorrer do texto o trabalho de Silva(2007) será chamado de trabalho do IPEA.

Contudo, a delimitação do setor cultural proposta no referido trabalho não é única. São apresentadas duas diferentes estruturas, embora com muitas interseções, das atividades culturais. Em ambas o setor cultural é dividido em sub-setores que, por sua vez apresentam algumas divisões internas. As duas estruturas, todavia, são apresentadas em momentos distintos no caderno.

A seleção das atividades culturais proposta no Quadro 4.1 abaixo se estrutura de forma peculiar²¹. Como uma primeira particularidade destacamos a apresentação de dois subgrupos que tratam da arte.

Quadro 4.1 - Setor Cultural no Brasil

1. Comunicação de massas
1.1 Rádio e TV
1.2 Indústria gráfica e comércio de jornais
1.3 Serviço e indústria de equipamentos
2. Sistemas restritos de informação
3. Artes e cultura de elite
3.1 Arquitetura
3.2 Desenho / Design
3.3 Artes plásticas
3.4 Fotografia
3.5 Ourivessaria e joalheria
3.6 Literatura, crítica de arte e jornalismo
4. Patrimônio e cultura popular
4.1 Arquivo e biblioteca
4.2 Serviços religiosos
4.3 Artesanato
5. Espetáculo ao vivo e atividades artísticas
5.1 Música
5.2 Artes e espetáculos
5.3 Circo
5.4 Direção e produção artística
5.5 Cinema e audiovisual
5.6 Apoio técnico
6. Educação
7. Esporte

FONTE: SILVA (2007)

²¹ Todas as informações que não são estatísticas serão dispostas em quadros. As que possuem conteúdo estatístico virão nas tabelas.

O primeiro subgrupo que trata de arte – Artes e cultura de elite – apresenta problemas logo em sua nomeação já que inclui um termo de difícil conceituação e de provável cunho ideológico que é “cultura de elite”.

O segundo subgrupo, por sua vez – Espetáculo ao vivo e atividades artísticas – tem entre seus itens “Artes e espetáculos” que causa uma estranheza já que não se tem muita precisão sobre quais atividades estariam compreendidas, levando a questionar se essas atividades já não estão enquadradas em outros itens ou subgrupos.

A maior crítica a essa delimitação proposta é a inclusão da Educação como parte do setor cultural. Por mais que os conceitos nem sempre sejam precisos, já há um certo consenso de que a Educação e a Cultura devem ser analisadas como atividades distintas, tanto que a tendência nas administrações públicas é a criação de secretarias e ministérios separados.

Um leitor poderia indagar se o tópico Educação não estaria se referindo exclusivamente à educação relacionada à cultura, como, por exemplo, os professores de arte. Todavia, isso não seria possível, já que, como veremos mais a frente, todas as pesquisas que lidam com emprego se utilizam da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO – que ao tratar da Educação, não a distingue por esfera do conhecimento, mas sim pelos diversos níveis educacionais. Assim, um professor de Matemática que leciona na 6ª. Série recebe o mesmo código na classificação que um professor de Artes que leciona na série em questão. Por outro lado, esse mesmo professor de Matemática tem um código distinto pela CBO quando comparado a um professor de Matemática que leciona no Ensino Médio²².

Sendo assim, por mais que existam professores de artes, que poderiam ser entendidos como trabalhadores do setor cultural, a inclusão da educação nesse setor causa uma enorme distorção no cálculo do emprego cultural. Tal fato, contudo, não

²² Há duas exceções. Os professores de educação física e aqueles que lecionam para alunos com deficiência física e mental possuem códigos distintos. No Anexo II podem ser observados os códigos ocupacionais relacionados à educação.

passou despercebido no estudo do IPEA, tanto que na análise empreendida que estimou a percentagem do mercado de trabalho cultural foram apresentados dois resultados: um que incluía a educação e outro que a não incluía. Conforme pode ser visto na Tabela 4.1 abaixo, as atividades educacionais estando inclusas no setor cultural respondem por mais da metade dos empregos desse setor. Dessa forma, a inclusão ou não deste tópico impacta de forma profunda a análise do setor cultural.

Tabela 4.1 - Mercado de trabalho cultural no Brasil, 1992-2001

Área/ ano	1992	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2001
1. Comunicação de massas	529.901	474.006	566.183	556.431	576.880	601.918	632.936	632.463
2. Sistemas restritos de informação	64.882	66.582	90.091	81.631	87.321	104.241	101.550	158.368
3. Artes e cultura de elite	317.528	330.965	351.944	307.185	335.773	332.165	327.578	388.972
4. Patrimônio e cultura popular	349.028	361.715	332.030	314.295	270.673	288.949	327.332	395.483
5. Espetáculo vivo e atividades artísticas	135.227	139.351	154.377	175.492	184.642	213.406	202.459	226.766
6. Educação	1.869.815	1.981.072	2.067.560	2.090.889	2.107.324	2.228.535	2.271.523	2.430.232
7. Esporte	72.818	83.326	105.361	108.059	120.224	125.551	124.150	128.426
Total do mercado de trabalho cultural	3.339.199	3.437.017	3.667.546	3.633.982	3.682.837	3.894.765	3.987.528	4.360.710
Total geral	65.395.491	66.569.757	69.628.608	68.040.206	69.331.507	69.963.113	71.676.219	75.458.172
Total do mercado de trabalho cultural	5,1%	5,2%	5,3%	5,3%	5,3%	5,6%	5,6%	5,8%
Participação da cultura sem considerar a educação	2,2%	2,2%	2,3%	2,3%	2,3%	2,4%	2,4%	2,6%

FONTE: SILVA (2007)

Cabe observar ainda a inclusão de Esportes e de serviços religiosos (dentro do item Patrimônio e cultura popular) como atividades culturais. Outros trabalhos, como o Sistema de Informações e Indicadores Culturais do IBGE, que será citado posteriormente, não consideram tais atividades em suas análises.

A segunda delimitação proposta, conforme pode ser observada no Quadro 4.2 abaixo, apresenta algumas notórias diferenças em relação à anterior. Não há, em primeiro lugar, nenhum subgrupo “Artes” ou algo semelhante, estando as possíveis atividades culturais nele inclusas explicitadas em sub-setores próprios, como os itens 2 (Fonografia), 4 (Atividades Fotográficas), 5 (Atividades de cinema e vídeo) e 7 (Teatro, música e espetáculos).

Quadro 4.2 - Atividades Culturais

1. Edição de livros e leitura
1.1 Edição de jornais
1.2 Edição de revistas
1.3 Edição de livros
1.4 Outras atividades de edição
1.5 Comércio varejista de livros, jornais revistas e papelaria
2. Fonografia
2.1 Edição de discos, fitas e outros materiais gravados
2.2 Reprodução de discos e fitas
3. Publicidade
4. Atividades Fotográficas
5. Atividades de cinema e vídeo
5.1 Reprodução de filmes
5.2 Reprodução de fitas de vídeos
5.3 Produção de filmes cinematográficos e fitas de vídeo
5.4 Distribuição de filmes e vídeos
6. Atividades de rádio e televisão
6.1 Atividades de rádio
6.2 Atividades de televisão
6.3 Atividades de agência de notícias
7. Teatro, música e espetáculos
7.1 Atividades de teatro, música e outras atividades artísticas e literárias
7.2 Gestão de salas de espetáculos
7.3 Outras atividades de espetáculos, não especificadas anteriormente
8. Conservação do patrimônio
8.1 Atividades de bibliotecas e arquivos
8.2 Atividades de museus e conservação do patrimônio histórico
9. Entretenimento e outras atividades ligadas à cultura

FONTE: SILVA (2007)

Em segundo lugar, não há inclusão, numa observação inicial, da educação, do esporte e dos serviços religiosos, como foi apresentado no Quadro 4.1. Em terceiro lugar, é apresentado um item residual – o item 9 (Entretenimento e outras atividades ligadas à cultura) -, o que é prejudicial para a tentativa de delimitação do setor cultural. Isso porque, conforme já dito no Capítulo 1, ainda persiste nos dias de hoje a noção de cultura como resíduo. Dessa forma, se a intenção for afirmar a existência de um setor cultural, não se limitando a atestar a sua identidade como a negação de todos os

outros setores, incluir um item residual que possui grande participação relativa no total dos empregos culturais²³ é ir contra o objetivo proposto.

Além disso, tal item – Entretenimento e outras atividades ligadas à cultura – quando observado em níveis mais desagregados mostra a inclusão de atividades esportivas, o que não estava explícito no Quadro 4.2. No entanto, a educação e os serviços religiosos permanecem fora dessa estrutura.

²³ Conforme pode ser observado na Tabela 4.2, o item “Outras atividades relacionadas à cultura” é o segundo com maior peso: 20,6% do total de empregos formais do setor cultural em 2002.

Tabela 4.2 - Estoque de empregos formais culturais em 2002

Atividades relacionadas à cultura	Total	%
1. Livro e leitura	101.793	13,7
Impressão de jornais, revistas e livros	15.258	2,1
Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria	86.535	11,7
2. Atividades de rádio, televisão e telecomunicações	246.090	33,2
Fabricação de equipamentos transmissores de rádio e televisão	7.667	1,0
Fabricação de aparelhos telefônicos, sistemas de intercomunicação	9.600	1,3
Fabricação de aparelhos receptores de rádio e televisão	14.899	2,0
Atividades de rádio	30.066	4,1
Atividades de televisão	39.857	5,4
Construção de estações e redes de telefonia e comunicação	35.466	4,8
Atividades de agências de notícias	2.118	0,3
Telecomunicações	106.417	14,4
3. Indústria fonográfica	4.213	0,6
Edição de discos, fitas e outros materiais gravados	1.216	0,2
Reprodução de discos e fitas	2.702	0,4
Fabricação de discos e fitas virgens	295	0,0
4. Atividades de cinema e vídeo	17.266	2,3
Produção de filmes cinematográficos e fitas de vídeo	5.778	0,8
Distribuição de filmes e de vídeos	3.093	0,4
Projeção de filmes e de vídeos	7.374	1,0
Reprodução de fitas e de vídeos	1.021	0,1
5. Fabricação de computadores	6.166	0,8
6. Arquitetura	139.271	18,8
Grande estruturas e obras de arte	32.013	4,3
Serviços de arquitetura e engenharia	107.258	14,5
7. Publicidade	38.471	5,2
8. Atividades fotográficas	12.186	1,6
9. Espetáculo vivo	19.490	2,6
Atividades de teatro, música e outras atividades artísticas e literárias	11.271	1,5
Gestão de salas de espetáculos	1.592	0,2
Outras atividades de espetáculos, não especificadas anteriormente	6.627	0,9
10. Bibliotecas, museus, arquivos, patrimônio histórico, artístico e ambiental	3.232	0,4
Atividades de bibliotecas e arquivos	985	0,1
Atividades de museus e conservação do patrimônio histórico	740	0,1
Atividades de jardins botânicos, zoológicos, parques nacionais	1.507	0,2
11. Outras atividades relacionadas à cultura	152.781	20,6
Fabricação de instrumentos musicais	2.557	0,3
Atividades desportivas	76.891	10,4
Outras atividades relacionadas ao lazer	73.333	9,9
Total	740.959	100,0

FONTE: SILVA (2007)

Deve-se atentar ainda para um outro fato: se o leitor comparar a proposta de setor cultural mostrada no Quadro 4.2 com a Tabela 4.2, todos esses retirados do Capítulo 4 do Caderno 3 do IPEA, verá que existem diferenças também entre eles.

Nas tabelas são inclusos dois novos subgrupos que não apareciam no quadro: Arquitetura e Fabricação de computadores²⁴.

Como já dito anteriormente, não é objetivo da presente dissertação procurar incoerências e tecer críticas aos trabalhos aqui citados, uma vez que a Economia da Cultura é uma linha de pesquisa recente e, portanto, são muitas as dificuldades encontradas pelos diversos pesquisadores.

Todavia, notar essas incongruências é importante, especialmente porque, no caso em questão, o item Arquitetura responde por 18,8% do estoque de empregos formais culturais em 2002, sendo extremamente importante defini-lo dentro ou fora da delimitação proposta. O item Fabricação de computadores, por sua vez, possui uma participação mais modesta, com 0,8% dos empregos formais culturais.

As duas estruturações do setor cultural apresentadas no trabalho do IPEA serviram como base para a definição que será proposta posteriormente. O que se percebeu de mais relevante por meio da análise dessas formulações é a exclusão da educação do setor cultural, pois abarca uma multiplicidade de profissionais, incluindo ocupações que dificilmente poderiam ser entendidas como culturais (o caso do professor de matemática, por exemplo). A não-consideração da educação ainda evita um efeito altamente distorcido na análise do setor cultura, como já demonstrado.

4.2) Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005 – IBGE

O Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005 publicado em 2007 pelo IBGE foi outro estudo considerado na presente dissertação. Diferentemente do Caderno do IPEA anteriormente apresentado, a estruturação proposta para

²⁴ Cabe maior esclarecimento: as atividades constantes no Quadro 4.2 foram selecionadas como as atividades culturais que compõem o setor cultural. No entanto, quando são apresentados os dados referentes à cultura (Tabela 4.2), aparecem dois novos itens (Arquitetura e Fabricação de computadores) que não constavam na primeira relação.

atividades e ocupações culturais não foi realizada por meio de sub-grupos, mas através do levantamento, a nível mais desagregado, das atividades e ocupações a serem consideradas.

Junto a este elenco, são apresentados os respectivos códigos utilizados pela Classificação Nacional das Atividades Econômicas aplicadas em pesquisas domiciliares – CNAE-Domiciliar - para o caso das atividades, e pela Classificação Brasileira de Ocupações aplicadas igualmente em pesquisas domiciliares – CBO-Domiciliar – para o caso das ocupações. O Quadro 4.3 apresenta a relação de atividades consideradas como culturais, enquanto o Quadro 4.4 aponta a relação de ocupações entendidas como o setor cultural.

Quadro 4.3 - Atividades econômicas características de cultura

Atividade	Código CNAE
Edição, impressão e reprodução de gravações	22000
Fabricação de aparelhos, instrumentos e materiais ópticos, fotográficos e cinematográficos	33004
Comércio de livros, revistas e papelaria	53062
Produção de filmes cinematográficos e fitas de vídeo	92011
Distribuição projeção de filmes e de vídeos	92012
Atividades de rádio	92013
Atividades de televisão	92014
Outras atividades artísticas e de espetáculos	92015
Atividades de agências de notícias	92020
Bibliotecas, arquivos, museus e outras atividades culturais	92030
Atividades desportivas e outras relacionadas ao lazer	92040
Aluguel de objetos pessoais e domésticos	71030
Publicidade	74030

FONTE: IBGE (2007a)

Quadro 4.4 - Ocupações tipicamente culturais

Ocupação	Código CBO
Professores e instrutores (com formação de nível superior) no ensino profissional	2330
Profissionais de <i>marketing</i> , publicidade e comercialização	2531
Profissionais de jornalismo	2611
Profissionais da informação	2612
Arquivologistas e museólogos	2613
Filólogos, tradutores e intérpretes	2614
Escritores e redatores	2615
Especialistas em editoração	2616
Locutores e comentaristas	2617
Produtores de espetáculos	2621
Coreógrafos e bailarinos	2622
Atores, diretores de espetáculos e afins	2623
Compositores, músicos e cantores	2624
Desenhistas industriais (<i>designer</i>), escultores, pintores e afins (inclui o artesão)	2625
Decoradores de interiores e cenógrafos	2627
Professores (com formação de nível médio) no ensino profissionalizante	3313
Professores leigos no ensino profissionalizante	3322
Instrutores e professores de escolas livres	3331
Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação	3524
Leiloeiros e avaliadores	3544
Técnicos em biblioteconomia	3711
Técnicos em museologia	3712
Técnicos em artes gráficas	3713
Cinegrafistas	3721
Fotógrafos	3722
Técnicos em operações de máquinas de transmissão de dados	3723
Técnicos em operação de estação de rádio	3731
Técnicos em operação de estação de televisão	3732
Técnicos em operação de aparelhos de sonorização	3741
Técnicos em operação de aparelhos de cenografia	3742
Técnicos em operação de aparelhos de projecção	3743
Decoradores e vitrinistas de nível médio	3751
Bailarinos de danças populares	3761
Músicos e cantores populares	3762
Palhaços, acrobatas e afins	3763
Apresentadores de espetáculos	3764
Modelos	3765
Escriturários de serviços de biblioteca e documentação	4151
Confeccionadores de instrumentos musicais	7421
Supervisores de joalheria e afins	7501
Supervisores de vidaria, cerâmica e afins	7502
Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semipreciosos	7519
Sopradores e moldadores de vidro e afins	7521
Cortadores, polidores, jateadores e gravadores de vidros e afins	7522
Ceramistas (preparação e fabricação)	7523
Vidreiros e ceramistas (acabamento e decoração)	7524
Supervisores das artes gráficas	7606
Trabalhadores da preparação da tecelagem	7611
Operadores da preparação da tecelagem	7612
Operadores de tear e máquinas similares	7613
Trabalhadores polivalentes das artes gráficas	7660
Trabalhadores da pré-impressão gráfica	7661
Trabalhadores da impressão gráfica	7662
Trabalhadores do acabamento gráfico	7663
Trabalhadores de laboratório fotográfico	7664
Trabalhadores artesanais da tecelagem	7681
Trabalhadores artesanais da confecção de roupas	7682
Trabalhadores artesanais da confecção de calçados e artefatos de couros e peles	7683
Trabalhadores tipográficos, linotipistas e afins	7686
Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)	7687
Reparadores de instrumentos musicais	9152
Mantenedores de equipamentos de lazer	9912

FONTE: IBGE (2007a)

A primeira observação a ser feita diz respeito à correspondência das atividades às ocupações. Ambas as perspectivas tratam do setor cultural, todavia, não são totalmente consistentes entre si²⁵. Um exemplo claro disso é “atividades desportivas e outras relacionadas ao lazer” que incluem na mesma rubrica dois tipos de ocupações, como o próprio nome sugere. A consequência disso são duas delimitações diferentes, embora próximas, uma vez que as atividades esportivas não são consideradas no Quadro 4.4, mas são no Quadro 4.3, ainda que não fosse o objetivo²⁶.

Quanto à proposta de conceituação propriamente dita do referido trabalho, “optou-se por excluir do âmbito da atividade cultural as atividades econômicas estritamente ligadas ao turismo, esporte, meio-ambiente e religião, que compreendem atividades culturais em alguns países” (IBGE, 2007a, p.18). Por outro lado, algumas atividades educacionais foram consideradas, coadunando, nesse aspecto, com a conceituação de setor cultural apresentada na seção anterior. Um ponto de divergência, contudo, é a não-inclusão de atividades como as de arquitetura, que tinham grande peso relativo, de esporte e religião.

Uma outra questão relevante a ser destacada é o fato de não haver nenhuma ocupação que contenha palavras e expressões características de variáveis residuais, como “outro” ou “não especificados anteriormente”. O mesmo não pode ser dito para o caso das atividades, já que em duas delas se faz presente – “Outras atividades artísticas e de espetáculos” e “Atividades desportivas e outras relacionadas ao lazer”.

A delimitação a ser proposta na presente dissertação tem muitas interseções com a Síntese de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005, diferenciando-se basicamente pela forma de estruturação e pela exclusão / inclusão de alguns elementos.

²⁵ Isso implicará a proposição de setor cultural da presente dissertação.

²⁶ O mesmo acontece com a atividade “fabricação de aparelhos, instrumentos e materiais ópticos, fotográficos e cinematográficos”.

4.3) O emprego cultural

A discussão acerca da delimitação do setor cultural foi iniciada no primeiro capítulo quando foi exposta brevemente a evolução histórica do conceito de cultura. Foi desenvolvida no terceiro capítulo, quando foram citados os entendimentos de diversos trabalhos e instituições. E deverá se encerrar, por hora, com uma conceituação que deverá nortear o restante da dissertação.

A fim de maior clareza, objetividade e coerência nesse processo de conceituação foram estabelecidas duas diretrizes:

- i) o setor cultural não deve ser definido em função de variáveis residuais; e,
- ii) não devem ser consideradas atividades / ocupações indiretamente relacionadas (ou de suporte) à cultura.

Essas diretrizes têm como objetivo principal dar identidade ao setor cultural procurando compreendê-lo a partir de suas próprias características e não em função de outros setores. Elas ressaltam a relativa incompatibilidade da análise por atividades e por ocupações, questão já mencionada anteriormente.

Isso acontece porque a análise por atividades se choca com as duas diretrizes. Por um lado, algumas atividades costumeiramente elencadas como integrantes do setor cultural são claramente residuais. Por outro lado, como atividades são mais gerais que as ocupações, é possível estarem enquadradas na mesma atividade ocupações completamente distintas, sendo muito indireta a relação dessas com a cultura.

Um exemplo bastante elucidativo desse confronto das atividades com as duas diretrizes é o já utilizado na seção anterior, “outras atividades artísticas e de espetáculos”. Essa atividade fere a primeira diretriz pela palavra “outras” que denota

seu caráter residual. E fere também a segunda diretriz, já que inclui ao mesmo tempo ocupações direta e indiretamente relacionadas à cultura como “músicos e cantores populares” e “guardas e vigias” como ilustrado na Figura 4.1 abaixo.

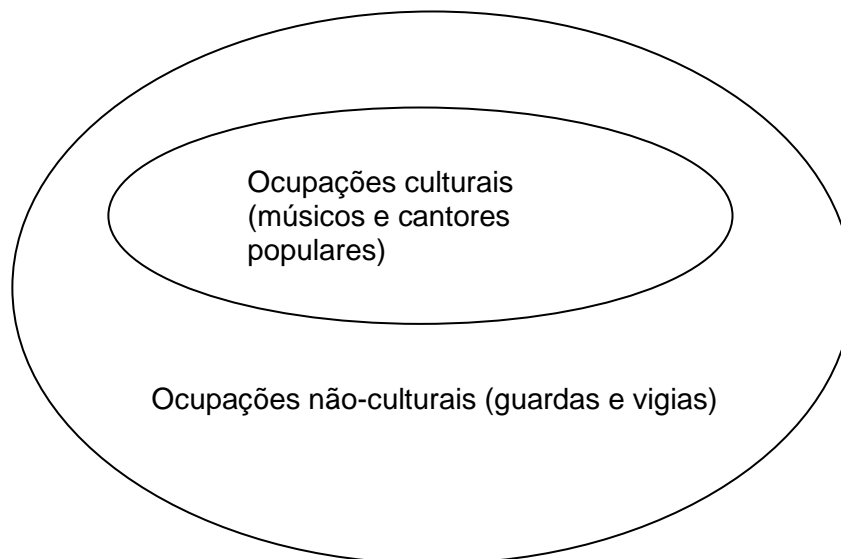


Figura 4.1 - Atividades culturais (outras atividades artísticas e de espetáculos)

Nesse sentido, ao respeitar as diretrizes, concluímos que, entre atividades e ocupações, a melhor maneira de se investigar a importância econômica da cultura é através das ocupações. No entanto, cabe destacar que se reconhece que as análises não são necessariamente excludentes, podendo ser complementares. Para isso bastaria comparar as duas análises, já que retirando as ocupações consideradas culturais, restariam apenas as ocupações não-culturais, que se relacionam indiretamente à cultura. Não se procederá essa comparação de análises, pois se tem como objetivo investigar apenas o que se relaciona diretamente com a cultura, fato expresso na segunda diretriz.

Portanto, a fim de evitar ambigüidades ou imprecisões, falar-se-á a partir de agora somente em emprego cultural ou ocupação cultural, evitando a expressão setor

cultural, uma vez que a idéia de setor se associa fortemente à idéia de atividade. Posto isso, demos continuidade à delimitação do emprego cultural.

A estrutura do emprego cultural se baseará em subgrupos temáticos, assim como foi realizado no estudo do IPEA, mas contemplará em cada um deles a lista de ocupações, com os respectivos códigos da Classificação Brasileira de Ocupações aplicadas em pesquisas domiciliares, como no trabalho do IBGE.

Cabe ressaltar que a CBO serve como referência para os estudos de força de trabalho no Brasil, tendo ocorrido sua primeira publicação oficial através da Portaria Ministerial n.º 3.654, de 30 de novembro de 1977. Para essa elaboração, foram utilizados o Cadastro Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho, organizado em 1971, e a *International Statistical Classification of Occupations* (ISCO) editada em 1958 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)²⁷.

Sendo referência, a CBO é utilizada em diversas pesquisas promovidas pelo IBGE que tratam de força de trabalho. Entre essas pesquisas está a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, que, conforme será explicado no capítulo seguinte, constitui-se na principal fonte de informações / dados para essa dissertação. Dessa forma, a utilização da CBO torna-se obrigatória já que só é possível saber o número de empregados que tem uma determinada ocupação em um determinado espaço mediante a aplicação do código dessa ocupação definido pela classificação em questão.

A escolha dos subgrupos temáticos baseou-se principalmente nos estudos do IPEA e do IBGE, mas também a partir de conversas com diferentes tipos de pessoas e reflexões pessoais. Haverá muitos pontos em comum com os trabalhos supracitados, especialmente com o do IBGE, mas também existirão pontos discordantes. Ao todo, trabalhar-se-á com oito subgrupos temáticos, quais sejam:

²⁷ Para maiores informações acerca dos antecedentes históricos da CBO, http://www.ibge.gov.br/concla/cronologia/ante_cbo.php

- A) Arte - esse subgrupo diz respeito basicamente às ocupações de artistas, de gestores / diretores de arte bem como de técnicos que atuam diretamente nos espetáculos ou na produção de algum material, como é o caso da indústria gráfica. De todos os subgrupos, esse é o mais consensual, no sentido de que não se encontrou qualquer trabalho que, ao definir emprego cultural não tenha considerado o emprego artístico²⁸;
- B) Publicidade – enquadram-se nesse subgrupo os profissionais de marketing, publicidade e comercialização. Embora possa parecer estranho, à primeira vista, incluir essas ocupações dentro do emprego cultural, em um segundo momento, quando observamos que a publicidade se vale da mesma matéria-prima essencial que a arte – a criatividade – torna-se justificável a inclusão deste. Além disso, os dois trabalhos tomados como referência incluem a Publicidade;
- C) Comunicação – nesse subgrupo estão incluídas as ocupações de nome análogo, como os profissionais de jornalismo, arquivologistas, intérpretes, escritores, entre outros. Assim como no caso da publicidade, muito do trabalho desses profissionais se baseia na criatividade e o trabalho do IBGE como o do IPEA a incluem dentro do emprego cultural;
- D) Lazer – apesar da imensa gama de ocupações que poderiam ser consideradas nesse subgrupo, ele se limitará à ocupação relacionada à manutenção de equipamentos de lazer, uma vez que muitas dessas outras possibilidades já devem estar contempladas em outros subgrupos acima descritos. Cabe destacar que muitas vezes o esporte e lazer estão associados, de forma que,

²⁸ Por outro lado, não é tão consensual a definição das ocupações que compõem esse subgrupo.

por exemplo, entre os equipamentos de lazer, estão quadras e ginásios; mesmo assim, optou-se por colocá-los em subgrupos distintos. O lazer pode ser entendido como parte integrante na cultura sob o mesmo argumento utilizado para a religião e ao esporte: manifesta o *modus vivendis* da sociedade a qual o desfruta. O trabalho do IPEA como o do IBGE consideram o lazer dentro de suas análises;

E) Esporte – nesse subgrupo são contempladas as ocupações de técnicos esportivos, atletas profissionais, árbitros esportivos bem como de mecânicos de manutenção de equipamentos esportivos. Assim como no caso da religião, o esporte também afeta o *modus vivendis* de uma sociedade. No caso específico do Brasil, por exemplo, o futebol tem grandes influências, muito bem mostradas através de expressões como “bola fora”, “a essa altura do campeonato”, “tocar a bola pra frente”, “fazer o meio de campo”, “aos 45 do segundo tempo”, que são utilizadas amplamente no linguajar popular. A pertinência do esporte como parte da cultura segue a mesma avaliação da religião: o trabalho do IPEA contempla, enquanto o do IBGE, a princípio, não contempla²⁹;

F) Religião – fazem parte desse subgrupo as ocupações de ministros de cultos religiosos, missionários e afins. A justificativa para a inclusão desse grupo é que a religião, na sua prática, traduz-se em uma expressão do modo de pensar e agir, influenciando nos movimentos sociais e na percepção do indivíduo em relação a uma grandeza maior. Esses traços espirituais têm reflexo na dimensão terrena através de festas religiosas, romarias, ritos e simpatias, refletindo no *modus vivendis* do indivíduo e da sociedade, podendo, nesse

²⁹ Diz-se a princípio pois embora a intenção declarada no trabalho seja de não incluir o esporte como cultura, quando são elencadas as atividades culturais, aparece “Atividades desportivas e outras relacionadas ao lazer”.

sentido, serem entendidos culturais. O trabalho do IPEA contemplou esse subgrupo, enquanto o do IBGE não, embora ele afirme que religião é encarada como cultura em outros países;

G) Culinária – esse subgrupo é basicamente formado apenas pela ocupação de cozinheiros. Entende-se ser possível admitir a culinária na cultura, já que a alimentação, assim como o esporte e a religião, representa hábitos de determinada sociedade, estando, dessa forma, vinculada a um espaço original. Isso fica muito claro quando definimos os diferentes tipos de comida: culinária francesa, japonesa, italiana, árabe, entre outras. Reportando-se aos dois trabalhos apresentados, percebe-se que em nenhum dos dois há menção à culinária; e,

H) Turismo – estão incluídas nesse subgrupo as ocupações que se referem exclusivamente aos guias e técnicos de turismo, desconsiderando as ocupações que se relacionam à hospedagem e alimentação. É possível entender que as primeiras ocupações citadas sejam culturais, na medida em que toda espécie de turismo, seja ele cultural, religioso, ecológico ou rural, necessariamente se dá de formas específicas em dimensão regional, tendo o espaço como principal fator distintivo. Tanto o trabalho do IBGE como o do IPEA não entendem as ocupações do turismo como pertencentes às culturais.

Outros dois possíveis subgrupos a serem incluídos são a educação e a arquitetura. Contudo, como já discutido anteriormente, ambos têm uma ligação muito fraca com a cultura e, ao mesmo tempo, tendem a distorcer de forma significativa o resultado quando inclusos. De posse dessa informação, já trazida pelos dois trabalhos, optou-se por excluir da análise esses subgrupos. O Quadro 4.5 abaixo sumariza as delimitações do IBGE, do IPEA e a proposta pela presente dissertação:

Quadro 4.5 - Delimitação do Emprego Cultural

Subgrupos	Pesquisa		
	IPEA	IBGE	Dissertação
Arte	x	x	x
Publicidade	x	x	x
Comunicação	x	x	x
Lazer	x	x	x
Esporte	x		x
Religião	x		x
Culinária			x
Turismo			x
Educação	x	x	
Arquitetura	x		

FONTE: Elaboração própria

As cores utilizadas no Quadro 4.5 servem para destacar os níveis de concordância entre as pesquisas e terão implicações nesta parte metodológica da dissertação. A cor verde representa o núcleo da cultura, ou seja, os subgrupos onde há o maior consenso de que sejam culturais. A cor amarela já diz respeito a subgrupos onde há uma certa dúvida por parte da literatura se devem ser considerados ou não, enquanto a cor vermelha contém grupos pouco considerados, mas que o autor da atual dissertação decidiu incluir, por ter se baseado não só nos trabalhos, mas também em conversas e impressões pessoais. Por fim, a cor índigo representa os subgrupos levantados por outros trabalhos, mas que o autor desconsidera por motivos já expostos. Essa diferenciação será importante no momento em que forem encontrados os pesos relativos de cada um dos subgrupos.

Cabe ressaltar que embora seja proposta uma conceituação, as outras delimitações também serão consideradas numa perspectiva comparativa, cuja ênfase repousará no apontamento de subgrupos potenciais de distorção. Dessa forma, falar-

se-á, em alguns momentos, em níveis verde, amarelo e vermelho, sempre de forma cumulativa³⁰.

Resta ainda definir todas as ocupações que compõem o emprego cultural em cada um de seus níveis de concordância (verde, amarelo e vermelho). O Quadro 4.6 apresenta todas as ocupações que serão analisadas, distribuídas por subgrupo e com seus respectivos códigos da Classificação Brasileira de Ocupações.

³⁰ O nível amarelo compreende o nível verde e mais Esporte e Religião, enquanto o nível vermelho compreende o amarelo e mais Culinária e Turismo. Não existe nível índigo, já que os subgrupos que o compõem não serão levados em consideração na análise a ser empreendida.

Quadro 4.6 - Lista das ocupações culturais por subgrupo

Código	Ocupação
A) Arte	
2621	Produtores de espetáculos
2622	Coreógrafos e bailarinos
2623	Atores, diretores de espetáculos e afins
2624	Compositores, músicos e cantores
2625	Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins
2627	Decoradores de interiores e cenógrafos
3524	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação
3713	Técnicos em artes gráficas
3721	Cinegrafistas
3722	Fotógrafos
3741	Técnicos em operação de aparelhos de sonorização
3742	Técnicos em operação de aparelhos de cenografia
3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção
3751	Decoradores e vitrinistas de nível médio
3761	Bailarinos de danças populares
3762	Músicos e cantores populares
3763	Palhaços, acrobatas e afins
3764	Apresentadores de espetáculos
3765	Modelos
7421	Confeccionadores de instrumentos musicais
7501	Supervisores de joalheria e afins
7519	Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semi-preciosos
7606	Supervisores das artes gráficas
7660	Trabalhadores polivalentes das artes gráficas
7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica
7662	Trabalhadores da impressão gráfica
7663	Trabalhadores do acabamento gráfico
7664	Trabalhadores de laboratório fotográfico
7687	Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)
9152	Reparadores de instrumentos musicais
9154	Reparadores de equipamentos fotográficos
B) Publicidade	
2531	Profissionais de marketing, publicidade e comercialização
C) Comunicação	
2611	Profissionais do jornalismo
2612	Profissionais da informação
2613	Arquivologistas e museólogos
2614	Filólogos, tradutores e intérpretes
2615	Escritores e redatores
2616	Especialistas em editoração
2617	Locutores e comentaristas
3711	Técnicos em biblioteconomia
3712	Técnicos em museologia
3723	Técnicos em operação de máquinas de transmissão de dados
3731	Técnicos em operação de estação de rádio
3732	Técnicos em operação de estação de televisão
D) Lazer	
9912	Mantenedores de equipamentos de lazer
E) Esporte	
3771	Técnicos Esportivos
3772	Atletas profissionais
3773	Árbitros desportivos
9193	Mecânicos de manutenção de bicicletas e equipamentos esportivos e de ginástica
F) Religião	
2631	Ministros de cultos religiosos, missionários e afins
G) Culinária	
5132	Cozinheiros
H) Turismo	
3518	Técnicos em turismo
5114	Guias de turismo

FONTE: IBGE (2007a)

Uma observação importante é que as ocupações listadas acima não estão no menor nível de desagregação. Existem ocupações pormenorizadas dentro de cada uma das selecionadas acima, mas que possuem o mesmo código. Assim, um maestro e um percussionista, por exemplo, embora desempenhem funções distintas, recebem o mesmo código na Classificação Brasileira de Operações. Nesse exemplo, o código é 2624 e se refere a “Compositores, músicos e cantores”. O Anexo III contempla todas as ocupações subjacentes aos códigos enumerados.

Salienta-se, todavia, que os microdados das pesquisas do IBGE trabalham com os códigos da CBO, sendo portanto, a única forma viável e mais pormenorizada possível da qual se tenha conhecimento de se analisar o emprego. No capítulo seguinte será apresentada essa pesquisa e a análise quantitativa das ocupações culturais.

CAPÍTULO 5 – MENSURAÇÃO DO EMPREGO CULTURAL PARA A REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

No capítulo anterior foram definidas as ocupações a serem analisadas, tendo como referência a Classificação Brasileira de Ocupações. Foram eleitos oito subgrupos – Arte, Publicidade, Comunicação, Lazer, Esporte, Religião, Culinária e Turismo – e apontados três níveis de concordância – verde, amarelo e vermelho.

5.1) A escolha da base de dados

Neste capítulo levantaremos os dados referentes às ocupações culturais. Assim como na escolha das ocupações, tomaram-se diretrizes como norte para a escolha da base de dados; neste caso, quatro:

- i) A base de dados deve contemplar o emprego informal;
- ii) A base de dados deve considerar o emprego secundário e, além disso, deve destacá-lo do trabalho principal;
- iii) A base de dados deve utilizar a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO); e,
- iv) A base de dados deve apreciar informações a níveis de cidade, Região Metropolitana (RM), Estado e Brasil.

Foram consultadas duas bases de dados relacionadas ao emprego, procurando escolher a que melhor se alinha às diretrizes acima expostas. São elas: a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

5.1.1) Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)

A Relação Anual de Informações Sociais é um instrumento para a gestão governamental do setor do trabalho, que tem como objetivos o suprimento às necessidades de controle da atividade trabalhista no país, o provimento de dados para a elaboração das estatísticas do trabalho e a disponibilização de informações do mercado de trabalho às entidades governamentais.

Os dados coletados pela RAIS constituem expressivos insumos para o atendimento das necessidades da legislação da nacionalização do trabalho, de controle dos registros do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), dos Sistemas de Arrecadação e de Concessão e Benefícios Previdenciários, de estudos técnicos de natureza estatística e atuarial e de identificação do trabalhador com direito ao abono salarial Programa de Integração Social (PIS)/Programa de Formação do Patrimônio do Servidor (PASEP).

A alimentação da RAIS se dá mediante a entrega obrigatória da declaração de mesmo nome por parte de:

- inscritos no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) com ou sem empregados - o estabelecimento que não possuiu empregados ou manteve suas atividades paralisadas durante o ano-base está obrigado a entregar a RAIS Negativa;
- todos os empregadores, conforme definidos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ;
- todas as pessoas jurídicas de direito privado, inclusive as empresas públicas domiciliadas no País, com registro, ou não, nas Juntas Comerciais, no Ministério da Fazenda, nas Secretarias de Finanças ou da Fazenda dos governos estaduais e nos cartórios de registro de pessoa jurídica;
- empresas individuais, inclusive as que não possuem empregados;
- cartórios extrajudiciais e consórcios de empresas;

- empregadores urbanos pessoas físicas (autônomos e profissionais liberais) que mantiveram empregados no ano-base;
- órgãos da administração direta e indireta dos governos federal, estadual ou municipal, inclusive as fundações supervisionadas e entidades criadas por lei, com atribuições de fiscalização do exercício das profissões liberais;
- condomínios e sociedades civis;
- empregadores rurais pessoas físicas que mantiveram empregados no ano-base;
- filiais, agências, sucursais, representações ou quaisquer outras formas de entidades vinculadas à pessoa jurídica domiciliada no exterior.

As informações coletadas pelas RAIS acerca dos empregados dizem respeito a(o)(s):

- Dados pessoais do empregado / servidor: nome, sexo, data de nascimento, raça / cor, se é portador de deficiência, grau de instrução, nacionalidade, Cadastro de Pessoa Física (CPF), código PIS/PASEP, número da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), etc;
- Informações de admissão: admissão / provimento ou transferência / movimentação, salário contratual / vencimento básico, número de horas normais de trabalho por semana, tipo de salário contratual (diário, mensal, quinzenal, etc...), ocupação (pelo código da CBO), vínculo empregatício;
- Informações do local de trabalho do empregado / servidor;
- Informações do afastamento: motivo, período e total de dias do afastamento;
- Informações do desligamento: data e causa do desligamento;
- Informações relativas às contribuições sindicais do empregado: CNPJ da entidade sindical beneficiária e valor total recolhido;
- Remunerações mensais; e,

- Verbas pagas na rescisão.

Com isso, apesar de ser muito utilizada, a RAIS fere duas diretrizes consideradas no presente trabalho. Por um lado, ela não consegue captar os trabalhadores informais, já que a declaração a ser preenchida incide basicamente em cima de empregadores / pessoas jurídicas. Por outro lado, ela não distingue o trabalho principal do secundário, uma vez que a declaração não parte do empregado, mas do empregador, que só pode declarar a relação do seu funcionário com ele próprio, e não com outro empregador. Dessa forma, a RAIS não atende os requisitos necessários para os propósitos da presente dissertação³¹.

A conclusão a que se chega a partir da análise da RAIS é que para não haver atrito com as diretrizes estabelecidas, a base de dados utilizada deve incidir diretamente sobre o trabalhador. Dessa forma, captará ao mesmo tempo o trabalho informal e o trabalho secundário, já que mediante um questionário, o trabalhador pode revelar que possui mais de um emprego e a condição em que está submetido em cada um deles.

5.1.2) Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD – tem como objetivo a produção de informações básicas para o estudo do desenvolvimento socioeconômico do País. Como o próprio nome sugere, ela é um sistema de pesquisas domiciliares e começou a ser implantado no Brasil a partir de 1967. De acordo com as notas metodológicas da própria pesquisa:

“Trata-se de um sistema de pesquisas por amostra de domicílios que, por ter propósitos múltiplos, investiga diversas características

³¹ Maiores informações acerca da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) estão disponíveis em <http://www.rais.gov.br/>

socioeconômicas, umas de caráter permanente nas pesquisas, como as características gerais da população, educação, trabalho, rendimento e habitação, e outras com periodicidade variável, como as características sobre migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, nutrição e outros temas que são incluídos no sistema de acordo com as necessidades de informação para o País”³². (IBGE, 2008).

Desde 1967 a PNAD passou por diversas alterações, tornando-se mais abrangente tanto do ponto de vista geográfico, com mais municípios considerados³³, como pelo número de variáveis investigadas³⁴. Uma alteração importante a ser destacada é a utilização da Classificação Brasileira de Ocupações Domiciliar – CBO Domiciliar – para o levantamento das ocupações das pessoas pesquisadas.

A PNAD respeita três das quatro diretrizes estabelecidas. Por ser uma pesquisa que se dá mediante a entrevista direta às pessoas e por contemplar diversas perguntas acerca de muitos aspectos do trabalho do entrevistado, a PNAD permite captar o emprego informal e o emprego secundário. Além disso, ela utiliza a CBO na conceituação das ocupações, cumprindo com a terceira diretriz.

No que diz respeito aos cortes espaciais a PNAD abrange e disponibiliza dados referentes a Regiões Metropolitanas, Unidades da Federação e Brasil, mais não fornece informações ao nível de cidades. Dessa forma a PNAD não cumpre perfeitamente a última diretriz.

Apesar disso, essa pesquisa foi escolhida como fonte principal de dados, já que entre as pesquisas disponíveis, ela é a que melhor atende as diretrizes

³² Foi cogitada a possibilidade de se colocar um anexo o questionário utilizado pelos entrevistadores às pessoas em seus domicílios, com o intuito de se mostrar todas as variáveis consideradas pela pesquisa. No entanto, as variáveis não são exatamente as mesmas em todos os anos pesquisados (embora haja um núcleo comum), além do que os questionários são extensivos, possuindo mais de cem páginas cada um deles. Por essas razões optou-se por não incluí-los em anexo. De qualquer maneira, eles podem ser encontrados no sítio do IBGE: <http://www.ibge.gov.br>

³³ A PNAD inicialmente contemplava somente ao que hoje corresponde ao estado do Rio de Janeiro.

³⁴ Um histórico detalhado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios pode ser encontrado no sítio do IBGE: <http://www.ibge.gov.br>

estabelecidas. Por conta dessa limitação metodológica tomamos a RMRJ como nosso espaço de análise. Maiores detalhes sobre a PNAD serão explicados na próxima seção, onde será descrito o processo de coleta de dados.

5.2) O processo de investigação das ocupações culturais

Definidas as ocupações a serem consideradas e escolhida a base de dados, resta mensurar as ocupações culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A fim de obter essas informações, foram utilizadas as variáveis referentes ao trabalho principal e secundário que as pessoas tinham na semana de referência de cada ano da PNAD.

Contudo, a fim de se chegar a qualquer lugar é necessário saber o caminho a ser percorrido. Portanto, antes de dar prosseguimento à análise propriamente dita cabe expor alguns importantes aspectos metodológicos que indicam a rota dessa análise. Procurar-se-á nas seções a seguir, tratar de cada um desses aspectos.

5.2.1) Ocupação e trabalho

Foram classificadas como ocupadas no período de referência especificado as pessoas que tinham trabalho durante todo ou parte desse período. Incluíram-se, ainda, como ocupadas as pessoas que não exerceram o trabalho remunerado que tinham especificado nessa semana por motivo de férias, licença, greve etc.

Por trabalho, o IBGE (2007a) entende ser:

- a) Ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas etc.) na produção de bens e serviços;

b) Ocupação remunerada em dinheiro ou benefícios (moradia, alimentação, roupas etc.) no serviço doméstico;

c) Ocupação sem remuneração na produção de bens e serviços, desenvolvida durante pelo menos uma hora na semana:

- em ajuda a membro da unidade domiciliar que tivesse trabalho como: empregado na produção de bens primários (que compreende as atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal ou mineral, caça, pesca e piscicultura), conta própria ou empregador;

- em ajuda a instituição religiosa, beneficente ou de cooperativismo; ou

- como aprendiz ou estagiário;

d) Ocupação desenvolvida, durante pelo menos uma hora na semana:

- na produção de bens, do ramo que compreende as atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal, pesca e piscicultura, destinados à própria alimentação de pelo menos um membro da unidade domiciliar; ou

- na construção de edificações, estradas privadas, poços e outras benfeitorias (exceto as obras destinadas unicamente à reforma) para o próprio uso de pelo menos um membro da unidade domiciliar.

As ocupações culturais já foram selecionadas no capítulo anterior, de acordo com a CBO Domiciliar. Uma questão importante a ser destacada é que há a possibilidade de uma pessoa ter ao mesmo tempo vários trabalhos. Nesses casos é necessário apontar qual é o trabalho que deve ser considerado como o principal.

5.2.1.1) Trabalho principal *versus* trabalho secundário

Para identificar o trabalho principal de uma pessoa é necessário primeiramente ter ciência de quantos trabalhos ela possui. Caso tenha um único trabalho, este será o principal. Caso tenha mais de um, o trabalho principal será definido mediante os seguintes critérios, que devem obedecer à ordem estabelecida:

- i) O trabalho da semana de referência no qual teve mais tempo de permanência no período de referência de 365 dias foi considerado como principal;

- ii) Em caso de igualdade no tempo de permanência no período de referência de 365 dias, considerou-se como principal o trabalho remunerado da semana de referência ao qual a pessoa normalmente dedicava maior número de horas semanais. Este mesmo critério foi adotado para definir o trabalho principal da pessoa que, na semana de referência, teve somente trabalhos não-remunerados e que apresentaram o mesmo tempo de permanência no período de referência de 365 dias; e

- iii) Em caso de igualdade, também, no número de horas trabalhadas, considerou-se como principal o trabalho da semana de referência que normalmente proporcionava maior rendimento.

No caso da pessoa ter mais de dois trabalhos, esses critérios devem ser repetidos quantas vezes forem necessárias, de modo a estabelecer um *ranking* com todos os trabalhos. Só foram considerados nesta dissertação os trabalhos principais e secundários (os dois primeiros do *ranking*).

5.2.1.2) Trabalho Infantil

A População em Idade Ativa (PIA) é uma classificação etária que compreende o conjunto de todas as pessoas teoricamente aptas a exercer uma atividade econômica. No Brasil, a PIA é composta por toda população com 10 ou mais anos de idade.

A População Economicamente Ativa (PEA) representa uma parte da PIA e é um indicador importante para a análise do emprego e deverá ser utilizado nessa dissertação. Portanto, apesar da PNAD conseguir captar o trabalho infantil, entendido como aquele realizado por crianças de até nove anos de idade, ele não será considerado na análise, já que não faz parte da PIA e, por conseguinte, da PEA.

5.2.2) Períodos de referência

Outro fator importante a ser destacado são os períodos de referência. Esses períodos dizem respeito à captação da informação em determinados horizontes temporais. Dessa forma, se tomamos como base a semana de referência, estaremos verificando se as pessoas estavam empregadas ou não e quais as condições dessas ocupações apenas nessa semana. Se, por outro lado, a base for 365 dias de referência, a pessoa do exemplo mesmo estando desempregada na semana de referência contará como empregada, caso ela tenha tido alguma ocupação no período de 365 dias contados para trás a partir da data de referência. O Quadro 5.1 abaixo resume os períodos de referência para cada um dos anos da PNAD utilizados na dissertação:

Quadro 5.1 - Períodos de Referência da PNAD 2002 - 2007

	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Data de referência	28 de setembro	27 de setembro	25 de setembro	24 de setembro	30 de setembro	29 de setembro
Semana de referência	22 a 28 de setembro	21 a 27 de setembro	19 a 25 de setembro	18 a 24 de setembro	24 a 30 de setembro	23 a 29 de setembro
Mês de referência	Setembro	Setembro	Setembro	Setembro	Setembro	Setembro
Período de referência de 365 dias	29 de setembro de 2001 a 28 de setembro de 2002	28 de setembro de 2002 a 27 de setembro de 2003	26 de setembro de 2003 a 25 de setembro de 2004	25 de setembro de 2004 a 24 de setembro de 2005	1o. outubro de 2005 a 30 de setembro de 2006	30 de setembro de 2006 a 29 de setembro de 2007

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Optou-se por analisar o emprego tendo como base a semana de referência, conforme linha destacada no quadro.

5.2.3) Corte temporal

Como o leitor já deve ter observado, o período considerado inicia-se em 2002 e termina em 2007. A escolha desse período foi basicamente devido a necessidades metodológicas e disponibilidade de dados.

O ano de 2002 foi tomado como partida, pois é o primeiro ano em que a PNAD utilizou a Classificação Brasileira de Ocupações Domiciliar. Seria difícil fazer comparações com anos anteriores a esse, pois teria que se trabalhar com duas propostas de metodologia distintas. Já o ano de 2007 foi escolhido por ser o último ano para o qual se tem publicada a PNAD.

5.2.4) Plano de Amostragem, Fração de amostragem e coeficientes de variação

Já foi ressaltado que a PNAD é uma pesquisa feita por amostragem. Sendo assim, os resultados encontrados por meio dos micro-dados de cada ano, nos dão apenas o número de observações que atendem algum critério estabelecido. Essas

observações, que nada mais são do que as respostas das pessoas que foram entrevistadas, partem de uma amostra probabilística consoante ao Plano de Amostragem da PNAD, objeto do Anexo IV.

A estimativa, que é o que nos interessa, é encontrada multiplicando as observações por um fator definido na própria pesquisa que varia conforme Unidade de Federação e Região Metropolitana. O Anexo V apresenta esses fatores para todos os anos investigados. Como pode ser observado, embora o número de pessoas varie de ano para ano, o fator que nos interessa no atual momento, que é o da Região Metropolitana do Rio de Janeiro é o mesmo para todos os anos: 550.

Contudo, toda estimativa possui um coeficiente de variação, que indica que o valor correto pode não ser a estimativa em si, mas residente em um intervalo que a tem como média e que pode variar alguma percentagem para cima ou para baixo. O anexo VI apresenta esses coeficientes para todos os anos do período considerado.

5.3) As ocupações culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro no período 2002-2007

Definidas as ocupações culturais e as questões metodológicas que dão suporte à análise dessas ocupações, passemos para a mensuração das mesmas. Os resultados obtidos para as ocupações culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro serão apresentados de forma desagregada, por meio dos oito subgrupos, e agregada, unindo os subgrupos nos níveis de concordância verde, amarelo e vermelho definidos anteriormente.

Para cada subgrupo apresentar-se-ão três tabelas: uma que mostra o total de pessoas ocupadas no trabalho principal para cada ocupação do subgrupo bem como a participação de cada uma delas no total; outra semelhante à primeira, mas que trata do emprego secundário; e, por fim, uma terceira que visa verificar a participação do

emprego principal e do secundário no total do subgrupo. Para todas as tabelas o período considerado é o mesmo: de 2002 a 2007.

Para efeitos de conclusão serão apresentadas tabelas resumos, que mostrarão o total de empregos principais, secundários e totais para a Cultura, nos três níveis de concordância.

5.3.1) Arte

A Tabela 5.1 mostra que as ocupações artísticas em 2007 foram de quase 100 mil. Como destaque, aparece a ocupação “Desenhistas industriais (*designer*), escultores pintores e afins” com o maior percentual de participação de todo o subgrupo durante todos os anos observados, tendo quase chegado aos 40% em 2004.

Não foram encontrados muitos registros de trabalho secundário nas artes (Tabela 5.2), mas de forma geral as poucas observações mostram a mesma participação marcante da ocupação supracitada. As ocupações principais, de acordo com a Tabela 5.3 se mostraram ao longo de todo período muito mais significativas que as secundárias.

Tabela 5.1 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Arte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2621	Produtores de espetáculos	3850	4,70	12650	17,56	5500	7,35	10450	10,86	8250	10,07	4400	4,76
2622	Coreógrafos e bailarinos	1650	2,01	1100	1,53	0	0,00	550	0,57	550	0,67	1100	1,19
2623	Atores, diretores de espetáculos e afins	4400	5,37	4950	6,87	4400	5,88	4400	4,57	1650	2,01	11000	11,90
2624	Compositores, músicos e cantores	2750	3,36	2750	3,82	1100	1,47	1100	1,14	1100	1,34	3300	3,57
2625	Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins	27500	33,56	19250	26,72	29700	39,71	29700	30,86	31350	38,26	29150	31,55
2627	Decoradores de interiores e cenógrafos	4950	6,04	4400	6,11	1650	2,21	8250	8,57	4400	5,37	4400	4,76
3524	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	0,60
3713	Técnicos em artes gráficas	1100	1,34	550	0,76	1100	1,47	2750	2,86	2200	2,68	3300	3,57
3721	Cinegrafistas	0	0,00	550	0,76	1100	1,47	0	0,00	1650	2,01	2200	2,38
3722	Fotógrafos	6050	7,38	2200	3,05	2200	2,94	4950	5,14	4950	6,04	1100	1,19
3741	Técnicos em operação de aparelhos de sonorização	2200	2,68	1100	1,53	1650	2,21	0	0,00	1100	1,34	4400	4,76
3742	Técnicos em operação de aparelhos de cenografia	1650	2,01	0	0,00	550	0,74	1100	1,14	1100	1,34	0	0,00
3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção	550	0,67	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3751	Decoradores e vitrinistas de nível médio	550	0,67	550	0,76	0	0,00	550	0,57	0	0,00	550	0,60
3761	Bailarinos de danças populares	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3762	Músicos e cantores populares	6050	7,38	2750	3,82	9350	12,50	8250	8,57	4400	5,37	8250	8,93
3763	Palhaços, acrobatas e afins	0	0,00	550	0,76	550	0,74	550	0,57	550	0,67	550	0,60
3764	Apresentadores de espetáculos	3850	4,70	550	0,76	1100	1,47	1650	1,71	0	0,00	2750	2,98
3765	Modelos	550	0,67	0	0,00	0	0,00	1650	1,71	0	0,00	550	0,60
7421	Confeccionadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	0,60
7501	Supervisores de joalheria e afins	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7519	Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semi-preciosos	1100	1,34	4950	6,87	2750	3,68	7700	8,00	4950	6,04	1650	1,79
7606	Supervisores das artes gráficas	1100	1,34	1100	1,53	550	0,74	1100	1,14	550	0,67	0	0,00
7660	Trabalhadores polivalentes das artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	0,60
7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica	3300	4,03	6600	9,16	4400	5,88	5500	5,71	3850	4,70	3850	4,17
7662	Trabalhadores da impressão gráfica	3850	4,70	1100	1,53	1100	1,47	1100	1,14	1650	2,01	2200	2,38
7663	Trabalhadores do acabamento gráfico	2200	2,68	3300	4,58	3300	4,41	1650	1,71	4400	5,37	3300	3,57
7664	Trabalhadores de laboratório fotográfico	2750	3,36	1100	1,53	1650	2,21	3300	3,43	3300	4,03	2750	2,98
7687	Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)	0	0,00	0	0,00	550	0,74	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9152	Reparadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	550	0,74	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9154	Reparadores de equipamentos fotográficos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL		81950	100,00	72050	100,00	74800	100,00	96250	100,00	81950	100,00	92400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.2 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Arte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2621	Produtores de espetáculos	0	0,00	1100	15,38	550	10,00	0	0,00	1100	14,29	0	0,00
2622	Coreógrafos e bailarinos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2623	Atores, diretores de espetáculos e afins	550	12,50	550	7,69	550	10,00	0	0,00	2200	28,57	0	0,00
2624	Compositores, músicos e cantores	550	12,50	1100	15,38	550	10,00	550	8,33	0	0,00	550	10,00
2625	Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins	1100	25,00	550	7,69	2750	50,00	3300	50,00	2200	28,57	1650	30,00
2627	Decoradores de interiores e cenógrafos	0	0,00	0	0,00	550	10,00	0	0,00	1100	14,29	550	10,00
3524	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3713	Técnicos em artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	7,14	0	0,00
3721	Cinegrafistas	550	12,50	0	0,00	0	0,00	550	8,33	0	0,00	550	10,00
3722	Fotógrafos	0	0,00	550	7,69	550	10,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3741	Técnicos em operação de aparelhos de sonorização	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	10,00
3742	Técnicos em operação de aparelhos de cenografia	0	0,00	550	7,69	0	0,00	0	0,00	550	7,14	0	0,00
3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3751	Decoradores e vitrinistas de nível médio	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3761	Bailarinos de danças populares	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3762	Músicos e cantores populares	1100	25,00	2200	30,77	0	0,00	550	8,33	0	0,00	550	10,00
3763	Palhaços, acrobatas e afins	550	12,50	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3764	Apresentadores de espetáculos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	10,00
3765	Modelos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7421	Confeccionadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	8,33	0	0,00	0	0,00
7501	Supervisores de joalheria e afins	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7519	Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semi-preciosos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1100	16,67	0	0,00	0	0,00
7606	Supervisores das artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7660	Trabalhadores polivalentes das artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7662	Trabalhadores da impressão gráfica	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	10,00
7663	Trabalhadores do acabamento gráfico	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7664	Trabalhadores de laboratório fotográfico	0	0,00	550	7,69	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7687	Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9152	Reparadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9154	Reparadores de equipamentos fotográficos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL		4400	100,00	7150	100,00	5500	100,00	6600	100,00	7700	100,00	5500	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.3 - Número total de ocupados do subgrupo Arte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Arte	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	81950	94,90	72050	90,97	74800	93,15	96250	93,58	81950	91,41	92400	94,38	12,75
Emprego Secundário	4400	5,10	7150	9,03	5500	6,85	6600	6,42	7700	8,59	5500	5,62	25,00
TOTAL	86350	100,00	79200	100,00	80300	100,00	102850	100,00	89650	100,00	97900	100,00	13,38

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.2) Publicidade

As ocupações principais do subgrupo Publicidade ultrapassaram 10 mil no ano de 2007 (Tabela 5.4), numa variação percentual de mais de 50% em relação ao ano de 2002 (Tabela 5.6). O emprego secundário foi inexpressivo em todos os anos pesquisados, não tendo sido encontradas, inclusive, quaisquer observações para os anos de 2002, 2003 e 2005, como pode ser observado na Tabela 5.5.

Tabela 5.4 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Publicidade para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2531	Profissionais de marketing, publicidade e comercialização	8250	100,00	4950	100,00	6050	100,00	7700	100,00	9900	100,00	12650	100,00
TOTAL		8250	100,00	4950	100,00	6050	100,00	7700	100,00	9900	100,00	12650	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.5 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Publicidade para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2531	Profissionais de marketing, publicidade e comercialização	0	-	0	-	550	100,00	0	-	1100	100,00	550	100,00
TOTAL		0	-	0	-	550	100,00	0	-	1100	100,00	550	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.6 - Número total de ocupados do subgrupo Publicidade para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Publicidade	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	8250	100,00	4950	100,00	6050	91,67	7700	100,00	9900	90,00	12650	95,83	53,33
Emprego Secundário	0	0,00	0	0,00	550	8,33	0	0,00	1100	10,00	550	4,17	-
TOTAL	8250	100,00	4950	100,00	6600	100,00	7700	100,00	11000	100,00	13200	100,00	60,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.3) Comunicação

As ocupações do subgrupo Comunicação ultrapassaram a casa dos 20 mil em 2006 (ver Tabela 5.7) apresentando uma variação percentual de quase 40% em relação a 2002, de acordo com a Tabela 5.9 abaixo. No que tange a questão do emprego secundário, a Tabela 5.8 nos mostra que houve pouca ocupação, sendo a mais estável a de “Profissionais de jornalismo” que aparece em todos os anos, à exceção de 2002.

Tabela 5.7 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Comunicação para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2611	Profissionais do jornalismo	6050	36,67	6600	34,29	7700	38,89	4950	37,50	8800	32,00	4950	21,43
2612	Profissionais da informação	550	3,33	550	2,86	1100	5,56	0	0,00	1100	4,00	2200	9,52
2613	Arquivologistas e museólogos	0	0,00	0	0,00	550	2,78	550	4,17	2200	8,00	1650	7,14
2614	Filólogos, tradutores e intérpretes	550	3,33	1650	8,57	2750	13,89	550	4,17	1650	6,00	1100	4,76
2615	Escritores e redatores	3300	20,00	4400	22,86	4400	22,22	1650	12,50	4950	18,00	4400	19,05
2616	Especialistas em editoração	1100	6,67	1100	5,71	550	2,78	0	0,00	550	2,00	550	2,38
2617	Locutores e comentaristas	2750	16,67	3300	17,14	1650	8,33	2750	20,83	6050	22,00	7150	30,95
3711	Técnicos em biblioteconomia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	4,17	550	2,00	0	0,00
3712	Técnicos em museologia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3723	Técnicos em operação de máquinas de transmissão de dados	1100	6,67	1650	8,57	550	2,78	1100	8,33	550	2,00	0	0,00
3731	Técnicos em operação de estação de rádio	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3732	Técnicos em operação de estação de televisão	1100	6,67	0	0,00	550	2,78	1100	8,33	1100	4,00	1100	4,76
TOTAL		16500	100,00	19250	100,00	19800	100,00	13200	100,00	27500	100,00	23100	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.8 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Comunicação para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2611	Profissionais do jornalismo	0	0,00	1100	100,00	1100	100,00	1100	50,00	550	20,00	550	25,00
2612	Profissionais da informação	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2613	Arquivologistas e museólogos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2614	Filólogos, tradutores e intérpretes	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1100	40,00	1100	50,00
2615	Escritores e redatores	550	33,33	0	0,00	0	0,00	550	25,00	550	20,00	0	0,00
2616	Especialistas em editoração	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	25,00
2617	Locutores e comentaristas	550	33,33	0	0,00	0	0,00	550	25,00	550	20,00	0	0,00
3711	Técnicos em biblioteconomia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3712	Técnicos em museologia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3723	Técnicos em operação de máquinas de transmissão de dados	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3731	Técnicos em operação de estação de rádio	550	33,33	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3732	Técnicos em operação de estação de televisão	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL		1650	100,00	1100	100,00	1100	100,00	2200	100,00	2750	100,00	2200	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.9 - Número total de ocupados do subgrupo Comunicação para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Comunicação	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	16500	90,91	19250	94,59	19800	94,74	13200	85,71	27500	90,91	23100	91,30	40,00
Emprego Secundário	1650	9,09	1100	5,41	1100	5,26	2200	14,29	2750	9,09	2200	8,70	33,33
TOTAL	18150	100,00	20350	100,00	20900	100,00	15400	100,00	30250	100,00	25300	100,00	39,39

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.4) Lazer

Não foi encontrada nenhuma observação para a ocupação de Lazer para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, como pode ser visto nas Tabelas 5.10, 5.11 e 5.12 abaixo.

Tabela 5.10 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Lazer para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
9912	Mantenedores de equipamentos de lazer	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
TOTAL		0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.11 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Lazer para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
9912	Mantenedores de equipamentos de lazer	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
TOTAL		0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.12 - Número total de ocupados do subgrupo Lazer para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Lazer	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	-
Emprego Secundário	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	-
TOTAL	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.5) Esporte

As ocupações esportivas se mantiveram relativamente constantes ao longo do período observado, com exceção do ano de 2003 que mostra uma queda brusca em relação ao ano anterior. Além disso, de acordo com a Tabela 5.13, é nítida a forte participação dos “Técnicos esportivos” no total do subgrupo, tendo sido responsável por mais da metade das ocupações em todos os anos considerados.

Esse predomínio se repete na ocupação secundária, já que apenas os profissionais do Código 3771 tiveram alguma observação, como pode ser visto na Tabela 5.14. No caso desse subgrupo a ocupação secundária se mostra mais relevante que nos anteriores, ao corresponder a 20% no ano de 2007. A Tabela 5.15 revela essa questão além de apontar uma leve queda de ocupações esportivas no período 2002-2007.

Tabela 5.13 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Esporte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3771	Técnicos esportivos	8800	59,26	6600	92,31	9900	66,67	13200	70,59	9900	75,00	10450	79,17
3772	Atletas profissionais	3850	25,93	0	0,00	1100	7,41	1100	5,88	550	4,17	1650	12,50
3773	Árbitros desportivos	0	0,00	550	7,69	0	0,00	0	0,00	550	4,17	550	4,17
9193	Mecânicos de manutenção de bicicletas e equipamentos esportivos e de ginástica	2200	14,81	0	0,00	3850	25,93	4400	23,53	2200	16,67	550	4,17
TOTAL		14850	100,00	7150	100,00	14850	100,00	18700	100,00	13200	100,00	13200	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.14 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Esporte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3771	Técnicos esportivos	2200	100,00	1650	100,00	1650	75,00	2200	80,00	2750	83,33	3300	100,00
3772	Atletas profissionais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3773	Árbitros desportivos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	550	20,00	0	0,00	0	0,00
9193	Mecânicos de manutenção de bicicletas e equipamentos esportivos e de ginástica	0	0,00	0	0,00	550	25,00	0	0,00	550	16,67	0	0,00
TOTAL		2200	100,00	1650	100,00	2200	100,00	2750	100,00	3300	100,00	3300	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.15 - Número total de ocupados do subgrupo Esporte para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Esporte	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	14850	87,10	7150	81,25	14850	87,10	18700	87,18	13200	80,00	13200	80,00	-11,11
Emprego Secundário	2200	12,90	1650	18,75	2200	12,90	2750	12,82	3300	20,00	3300	20,00	50,00
TOTAL	17050	100,00	8800	100,00	17050	100,00	21450	100,00	16500	100,00	16500	100,00	-3,23

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.6) Religião

As ocupações religiosas variaram em torno de 10 mil ao longo do período realizado (Tabela 5.16). Não foi encontrada nenhuma observação para emprego secundário nos anos inicial (2002) e final (2007) do período, como pode ser observado na Tabela 5.17, e houve uma redução de quase 30% das ocupações entre 2002 e 2007 de acordo com a Tabela 5.18.

Tabela 5.16 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Religião para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2631	Ministros de cultos religiosos, missionários e afins	12100	100,00	5500	100,00	6050	100,00	11000	100,00	9350	100,00	8800	100,00
TOTAL		12100	100,00	5500	100,00	6050	100,00	11000	100,00	9350	100,00	8800	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.17 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Religião para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2631	Ministros de cultos religiosos, missionários e afins	0	-	1100	100,00	0	-	2750	100,00	1650	100,00	0	-
TOTAL		0	-	1100	100,00	0	-	2750	100,00	1650	100,00	0	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.18 - Número total de ocupados do subgrupo Religião para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Religião	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	12100	100,00	5500	83,33	6050	100,00	11000	80,00	9350	85,00	8800	100,00	-27,27
Emprego Secundário	0	0,00	1100	16,67	0	0,00	2750	20,00	1650	15,00	0	0,00	-
TOTAL	12100	100,00	6600	100,00	6050	100,00	13750	100,00	11000	100,00	8800	100,00	-27,27

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.7) Culinária

As ocupações de Culinária se mantiveram acima de 70 mil durante todo o período pesquisado, ainda que tenha oscilado (Tabela 5.19). Ao se considerar o primeiro e o último ano tais ocupações se mantiveram praticamente estáveis (Tabela 5.21). Em relação ao trabalho secundário foram estimadas para o ano de 2007 2.200 pessoas ocupadas, como mostra a Tabela 5.20.

Tabela 5.19 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Culinária para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
5132	Cozinheiros	70950	100,00	73700	100,00	79200	100,00	70950	100,00	80850	100,00	72600	100,00
TOTAL		70950	100,00	73700	100,00	79200	100,00	70950	100,00	80850	100,00	72600	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.20 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Culinária para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
5132	Cozinheiros	1100	100,00	1100	100,00	1100	100,00	3850	100,00	550	100,00	2200	100,00
TOTAL		1100	100,00	1100	100,00	1100	100,00	3850	100,00	550	100,00	2200	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.21 - Número total de ocupados do subgrupo Culinária para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Culinária	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	70950	98,47	73700	98,53	79200	98,63	70950	94,85	80850	99,32	72600	97,06	2,33
Emprego Secundário	1100	1,53	1100	1,47	1100	1,37	3850	5,15	550	0,68	2200	2,94	100,00
TOTAL	72050	100,00	74800	100,00	80300	100,00	74800	100,00	81400	100,00	74800	100,00	3,82

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.8) Turismo

As estimativas para as ocupações de Turismo foram pouco expressivas tanto para as ocupações principais, como, principalmente, para as secundárias. A Tabela 5.22 nos mostra uma participação maior dos “Técnicos em turismo” ao longo do

período considerado, enquanto a Tabela 5.23 indica a fraca presença de ocupações secundárias relacionadas ao turismo. Mantiveram-se estáveis as ocupações principais quando se compara o primeiro com o último ano do período (Tabela 5.24).

Tabela 5.22 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Turismo para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3548	Técnicos em turismo	2750	50,00	2750	62,50	2200	57,14	2750	83,33	2750	62,50	4950	90,00
5114	Guias de turismo	2750	50,00	1650	37,50	1650	42,86	550	16,67	1650	37,50	550	10,00
TOTAL		5500	100,00	4400	100,00	3850	100,00	3300	100,00	4400	100,00	5500	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.23 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Turismo para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3548	Técnicos em turismo	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	0,00
5114	Guias de turismo	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	1100	100,00
TOTAL		0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	1100	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela 5.24 - Número total de ocupados do subgrupo Turismo para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Turismo	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	5500	100,00	4400	100,00	3850	100,00	3300	100,00	4400	100,00	5500	83,33	-
Emprego Secundário	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1100	16,67	-
TOTAL	5500	100,00	4400	100,00	3850	100,00	3300	100,00	4400	100,00	6600	100,00	20,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

5.3.9) Cultura

As ocupações principais na maioria dos anos observados no nível de concordância vermelho ultrapassaram 200 mil, sendo 2007, o ano com maior número (Tabela 5.25). Os subgrupos Arte e Culinária possuem a maior participação tendo os dois juntos representado mais de 70% do número total de ocupados no trabalho principal para todos os anos, chegando a um máximo de 77,94% no ano de 2003.

Tabela 5.25 - Número de ocupados (trabalho principal) na Cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte	81950	39,01	72050	38,53	74800	36,56	96250	43,53	81950	36,08	92400	40,48
Publicidade	8250	3,93	4950	2,65	6050	2,96	7700	3,48	9900	4,36	12650	5,54
Comunicação	16500	7,85	19250	10,29	19800	9,68	13200	5,97	27500	12,11	23100	10,12
Lazer	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Nível verde	106700	50,79	96250	51,47	100650	49,19	117150	52,99	119350	52,54	128150	56,14
Esporte	14850	7,07	7150	3,82	14850	7,26	18700	8,46	13200	5,81	13200	5,78
Religião	12100	5,76	5500	2,94	6050	2,96	11000	4,98	9350	4,12	8800	3,86
Nível amarelo	133650	63,61	108900	58,24	121550	59,41	146850	66,42	141900	62,47	150150	65,78
Culinária	70950	33,77	73700	39,41	79200	38,71	70950	32,09	80850	35,59	72600	31,81
Turismo	5500	2,62	4400	2,35	3850	1,88	3300	1,49	4400	1,94	5500	2,41
Nível vermelho (TOTAL)	210100	100,00	187000	100,00	204600	100,00	221100	100,00	227150	100,00	228250	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

No que diz respeito ao trabalho secundário, de acordo com a tabela 5.26 é notório o peso do subgrupo Arte no total de ocupações, mas não se pode ignorar o subgrupo Esporte, que apresentou a segunda maior participação em todos os anos. Como consequência, o nível amarelo no trabalho secundário é bem maior que no trabalho principal.

Tabela 5.26 - Número de ocupados (trabalho secundário) na Cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte	4400	47,06	7150	59,09	5500	52,63	6600	36,36	7700	45,16	5500	37,04
Publicidade	0	0,00	0	0,00	550	5,26	0	0,00	1100	6,45	550	3,70
Comunicação	1650	17,65	1100	9,09	1100	10,53	2200	12,12	2750	16,13	2200	14,81
Lazer	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Nível verde	6050	64,71	8250	68,18	7150	68,42	8800	48,48	11550	67,74	8250	55,56
Esporte	2200	23,53	1650	13,64	2200	21,05	2750	15,15	3300	19,35	3300	22,22
Religião	0	0,00	1100	9,09	0	0,00	2750	15,15	1650	9,68	0	0,00
Nível amarelo	8250	88,24	11000	90,91	9350	89,47	14300	78,79	16500	96,77	11550	77,78
Culinária	1100	11,76	1100	9,09	1100	10,53	3850	21,21	550	3,23	2200	14,81
Turismo	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1100	7,41
Nível vermelho (TOTAL)	9350	100,00	12100	100,00	10450	100,00	18150	100,00	17050	100,00	14850	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

No somatório dos empregos principal com o secundário, observa-se que o nível verde correspondeu algo próximo a 50% em todos os anos e que o nível amarelo não se mostrou muito superior ao verde, apontando para a grande participação do

subgrupo Culinária, que só é incluído no nível vermelho (Tabela 5.27). Ademais, o crescimento das ocupações culturais totais foi de 10,78% entre o ano 2002 e 2007.

Tabela 5.27 - Número total de ocupados na Cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Arte	86350	39,35	79200	39,78	80300	37,34	102850	42,99	89650	36,71	97900	40,27	13,38
Publicidade	8250	3,76	4950	2,49	6600	3,07	7700	3,22	11000	4,50	13200	5,43	60,00
Comunicação	18150	8,27	20350	10,22	20900	9,72	15400	6,44	30250	12,39	25300	10,41	39,39
Lazer	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	-
Nível verde	112750	51,38	104500	52,49	107800	50,13	125950	52,64	130900	53,60	136400	56,11	20,98
Esporte	17050	7,77	8800	4,42	17050	7,93	21450	8,97	16500	6,76	16500	6,79	-3,23
Religião	12100	5,51	6600	3,31	6050	2,81	13750	5,75	11000	4,50	8800	3,62	-27,27
Nível amarelo	141900	64,66	119900	60,22	130900	60,87	161150	67,36	158400	64,86	161700	66,52	13,95
Culinária	72050	32,83	74800	37,57	80300	37,34	74800	31,26	81400	33,33	74800	30,77	3,82
Turismo	5500	2,51	4400	2,21	3850	1,79	3300	1,38	4400	1,80	6600	2,71	20,00
Nível vermelho (TOTAL)	219450	100,00	199100	100,00	215050	100,00	239250	100,00	244200	100,00	243100	100,00	10,78

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

A tabela 5.28 revela ainda que o emprego secundário representa uma parcela pouco significativa no total de ocupações culturais. A participação máxima atingiu somente 7,59% no ano de 2005.

Tabela 5.28 - Número total de ocupados na Cultura, por tipo de emprego, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Cultura	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	210100	95,74	187000	93,92	204600	95,14	221100	92,41	227150	93,02	228250	93,89	8,64
Emprego Secundário	9350	4,26	12100	6,08	10450	4,86	18150	7,59	17050	6,98	14850	6,11	58,82
TOTAL	219450	100,00	199100	100,00	215050	100,00	239250	100,00	244200	100,00	243100	100,00	10,78

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

CAPÍTULO 6 – CONCENTRAÇÃO DAS OCUPAÇÕES CULTURAIS

No Capítulo 5 foram apresentados os resultados encontrados para as ocupações culturais – principais, secundárias e totais – na Região Metropolitana do Rio Janeiro para cada um dos oito subgrupos definidos no Capítulo 4. Contudo, no próprio Capítulo 5 foi definida uma diretriz que a base de dados escolhida deveria apreciar informações a níveis de região metropolitana, estado e Brasil.

A razão para tal diretriz é a possibilidade de medidas de concentração espacial das ocupações culturais. Dessa forma, podem ser feitas comparações entre as ocupações nos três níveis regionais definidos, que permitirão identificar o potencial de concentração da Região Metropolitana do Rio de Janeiro frente ao Estado e ao Brasil.

Além deste cálculo a migração é um outro indicador importante a ser analisado. Isso porque se tem o pressuposto de que as regiões de maior dinamismo econômico atraem pessoas das localidades onde a economia é pouco desenvolvida. Assim, como a RMRJ é a segunda maior Região Metropolitana do Brasil em termos de desenvolvimento econômico, é de se esperar que sua capacidade de atração seja grande, e, portanto, tenha um fluxo migratório significativo de outros municípios do Rio de Janeiro e até mesmo de outros estados para si. Contudo, como será apontado na respectiva seção, não é possível calcular esse indicador para a RMRJ.

6.1) A concentração das ocupações culturais na RMRJ

A fim de se verificar a concentração das ocupações culturais, é necessário fazer a mesma análise para o Estado do Rio de Janeiro (ERJ) e para o Brasil que foi realizada para a RMRJ no capítulo anterior. Por uma questão de objetividade e relevância optou-se por não colocar no corpo do texto as tabelas que mostram os

empregos principais, secundários e totais por subgrupo, já que se entende não ser tão importante a comparação de cada uma das ocupações que compõe os subgrupos. Acredita-se ser suficiente a comparação pelo subgrupo como um todo e pela Cultura. Essas tabelas, todavia, são apresentadas no Apêndice, tanto a nível do ERJ como do Brasil.

Em relação ao processo metodológico de levantamento dos dados para essas duas abrangências geográficas, é importante enfatizar que é basicamente o mesmo que foi realizado para a RMRJ. As únicas diferenças para as quais se devem atentar dizem respeito aos fatores multiplicadores, para que se encontrem as estimativas, assim como os coeficientes de variação.

O fator utilizado para o ERJ é 400 para todos os anos, conforme pode ser observado no Anexo V. O outro fator multiplicador que nos interessa, o do Brasil, não é disponibilizado nos micro-dados da PNAD. Para solucionar esse problema, calculou-se esse fator dividindo a estimativa de população calculada através dos micro-dados da própria PNAD pelo número de pessoas entrevistadas. Encontrou-se um número aproximado de 450, que será considerado como o fator para o Brasil.

Em relação aos coeficientes de variação do ERJ e do Brasil, eles podem ser encontrados no Anexo VI.

6.1.1) Comparativo entre as ocupações culturais (principais, secundárias e totais) entre a RMRJ e o ERJ

As Tabelas 6.1, 6.2 e 6.3 abaixo fazem um comparativo entre as ocupações culturais principais, secundárias e totais, respectivamente, entre a RMRJ e ERJ. De uma maneira geral, a primeira reação ao se olhar as tabelas é de surpresa, já que em muitas das situações foram encontrados maior número de ocupados na RMRJ que no ERJ inteiro.

Sendo a RMRJ uma parte contida no ERJ, esse resultado se mostra, a princípio, carente de qualquer sentido. Ele acontece quando o número de observações de diferentes cortes espaciais está próximo. Assim, se para uma determinada ocupação foram encontradas oito observações para o Estado do Rio de Janeiro e sete para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a estimativa será estranha: ao se multiplicar as observações pelos fatores (550 para a RMRJ e 400 para ERJ) haverão mais pessoas com determinada ocupação na RMRJ do que no ERJ.

Tabela 6.1 - Comparativo do número de ocupados (trabalho principal) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupos	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte												
RMRJ	81950	109,56	72050	104,12	74800	108,09	96250	115,13	81950	102,95	92400	105,96
ERJ	74800	100,00	69200	100,00	69200	100,00	83600	100,00	79600	100,00	87200	100,00
Publicidade												
RMRJ	8250	114,58	4950	123,75	6050	126,04	7700	128,33	9900	117,86	12650	131,77
ERJ	7200	100,00	4000	100,00	4800	100,00	6000	100,00	8400	100,00	9600	100,00
Comunicação												
RMRJ	16500	108,55	19250	100,26	19800	101,02	13200	106,45	27500	105,77	23100	111,06
ERJ	15200	100,00	19200	100,00	19600	100,00	12400	100,00	26000	100,00	20800	100,00
Lazer												
RMRJ	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
ERJ	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
Esporte												
RMRJ	14850	116,02	7150	74,48	14850	103,13	18700	103,89	13200	86,84	13200	91,67
ERJ	12800	100,00	9600	100,00	14400	100,00	18000	100,00	15200	100,00	14400	100,00
Religião												
RMRJ	12100	91,67	5500	91,67	6050	79,61	11000	105,77	9350	111,31	8800	84,62
ERJ	13200	100,00	6000	100,00	7600	100,00	10400	100,00	8400	100,00	10400	100,00
Culinária												
RMRJ	70950	92,38	73700	87,32	79200	85,71	70950	87,81	80850	90,23	72600	85,61
ERJ	76800	100,00	84400	100,00	92400	100,00	80800	100,00	89600	100,00	84800	100,00
Turismo												
RMRJ	5500	125,00	4400	110,00	3850	120,31	3300	103,13	4400	110,00	5500	114,58
ERJ	4400	100,00	4000	100,00	3200	100,00	3200	100,00	4000	100,00	4800	100,00
TOTAL												
RMRJ	210100	102,79	187000	95,21	204600	96,88	221100	103,13	227150	98,25	228250	98,38
ERJ	204400	100,00	196400	100,00	211200	100,00	214400	100,00	231200	100,00	232000	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Essa falha tende a ocorrer quando o número de observações é pequeno, já que o número de observações mantém relação inversa com os coeficientes de

variação, que mostram o quanto podem variar para cima ou para baixo a estimativa encontrada.

Tabela 6.2 - Comparativo do número de ocupados (trabalho secundário) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupos	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte												
RMRJ	4400	122,22	7150	85,12	5500	98,21	6600	86,84	7700	113,24	5500	80,88
ERJ	3600	100,00	8400	100,00	5600	100,00	7600	100,00	6800	100,00	6800	100,00
Publicidade												
RMRJ	0	-	0	-	550	68,75	0	0,00	1100	137,50	550	137,50
ERJ	0	-	0	-	800	100,00	400	100,00	800	100,00	400	100,00
Comunicação												
RMRJ	1650	82,50	1100	91,67	1100	137,50	2200	137,50	2750	114,58	2200	137,50
ERJ	2000	100,00	1200	100,00	800	100,00	1600	100,00	2400	100,00	1600	100,00
Lazer												
RMRJ	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
ERJ	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
Esporte												
RMRJ	2200	68,75	1650	82,50	2200	110,00	2750	137,50	3300	103,13	3300	82,50
ERJ	3200	100,00	2000	100,00	2000	100,00	2000	100,00	3200	100,00	4000	100,00
Religião												
RMRJ	0	0,00	1100	137,50	0	-	2750	114,58	1650	103,13	0	0,00
ERJ	400	100,00	800	100,00	0	-	2400	100,00	1600	100,00	400	100,00
Culinária												
RMRJ	1100	137,50	1100	68,75	1100	68,75	3850	87,50	550	34,38	2200	50,00
ERJ	800	100,00	1600	100,00	1600	100,00	4400	100,00	1600	100,00	4400	100,00
Turismo												
RMRJ	0	0,00	0	-	0	-	0	-	0	-	1100	137,50
ERJ	400	100,00	0	-	0	-	0	-	0	-	800	100,00
TOTAL												
RMRJ	9350	89,90	12100	86,43	10450	96,76	18150	98,64	17050	103,96	14850	80,71
ERJ	10400	100,00	14000	100,00	10800	100,00	18400	100,00	16400	100,00	18400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

No entanto, muito mais que simplesmente descartar esses resultados, cabe uma reflexão maior em relação a eles. Além das questões metodológicas, esses percentuais apontam para uma realidade: há uma significativa concentração das ocupações culturais fluminenses na RMRJ.

Tomemos como exemplo o número total de ocupados do ano de 2005 (Tabela 6.3). Ao observá-lo verificamos o ilogismo já mencionado, onde a RMRJ possui mais ocupados que o ERJ. Contudo, ao considerarmos os coeficientes de variação – 6,1%

para ambos os casos – e variarmos o número de ocupados da RMRJ para baixo o máximo possível e o do ERJ para cima o máximo possível, perceberemos que ao se calcular a nova percentagem, dentro do rigor metodológico, ela ultrapassará 95%. Se fizermos essa mesma conta para o ano de 2007 ele também será superior a essa percentagem.

Tabela 6.3 - Comparativo do número total de ocupados entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupos	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte												
RMRJ	86350	110,14	79200	102,06	80300	107,35	102850	112,77	89650	103,76	97900	104,15
ERJ	78400	100,00	77600	100,00	74800	100,00	91200	100,00	86400	100,00	94000	100,00
Publicidade												
RMRJ	8250	114,58	4950	123,75	6600	117,86	7700	120,31	11000	119,57	13200	132,00
ERJ	7200	100,00	4000	100,00	5600	100,00	6400	100,00	9200	100,00	10000	100,00
Comunicação												
RMRJ	18150	105,52	20350	99,75	20900	102,45	15400	110,00	30250	106,51	25300	112,95
ERJ	17200	100,00	20400	100,00	20400	100,00	14000	100,00	28400	100,00	22400	100,00
Lazer												
RMRJ	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
ERJ	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
Esporte												
RMRJ	17050	106,56	8800	75,86	17050	103,96	21450	107,25	16500	89,67	16500	89,67
ERJ	16000	100,00	11600	100,00	16400	100,00	20000	100,00	18400	100,00	18400	100,00
Religião												
RMRJ	12100	88,97	6600	97,06	6050	79,61	13750	107,42	11000	110,00	8800	81,48
ERJ	13600	100,00	6800	100,00	7600	100,00	12800	100,00	10000	100,00	10800	100,00
Culinária												
RMRJ	72050	92,85	74800	86,98	80300	85,43	74800	87,79	81400	89,25	74800	83,86
ERJ	77600	100,00	86000	100,00	94000	100,00	85200	100,00	91200	100,00	89200	100,00
Turismo												
RMRJ	5500	114,58	4400	110,00	3850	120,31	3300	103,13	4400	110,00	6600	117,86
ERJ	4800	100,00	4000	100,00	3200	100,00	3200	100,00	4000	100,00	5600	100,00
TOTAL												
RMRJ	219450	102,16	199100	94,63	215050	96,87	239250	102,77	244200	98,63	243100	97,08
ERJ	214800	100,00	210400	100,00	222000	100,00	232800	100,00	247600	100,00	250400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Dessa forma o que as tabelas indicam é uma concentração massiva das ocupações culturais do ERJ na RMRJ.

6.1.2) Comparativo entre as ocupações culturais (principais, secundárias e totais) entre a RMRJ e o Brasil

As Tabelas 6.4, 6.5 e 6.6 abaixo fazem um comparativo entre as ocupações culturais principais, secundárias e totais, respectivamente, entre a RMRJ e o Brasil.

Tabela 6.4 - Comparativo do número de ocupados (trabalho principal) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Brasil para o período 2002-2007

Subgrupos	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte												
RMRJ	81950	9,22	72050	7,69	74800	7,82	96250	8,74	81950	7,30	92400	8,16
BR	889200	100,00	936450	100,00	956700	100,00	1101600	100,00	1122750	100,00	1132200	100,00
Publicidade												
RMRJ	8250	9,26	4950	6,88	6050	7,08	7700	8,64	9900	9,02	12650	12,95
BR	89100	100,00	72000	100,00	85500	100,00	89100	100,00	109800	100,00	97650	100,00
Comunicação												
RMRJ	16500	8,20	19250	10,31	19800	10,02	13200	6,67	27500	11,64	23100	11,46
BR	201150	100,00	186750	100,00	197550	100,00	198000	100,00	236250	100,00	201600	100,00
Lazer												
RMRJ	0	0,00	0	-	0	-	0	-	0	0,00	0	-
BR	450	100,00	0	-	0	-	0	-	450	100,00	0	-
Esporte												
RMRJ	14850	7,59	7150	4,00	14850	7,38	18700	9,07	13200	5,94	13200	6,14
BR	195750	100,00	178650	100,00	201150	100,00	206100	100,00	222300	100,00	215100	100,00
Religião												
RMRJ	12100	8,93	5500	5,05	6050	4,47	11000	7,23	9350	6,70	8800	5,94
BR	135450	100,00	108900	100,00	135450	100,00	152100	100,00	139500	100,00	148050	100,00
Culinária												
RMRJ	70950	6,74	73700	6,48	79200	6,82	70950	5,79	80850	6,24	72600	5,69
BR	1053000	100,00	1138050	100,00	1161000	100,00	1226250	100,00	1296450	100,00	1276200	100,00
Turismo												
RMRJ	5500	11,53	4400	10,51	3850	7,92	3300	7,64	4400	8,43	5500	12,87
BR	47700	100,00	41850	100,00	48600	100,00	43200	100,00	52200	100,00	42750	100,00
TOTAL												
RMRJ	210100	8,04	187000	7,02	204600	7,34	221100	7,33	227150	7,14	228250	7,33
BR	2611800	100,00	2662650	100,00	2785950	100,00	3016350	100,00	3179700	100,00	3113550	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

As ocupações principais na RMRJ corresponderam mais de 7% em relação ao total brasileiro em todo o período analisado. Publicidade, Comunicação e Turismo se

destacam ao ultrapassar os 10% no ano de 2007. Lazer, como já havia sido detectado não teve qualquer relevância.

Tabela 6.5 - Comparativo do número de ocupados (trabalho secundário) entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Brasil para o período 2002-2007

Subgrupos	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte												
RMRJ	4400	5,40	7150	7,64	5500	6,17	6600	5,45	7700	6,58	5500	4,72
BR	81450	100,00	93600	100,00	89100	100,00	121050	100,00	117000	100,00	116550	100,00
Publicidade												
RMRJ	0	0,00	0	0,00	550	7,64	0	0,00	1100	12,87	550	7,64
BR	7650	100,00	4950	100,00	7200	100,00	6300	100,00	8550	100,00	7200	100,00
Comunicação												
RMRJ	1650	5,91	1100	5,56	1100	4,61	2200	8,73	2750	9,86	2200	9,05
BR	27900	100,00	19800	100,00	23850	100,00	25200	100,00	27900	100,00	24300	100,00
Lazer												
RMRJ	0	-	0	-	0	0,00	0	-	0	-	0	-
BR	0	-	0	-	450	100,00	0	-	0	-	0	-
Esporte												
RMRJ	2200	5,96	1650	5,31	2200	7,30	2750	7,74	3300	8,33	3300	7,80
BR	36900	100,00	31050	100,00	30150	100,00	35550	100,00	39600	100,00	42300	100,00
Religião												
RMRJ	0	0,00	1100	8,43	0	0,00	2750	15,28	1650	7,05	0	0,00
BR	14400	100,00	13050	100,00	16200	100,00	18000	100,00	23400	100,00	20250	100,00
Culinária												
RMRJ	1100	3,30	1100	3,65	1100	2,98	3850	9,20	550	1,49	2200	4,84
BR	33300	100,00	30150	100,00	36900	100,00	41850	100,00	36900	100,00	45450	100,00
Turismo												
RMRJ	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1100	24,44
BR	1350	100,00	2250	100,00	1350	100,00	2250	100,00	1350	100,00	4500	100,00
TOTAL												
RMRJ	9350	4,61	12100	6,21	10450	5,09	18150	7,25	17050	6,69	14850	5,70
BR	202950	100,00	194850	100,00	205200	100,00	250200	100,00	254700	100,00	260550	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

As ocupações secundárias, por sua vez, variaram entre 4,6% e 7,25%, sendo tais percentuais, em média, inferiores aos das ocupações principais. A maior flutuação das percentagens se deve ao pouco número de observações.

No total das ocupações culturais, a RMRJ respondeu em média, mais de 7% do Brasil, confirmando o destaque dos subgrupos mencionados. Isso se deve ao fato de que as ocupações principais têm participação muito superior às secundárias no total. Um outro aspecto importante a ser notado é que a RMRJ perdeu participação no

total no período considerado – era de 7,8% em 2002 e caiu para 7,2% em 2007 – apesar de ter aumentado o número de ocupações de forma absoluta.

Tabela 6.6 - Comparativo do número total de ocupados entre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Brasil para o período 2002-2007

Subgrupos	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
Arte												
RMRJ	86350	8,90	79200	7,69	80300	7,68	102850	8,41	89650	7,23	97900	7,84
BR	970650	100,00	1030050	100,00	1045800	100,00	1222650	100,00	1239750	100,00	1248750	100,00
Publicidade												
RMRJ	8250	8,53	4950	6,43	6600	7,12	7700	8,07	11000	9,29	13200	12,59
BR	96750	100,00	76950	100,00	92700	100,00	95400	100,00	118350	100,00	104850	100,00
Comunicação												
RMRJ	18150	7,92	20350	9,85	20900	9,44	15400	6,90	30250	11,45	25300	11,20
BR	229050	100,00	206550	100,00	221400	100,00	223200	100,00	264150	100,00	225900	100,00
Lazer												
RMRJ	0	0,00	0	-	0	0,00	0	-	0	0,00	0	-
BR	450	100,00	0	-	450	100,00	0	-	450	100,00	0	-
Esporte												
RMRJ	17050	7,33	8800	4,20	17050	7,37	21450	8,88	16500	6,30	16500	6,41
BR	232650	100,00	209700	100,00	231300	100,00	241650	100,00	261900	100,00	257400	100,00
Religião												
RMRJ	12100	8,07	6600	5,41	6050	3,99	13750	8,08	11000	6,75	8800	5,23
BR	149850	100,00	121950	100,00	151650	100,00	170100	100,00	162900	100,00	168300	100,00
Culinária												
RMRJ	72050	6,63	74800	6,40	80300	6,70	74800	5,90	81400	6,10	74800	5,66
BR	1086300	100,00	1168200	100,00	1197900	100,00	1268100	100,00	1333350	100,00	1321650	100,00
Turismo												
RMRJ	5500	11,21	4400	9,98	3850	7,71	3300	7,26	4400	8,22	6600	13,97
BR	49050	100,00	44100	100,00	49950	100,00	45450	100,00	53550	100,00	47250	100,00
TOTAL												
RMRJ	219450	7,80	199100	6,97	215050	7,19	239250	7,32	244200	7,11	243100	7,20
BR	2814750	100,00	2857500	100,00	2991150	100,00	3266550	100,00	3434400	100,00	3374100	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

6.2) Migração

Na seção anterior foi identificada uma grande concentração das ocupações culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Conforme já levantado anteriormente, é de se esperar que exista um fluxo migratório de outras regiões para a RMRJ. Sendo assim, faz todo o sentido tentar captar a migração.

No entanto, esbarra-se em uma questão metodológica. As informações disponíveis nos micro-dados da PNAD só permitem descobrir fluxos migratórios entre municípios distintos e entre Unidades de Federação diversas. No caso das unidades de federação é possível descobrir o estado de origem, de fim e até mesmo algum percurso (caso tenha mudado de estado mais de uma vez) da pessoa pesquisada, em um dado período de referência (5 anos, 10 anos, se reside atualmente no estado em que nasceu, etc...).

No caso dos municípios não existe um código que os identifique, o que só permite saber se o pesquisado mudou ou não de município, em diversos períodos de referência, sem identificar qual é o município de origem e qual o de destino. Dessa forma, não há como, via micro-dados da PNAD, verificar o fluxo migratório para Regiões Metropolitanas. Dois exemplos ajudam a elucidar essa questão

O primeiro é o de João, uma das pessoas entrevistadas na PNAD, que saiu do município de Teresópolis e se mudou para o município do Rio de Janeiro. Não há como via micro-dados da PNAD saber que ele veio de Teresópolis; o máximo de informação que se consegue acerca do município de origem de João é que ele saiu de um município do ERJ. Quanto ao município de destino, ou seja, no qual João foi entrevistado, é possível saber em que Unidade de Federação (UF) está esse município e, se ele pertence ou não à RM da respectiva UF.

O segundo exemplo é o de Maria, que também foi entrevistada, tendo saído de Duque de Caxias para morar também no município do Rio de Janeiro. Assim como no caso de João, é possível saber que ela veio de um município do Estado do Rio de Janeiro e que ela foi para outro município, que nesse caso pertence à RMRJ.

Dessa forma, é possível saber que o município de destino pertence ou não à RMRJ, mas não há como ter a mesma certeza para o município de origem. Assim, embora João de fato faça parte de um fluxo migratório para a RMRJ, Maria não faz, já que Duque de Caxias já faz parte da RMRJ, tendo ela somente se mudado dentro da própria Região Metropolitana.

Cabe destacar que de fato é possível identificar fluxos migratórios, em determinados períodos de referência, entre Unidades de Federação, ou até entre uma RM e outras Unidades de Federação. Contudo, para o objetivo de detectar a capacidade de atração da RMRJ sobre o Estado do Rio de Janeiro tais informações não são relevantes.

Uma última observação é que parte dessas dificuldades surge pela necessidade de preservação do sigilo das informações individuais, conforme exposto no Plano de Amostragem da PNAD, objeto do Anexo IV.

PARTE III

SUBSÍDIOS AO ENQUADRAMENTO DAS OCUPAÇÕES CULTURAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA ECONOMIA DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

A terceira e última parte dessa dissertação tem como principal objetivo confrontar os resultados obtidos com a hipótese definida na primeira parte, de forma a verificar sua validade. Além disso, observamos ainda, nessa ocasião, o quanto que essas novas informações aqui geradas conseguem responder, ou não, aos anseios da Economia da Cultura como um todo.

O Capítulo 7 retoma as principais questões levantadas na dissertação, sintetizando-as para então discorrer sobre a tese. Novos dados extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios serão utilizados para confrontar àqueles apresentados na Parte II, subsidiando as conclusões acerca da relevância da cultura na economia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

No Capítulo 8 são expostas de forma objetiva as contribuições da dissertação à Economia da Cultura. Procurar-se ajustar o fluxo informacional criado no capítulo anterior ao estoque de conhecimento já existente, destacando o alcance e as limitações dessas contribuições.

Por fim, no Capítulo 9, último dessa dissertação, apontam-se algumas lacunas da dissertação e da própria Economia da Cultura que persistem, com o intuito de fornecer pistas para a elaboração de novos trabalhos nessa área do conhecimento. Potenciais dificuldades e obstáculos ao desenvolvimento desses estudos são igualmente apresentados nos casos que o autor já tem alguma reflexão prévia sobre o assunto em questão.

Espera-se, ao final da Parte III, que o raciocínio estimulado na Parte I e, desenvolvido na Parte II, possa ser finalizado. Não de forma definitiva, pois essa palavra não pertence ao vocabulário científico, mas sim no âmbito das proposições estabelecidas.

CAPÍTULO 7 – A RELEVÂNCIA DOS EMPREGOS CULTURAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Até este momento não se comprovou de fato a relevância do emprego cultural, que é a hipótese principal da presente dissertação. Isso porque as informações fornecidas até agora só dizem respeito aos trabalhadores da cultura, não tendo sido realizada nenhuma comparação com os outros trabalhadores

Para tal análise, é imprescindível olhar para fora dos empregos culturais já que é impossível auferir relevância a algo sem considerar o seu contexto. Por outro lado, é necessário perceber que é improfícua a promoção de algo que não se tem definido e compreendido com clareza. Portanto, existem dois eixos necessários para se fazer uma análise: a compreensão do objeto a ser analisado e o contexto no qual está inserido.

Com isso em vista, nesse capítulo serão tecidas algumas considerações acerca do emprego cultural. Na seção 7.1 será discutida a delimitação proposta à luz dos resultados encontrados, focando, dessa forma, a questão da compreensão do objeto. Já a seção 7.2 irá refletir acerca da relevância econômica dos empregos culturais na RMRJ, enfatizando, assim, o contexto.

7.1) Considerações acerca da delimitação por subgrupos

No Capítulo 4 o emprego cultural foi estruturado a partir de oito subgrupos: Arte, Publicidade, Comunicação, Lazer, Esporte, Religião, Culinária e Turismo. A escolha desses subgrupos partiu não só dos trabalhos do IPEA e do IBGE citados na ocasião, mas também de conversas e reflexões pessoais. Estabeleceram-se então níveis de concordância entre a dissertação e esses trabalhos de referência.

O que não se deve perder de vista é que o objetivo de tal procedimento não era de apenas comparar as propostas. Muito mais do que isso, era, a partir dos dados levantados, saber como essas diferentes propostas podem conduzir a resultados distintos e, portanto, a conclusões igualmente diversas.

Isso remete àquela explanação empreendida no Capítulo 3, quando foram apresentados diversos entendimentos acerca da Cultura e sua potencialidade econômica. Naquele momento questionou-se se tem sentido falar de dados da Cultura sem se definir claramente o que ela é de fato.

A propósito, essa discussão acerca do que é cultura perpassou toda a dissertação, tendo grande espaço nas Partes I, II, e neste momento, na Parte III. O leitor, em algum momento, poderia até ter se perguntado se o objetivo deste trabalho não seria justamente uma proposição de emprego cultural. No entanto, não é essa a finalidade, mas sim procurar saber qual a relevância do emprego cultural na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, tanto a nível interno, como em relação ao emprego cultural no Brasil como um todo.

Entendeu-se, contudo, que era necessário superar, ainda que momentaneamente, essa grande dificuldade metodológica que, no decorrer da elaboração desse trabalho, mostrou-se, na opinião do autor, como o maior empecilho para o avanço da Economia da Cultura. Não é possível analisar algo que não se sabe o que é. Por conta disso é que muitas linhas foram direcionadas a essa questão, que é o meio para se alcançar o objetivo proposto, e não o próprio objetivo.

A fim, então, de subsidiar as conclusões apresentadas na seção 7.2, esta seção visa, a partir dos subgrupos e dos níveis de concordância, detectar possíveis distorções e/ou questões cruciais que devem ser observadas para uma maior compreensão do emprego cultural. Servirá ainda como forma de sintetizar as informações já disponibilizadas em capítulos anteriores, preparando o leitor para a seção seguinte.

7.1.1) Consideração acerca dos subgrupos

A partir dos dados levantados é possível ter uma visão melhor dos subgrupos definidos, possibilitando encontrar sua relevância no todo - a Cultura. Seguem breves conclusões de cada subgrupo que servirão como ponto de partida para a análise empreendida na subseção seguinte:

A) Arte - O subgrupo arte é o que responde por maior participação no total do emprego cultural, circundando os 40%, tanto no caso da RMRJ como no Brasil. A ocupação Código 2625 - Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins - merece destaque por ser responsável por cerca de 30% do total do subgrupo nos anos pesquisados;

B) Publicidade – Composto por apenas uma ocupação, o subgrupo publicidade teve participação que variou em torno de 4,5%;

C) Comunicação – Mostrou-se como o terceiro subgrupo com maior número de empregados, cuja participação oscila em torno de 10%. As ocupações Código 2611 – Profissionais de Jornalismo -, 2615 – Escritores e Redatores -, e 2617 – Locutores e Comentaristas – merecem destaque por juntas corresponderem quase sempre mais de 60% do total do subgrupo;

D) Lazer – esse subgrupo, com apenas uma ocupação mostrou-se irrelevante tanto à nível de RM como a nível de Brasil, podendo ser ignorado sem prejuízo da análise³⁵;

³⁵ Conforme apontado anteriormente, o subgrupo Lazer é composto apenas pela ocupação “Mantenedores de equipamentos de lazer”. Como pode ser observado no Anexo III, essa ocupação diz respeito aos trabalhadores que atuam na manutenção de equipamentos de parques de diversões e similares

E) Esporte – a participação no total dos empregos culturais nesse subgrupo oscila em torno de 5%. Merece destaque a ocupação Código 3771 – Técnicos Esportivos – que em quase todos os anos observados para a RMRJ e para o Brasil respondeu por mais de 50% do subgrupo;

F) Religião – com apenas uma ocupação esse subgrupo teve uma participação que oscilou em torno de 4%;

G) Culinária – obteve a segunda maior participação, respondendo por mais de 30% do total do emprego cultural;

H) Turismo – Com pouca expressividade esse subgrupo teve uma participação que variou em torno de 2%.

7.1.2) Considerações acerca dos níveis de confiança

Os níveis de confiança foram um instrumento encontrado para ratificar um núcleo comum para a cultura e apontar possíveis elementos destoantes, que não podem ser ignorados. As cores - verde, amarelo e vermelho - foram escolhidas em analogia às utilizadas nos sinais de trânsito e representam o respaldo que se tem para prosseguir ou não a viagem.

Assim, a cor verde indica que se pode passar por ali sem qualquer preocupação – no nosso caso, existem trabalhos consideráveis que concordam com a estruturação da cultura. A amarela indica que se deve ter atenção e cuidado na hora de ultrapassar, já que a qualquer momento pode se tornar vermelha – alguns trabalhos relevantes discordam enquanto outros concordam com a conceituação proposta do emprego cultural. E, por fim, a cor vermelha nos diz que devemos parar – significa que não existe respaldo significativo para o que está se propondo. As cores são

acumulativas de forma que a amarela inclui a verde e a vermelha engloba as duas anteriores. Assim, a cor vermelha constitui-se na estruturação de emprego cultural proposta nessa dissertação.

A cor verde representa o núcleo comum, aquilo que de forma segura existe pouca contestação, no âmbito da Economia da Cultura, de que seja emprego cultural. Nessa faixa estão os subgrupos Arte, Publicidade, Comunicação e Lazer, que juntos correspondem mais de 50% do total de ocupações culturais da estrutura mais abrangente.

O subgrupo Arte, que como já vimos na subseção anterior tem o maior peso na estrutura global, acaba tendo uma participação ainda mais incisiva quando se considera apenas a faixa verde. Ele responde por mais de 70% dessa cor. O subgrupo Lazer, por outro lado, mantém sua condição ínfima na participação.

A cor amarela acrescenta pouca participação na estrutura global, não somando mais de 15% do número de empregados culturais em relação a cor verde. Internamente, o subgrupo Esporte apresenta uma participação superior à Religião em todos os anos pesquisados. As cores verdes e amarelas juntas representam em torno de 65% da estrutura mais abrangente.

Por fim, a cor vermelha acrescenta em torno de 35% o número de empregados na cultura, sendo que o subgrupo Culinária responde sozinho por cerca de 30% do total de empregados culturais. É exatamente neste ponto que encontramos uma questão que não pode ser ignorada: a inclusão do subgrupo Culinária impacta de forma significativa os resultados encontrados e as conclusões obtidas a partir desses.

Assim como no estudo do IPEA, comentado no Capítulo 4, em que a inclusão da Educação como cultura mais do que dobrava a participação do emprego cultural no total do mercado de trabalho, ao considerarmos a Culinária, corremos o mesmo risco de distorção. Além disso, como pertence à faixa vermelha, a inclusão desse subgrupo é muito questionável, demandando atenção especial.

Dessa forma, quando forem estimadas as percentagens dos trabalhadores culturais em relação ao número total de trabalhadores, considerar-se-ão os três níveis de confiança, a fim de mostrar ao leitor como as diferentes interpretações da cultura influenciam de forma decisiva os resultados.

7.2) A relevância dos empregos culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

Até o presente momento, as atenções estavam voltadas para o entendimento do objeto da presente dissertação – a cultura – a partir de sua estruturação e de sua evolução no período considerado. Todavia este é apenas um eixo da análise, que sozinho não permite verificar se os empregos culturais são de fato relevantes ou não.

Esta seção se constitui no outro eixo da análise, que procura ver o contexto no qual o objeto está estabelecido, a fim de auferir ou não a sua significância. Isso porque se parte do entendimento de que algo só pode ser relevante quando houver outros objetos a serem comparados.

No caso dessa dissertação, só há como perceber a importância dos empregos culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro se detectarmos a sua participação relativa no total de empregos da referida região e comparamos esse resultado com o seu análogo em nível estadual e nacional.

Para essa tarefa é necessário conhecermos a População Economicamente Ativa Ocupada – PEA ocupada – para os três níveis espaciais referentes a cada ano do período considerado. Esses números puderam ser calculados através da própria PNAD de cada ano e incluem apenas o trabalho principal. O trabalho secundário não é incluso porque como o índice mede o número de empregados, caso o consideremos estaremos incorrendo em dupla contagem. Caso o índice se referisse ao número de postos de trabalho, aí sim o emprego secundário deveria ser levado em consideração.

Além da PEA ocupada é necessário ainda dispor de dados referentes às ocupações culturais. Tais informações já foram fornecidas na Parte II dessa dissertação. A Tabela 7.1 abaixo reúne as informações do emprego cultural, por níveis de confiança, e do total da PEA ocupada na RMRJ.

Tabela 7.1 - Comparativo do número de ocupados na Cultura com o número total de ocupados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego cultural - Nível verde	106700	2,62	96250	2,56	100650	2,46	117150	2,74	119350	2,77	128150	2,96	20,10
Emprego cultural - Nível amarelo	133650	3,29	108900	2,89	121550	2,97	146850	3,43	141900	3,29	150150	3,47	12,35
Emprego cultural - Nível vermelho	210100	5,17	187000	4,96	204600	5,01	221100	5,17	227150	5,27	228250	5,28	8,64
PEA ocupada	4066150	100,00	3766950	100,00	4087600	100,00	4277900	100,00	4314200	100,00	4323000	100,00	6,32

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Conforme pode ser observado, a estrutura global da cultura (nível vermelho) correspondeu a mais de 5% do total de empregos da RMRJ em todos os anos, com exceção de 2003. Já o nível verde de concordância corresponde algo em torno da metade do valor da estrutura global, 2,5%. A evolução da composição dos níveis de concordância é mostrada no Gráfico 7.1.

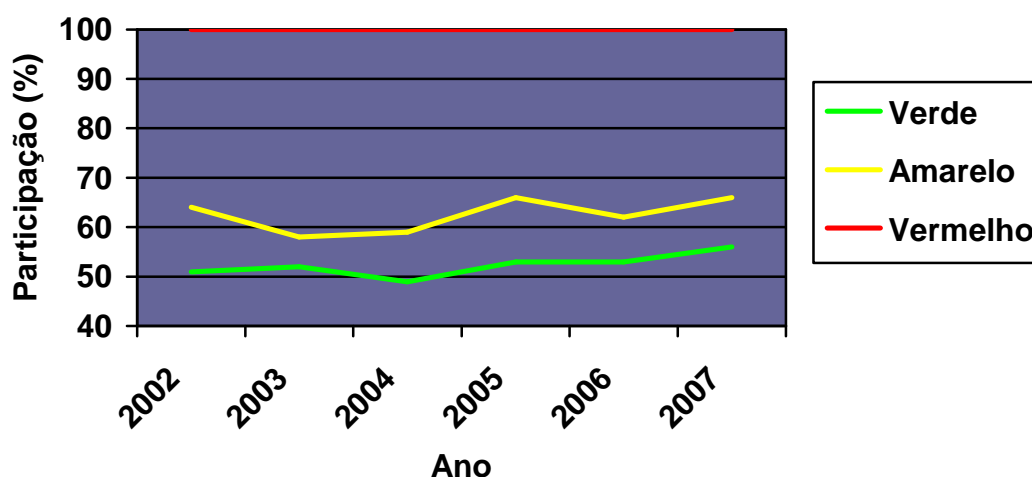


Gráfico 7.1 - Evolução dos níveis de concordância verde e amarelo para a RMRJ

Outra questão interessante a ser observada é que no período considerado, 2002 a 2007, a ocupação total da RMRJ variou 6,32%. As ocupações culturais, nos três níveis de confiança, apresentaram crescimento superior, sendo que no caso da estrutura global foi de 8,64% esse crescimento. Além disso, é possível observar a partir de 2004 uma trajetória tímida de crescimento relativo dos empregos culturais, o que, em outras palavras, significa dizer que as ocupações culturais estão adquirindo maior participação no total das ocupações.

Dessa forma, a partir desses resultados é possível concluir que de fato as ocupações culturais têm expressividade na PEA ocupada da RMRJ. Mas isso, por si só, não revela uma possível vantagem comparativa dessas ocupações, como foi sugerido no capítulo 2 dessa dissertação. Na ocasião foram expostos alguns antecedentes históricos da cidade do Rio de Janeiro, cuja finalidade era apontar para um grande potencial cultural da referida localidade³⁶.

Para se comprovar essa vantagem comparativa é necessário termos outros parâmetros. No nosso caso, será, assim como nos capítulos anteriores comparar com os resultados encontrados para o Estado do Rio de Janeiro e para o Brasil.

Tabela 7.2 - Comparativo do número de ocupados na Cultura com o número total de ocupados no Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego cultural - Nível verde	97200	2,23	92400	2,23	93600	2,10	102000	2,24	114000	2,45	117600	2,48	20,99
Emprego cultural - Nível amarelo	123200	2,83	108000	2,61	115600	2,59	130400	2,87	137600	2,95	142400	3,01	15,58
Emprego cultural - Nível vermelho	204400	4,69	196400	4,75	211200	4,73	214400	4,71	231200	4,96	232000	4,90	13,50
PEA ocupada	4359600	100,00	4134800	100,00	4463200	100,00	4549200	100,00	4657600	100,00	4732800	100,00	8,56

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

A Tabela 7.2 acima mostra o emprego cultural, nos seus três níveis de concordância, vis-à-vis a PEA ocupada no Estado do Rio de Janeiro para o período

³⁶ Cabe ressaltar que, conforme mencionado no Capítulo 5, a PNAD não disponibiliza dados ao nível de município, sendo as Regiões Metropolitanas o menor nível de desagregação o qual lida a pesquisa. Assim, embora no Capítulo 2 a cidade do Rio de Janeiro tenha se mostrado como o foco principal das explanações, a RMRJ é que é considerada no restante do trabalho. Entende-se, contudo, que não há uma incompatibilidade proibitiva entre os capítulos; essas pequenas diferenças não comprometem a análise empreendida nos termos propostos.

2002-2007. O nível vermelho é expressivo assim como no caso da RMRJ, mas em nenhum momento ultrapassa os 5%. O nível verde por sua vez, de forma análoga corresponde algo em torno de metade do total de empregos culturais propostos nessa dissertação.

Esse resultado já era esperado, uma vez que já havia sido detectada a enorme concentração dos empregos culturais na RMRJ. Dessa forma, o mais provável era que os índices encontrados para a RMRJ fossem superiores ao do ERJ. Esse resultado se confirma mesmo quando levamos em consideração que as ocupações, de uma forma geral, já se concentrariam na RMRJ, independentemente de serem culturais ou não.

Isso porque se calcularmos a percentagem da PEA ocupada da ERJ que diz respeito ao total de empregados na RMRJ, veremos que esse número oscila, durante o período 2002-2007, entre 91 e 94%. Todavia, conforme visto na Parte II, a concentração das ocupações culturais na RMRJ em relação ao ERJ supera, em todos os anos pesquisados e com o máximo rigor metodológico a faixa dos 95%. Dessa forma, embora haja uma concentração de maneira geral das ocupações fluminenses na RMRJ, as ocupações culturais, em específico, são mais concentradas que a média.

Contudo, um fato importante que deve ser notado é que o crescimento das ocupações culturais e totais do Estado do Rio de Janeiro no período 2002-2007 foi superior ao da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o que indicaria um processo de desconcentração do emprego. E mais do que isso: os dados apontam para uma desconcentração dos empregos culturais superior a média, já que enquanto de uma maneira geral a variação da PEA ocupada na ERJ foi 35% maior que a da RMRJ, o crescimento dos trabalhos culturais foi 56% maior. Apesar disso, o estado atual é ainda de uma concentração muito expressiva das ocupações culturais fluminenses na RMRJ.

No que concerne ao número de ocupados no Brasil, a Tabela 7.3 abaixo aponta uma participação muito inferior das ocupações culturais, que em nenhum ano ultrapassou os 4% para o nível vermelho e os 2% para o nível verde de concordância.

Tabela 7.3 - Comparativo do número de ocupados na Cultura com o número total de ocupados no Brasil para o período 2002-2007

Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego cultural - Nível verde	1179900	1,58	1195200	1,61	1239750	1,57	1388700	1,70	1469250	1,78	1431450	1,76	21,32
Emprego cultural - Nível amarelo	1511100	2,02	1482750	1,99	1576350	1,99	1746900	2,14	1831050	2,22	1794600	2,20	18,76
Emprego cultural - Nível vermelho	2611800	3,50	2662650	3,58	2785950	3,52	3016350	3,70	3179700	3,85	3113550	3,82	19,21
PEA ocupada	74681100	100,00	74442600	100,00	79111800	100,00	81500400	100,00	82511100	100,00	81452700	100,00	9,07

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Além disso, assim como no caso do Estado do Rio de Janeiro, o crescimento das ocupações culturais e totais apresentaram taxas superiores à da RMRJ, levando a crer num igual processo de desconcentração do emprego, de forma genérica, e do trabalho cultural, de forma específica

A maior atenção, no entanto, deve-se dar na comparação desses dados da Tabela 7.3 com aqueles apontados na Tabela 7.1. Percebemos, ao analisar as tabelas, que as ocupações culturais da RMRJ são mais relevantes quando comparadas ao nível do Brasil. O índice encontrado para a participação da cultura no total da PEA ocupada na RMRJ é 38% maior que o informado para o Brasil. O Gráfico 7.2 abaixo mostra a evolução ao longo do período considerado da participação dos empregos culturais no total das ocupações para os três níveis regionais.

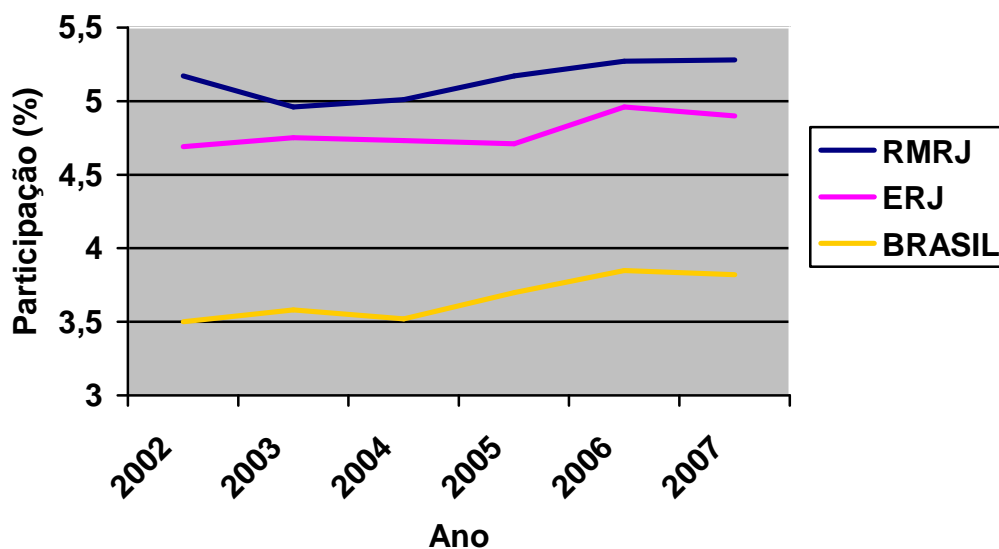


Gráfico 7.2 - Evolução da participação do emprego cultural

Portanto, a conclusão a que se chega é que de fato as ocupações culturais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro são relevantes, tanto por representarem uma parcela não desprezível do total de empregos na referida região, como pelo fato dessa parcela ser proporcionalmente maior que as do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil. Entendendo a quantidade de empregos como uma *proxy* da importância econômica de determinado setor, podemos inferir que a cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro tem um papel significativo do ponto de vista econômico, contribuindo dessa forma ao desenvolvimento da localidade em questão.

Acredita-se que ao longo de sua história, a RMRJ, e, principalmente a cidade do Rio de Janeiro, tenha desenvolvido uma vantagem comparativa na cultura. Isso teria acontecido especialmente pelo fato da cidade ter sido a capital do país durante muitos anos e o refúgio da família real portuguesa das guerras napoleônicas.

Os investimentos realizados nas artes no período 1808-1889 geraram uma infraestrutura cultural que se mantém, em boa parte, até os dias atuais e atraíram

artistas de diversas localidades para exercerem seus ofícios. Criou-se então um dinamismo cultural grande que acabou por influenciar o restante do país bem como a imagem externa do Brasil. Para grande parte dos estrangeiros, a capital do Brasil ainda é o Rio de Janeiro, os principais ritmos são a bossa nova e o samba e as principais paisagens são as praias que contrastam com o cenário urbano.

Como consequência, criou-se um ambiente favorável ao desenvolvimento das atividades culturais, que, hoje, ainda podemos perceber como uma vantagem comparativa. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios nos dá a confirmação dessa vantagem ao indicar uma participação relevante das ocupações culturais no total de pessoas ocupadas, confirmando a hipótese principal dessa dissertação.

CAPÍTULO 8 – CONTRIBUIÇÕES À ECONOMIA DA CULTURA

A cultura tem relevância econômica. Essa é a hipótese norteadora da presente dissertação e se constitui num sentimento generalizado entre os atuais debatedores da Economia da Cultura. Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, essa nova linha de investigação científica tem gerado não desprezível número de trabalhos, procurando entender diversos aspectos econômicos relacionados às atividades culturais, que variam desde a estimação de um PIB cultural, no trabalho da Fundação João Pinheiro, como a busca por um maior entendimento da estrutura produtiva das indústrias culturais específicas.

Dessa forma, essa dissertação se alinha a esses estudos, no sentido de que parte da mesma premissa e, mais do que isso, a comprova por meio dos resultados encontrados e apresentados no capítulo anterior. No entanto, como já foi igualmente apontado na Parte II, outros trabalhos como os do IPEA e do IBGE chegaram a conclusões semelhantes, destacando uma relevante participação da cultura no total das atividades econômicas.

No que tange à questão metodológica, verifica-se ainda outro importante elo entre esta dissertação e as pesquisas do IPEA e do IBGE, que é a utilização da mesma fonte de dados: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. A PNAD, dentre todas as outras pesquisas disponíveis, mostra-se como a mais adequada para se analisar o emprego cultural, como já foi explicado no Capítulo 5, e se constitui na fonte de dados nuclear de todos esses trabalhos.

Mas as semelhanças param por aí. Existem basicamente duas diferenças fundamentais e uma outra conseqüente que singularizam essa dissertação e que, portanto, constitui-se na sua contribuição para o avanço da Economia da Cultura.

8.1) A definição de cultura

Já foi dito no Capítulo 1 que uma definição precisa da Cultura é algo impossível. O conceito tem séculos de existência e sofreu inúmeras modificações ao longo do tempo, sempre consoante aos movimentos sociais, políticos, econômicos, religiosos e científicos que se processaram nas respectivas ocasiões. Ou seja, o conceito não pode ser entendido de uma forma única, mas deve ser interpretado à luz das condições históricas na qual está inscrito. Se o homem é produto do seu tempo, os conceitos, que são constituídos por processos psíquicos de abstração pelos homens e para a comunicação entre eles, devem ser igualmente contextualizáveis.

Dessa forma, ressalta-se mais uma vez, que toda e qualquer concepção de cultura adotada não é plena e não pode revogar para si um *status* de permanência e irrevogabilidade. Por outro lado, a alegação da complexidade não pode servir de entrave à pesquisa científica. O que se e pode, e é o que é feito pela ciência, é decompor o fenômeno de maneira tal que torne possível o seu enquadramento dentro de uma classificação ou método analítico.

A proposição de cultura aqui apresentada é o que Throsby (2001) chamou de “definição funcional de cultura”. Nessa conceituação, a cultura é vista sob a ótica produtiva, manifesta pelas indústrias culturais. A sua relação com a economia se dá de maneira semelhante à das indústrias não-culturais, através da produção de bens e serviços, que devem ser consumidos pelo homem econômico, mediante a busca de sua satisfação pessoal, como reza a teoria do bem-estar.

De fato, ainda que os bens e serviços culturais incorporem valores que vão além dos econômicos, o que justificaria uma visão de investimento pública e não privada, no que tange especificamente a questão da produção as indústrias culturais podem ser encaradas da mesma maneira que as restantes. Essa premissa está

subjacente a todo o desenvolvimento da presente dissertação, assim como dos outros trabalhos citados.

O que nos diferencia e que se torna uma contribuição para a Economia da Cultura é a forma como se constrói esse conceito funcional de cultura. A grande maioria dos trabalhos que procuram analisar a economicidade da cultura dedica mínimas linhas à descrição desse conceito. Diz-se apenas que a cultura certamente é um termo de grande complexidade e que a discussão acerca dessa definição não é objeto do trabalho, para logo após apresentar uma descrição das atividades ou ocupações que são consideradas culturais.

Muitos desses trabalhos, portanto, furtam-se a essa discussão, alegando que o espaço ali disposto não seria suficiente para tratar desse assunto. O problema maior não está em um trabalho proceder desta forma, mas sim de diversos trabalhos caminharem sem refletirem sobre essa questão. A consequência dessa postura é a diversidade e a incongruência das propostas e dos resultados das diversas análises, nos fazendo pensar se estamos falando de Economia da Cultura ou de Economia das Culturas.

Há, no entendimento do autor, uma verdadeira esquizofrenia conceitual, onde cada trabalho elege a sua definição de cultura independentemente dos demais. Tem-se casos, como já demonstrado, de pesquisas diferentes de uma mesma instituição que apresentam discordâncias conceituais entre si.

Contudo, a nossa intenção não é simplesmente criticar as definições dos outros trabalhos, já que de maneira análoga, a delimitação aqui proposta é igualmente passível de apontamentos. O que se tenta indicar é uma necessidade urgente de homogeneização do conceito, de forma que ao se falar em Economia da Cultura, e, mais especificamente, em atividades e ocupações culturais, todos os pesquisadores e os formuladores de políticas tenham um entendimento semelhante do tema.

Uma forma de mitigar esse problema é a formação de um fórum nacional de discussão composto por entidades públicas e privadas que tenha por finalidade a

descrição das atividades e ocupações culturais, nos moldes estabelecidos pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas e pela Classificação Brasileira de Ocupações. Instituições públicas diretamente interessadas como o Ministério da Cultura, a Fundação Nacional das Artes, a Agência Nacional de Cinema, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, entre outros, aliadas à instituições de pesquisa, como o IBGE e o IPEA, e de financiamento, como o BNDES, e ainda as mais diversas associações, como a Associação Brasileira de Produtores de Disco, devem formar grupos de trabalho com um objetivo definido e sistemático de conceituação, para fins de pesquisa e de política pública, do que é cultura e quais são as indústrias culturais.

Acredita-se que o avanço nos estudos em Economia da Cultura e as ações deles decorrentes estão prejudicados por essa carência de definição. Mais do que isso, a própria linha de investigação científica tem seu potencial dificultado por tal situação.

Deve-se ter em mente, ainda, que esse fórum deve ter um caráter permanente, já que conforme já dito várias vezes, toda e qualquer delimitação de cultura incorre em grandes possibilidades de erro. Assim, conforme as atividades vão se diversificando e as visões vão se tornando obsoletas, é necessário rever o conceito de forma a adequá-lo aos paradigmas vigentes em cada momento histórico.

A metodologia dos níveis de concordância verde, amarelo e vermelho serve como um primeiro passo para a formação desse conceito. Ao comparar as propostas de dois importantes trabalhos, estabelece um núcleo comum (cor verde) com possíveis adições (cores amarela e vermelha). Dessa forma, já aponta as congruências e as divergências entre os dois trabalhos discutidos na Parte II, subsidiando o trabalho a ser desempenhado por esse fórum, caso ele venha a ser constituído.

Não se pode perder de vista, contudo, que os níveis de concordância foram definidos por meio dos oito subgrupos descritos no Capítulo 4 (Arte, Publicidade,

Comunicação, Lazer, Esporte, Religião, Culinária e Turismo) e que cada um desses subgrupos, por sua vez, foi construído a partir de uma seleção de ocupações dentre as previstas pela CBO que o autor dessa dissertação entendeu serem culturais. Dessa forma, a discussão não pode se encerrar apenas no nível das cores, mas deve prosseguir até o menor nível de desagregação possível, que é a ocupação em si. Isso porque da mesma forma que a seleção dos subgrupos que compõem a cultura pode ser questionada, a composição de cada subgrupo aqui definida é igualmente passível de críticas.

A primeira contribuição dessa dissertação, portanto, é de cunho metodológico. Ela aponta para a necessidade premente de uma definição consensual de cultura, para os fins de pesquisa e formulação de políticas públicas em cultura. Além disso, por meio dos níveis de concordância oferece um primeiro norte para as discussões que esperamos que aconteça o mais breve possível.

8.2) O emprego cultural

A segunda contribuição dessa dissertação decorre da primeira e se constitui nos resultados encontrados para o emprego cultural, servindo como mais indicadores da importância econômica da cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Os dados nos permitiram tirar conclusões acerca do número de empregados culturais por subgrupo e nível de concordância, da colossal concentração do emprego cultural fluminense na RMRJ e da participação desse emprego no total da População Economicamente Ativa Ocupada. Essas informações comprovam a importância econômica da cultura, além de apontarem, no caso específico do número de empregados por subgrupo, possíveis elementos de distorção que podem, dependendo do julgamento, serem retirados da análise.

Deve-se observar, porém, que os resultados encontrados podem estar subestimados. Isso porque em toda a análise empreendida tomou-se como base de referência a semana e não o ano. Nesse sentido, o número de ocupados na cultura apresentado diz respeito somente àquelas pessoas que estavam trabalhando na semana específica determinada em cada PNAD, conforme mostrado no Capítulo 5. Caso fosse tomado como referência de captação o ano e não a semana, certamente o número total de empregados na cultura seria maior que o apresentado. Isso porque incluiria as pessoas que não estavam empregadas na semana de referência, mas que tiveram algum trabalho cultural no período de 365 dias.

Outra questão que se deve igualmente atentar é que todos os resultados encontrados são estimativas que estão sujeitas à variação. Quando a estimativa é muito pequena, caso recorrente quando tomamos uma ocupação de forma isolada, esse coeficiente de variação é bem expressivo. Isso acaba impossibilitando uma análise mais precisa, além de gerar alguns resultados incoerentes, como aquele que apontava uma estimativa de empregados culturais para a RMRJ maior que para o ERJ. Nessas situações esses coeficientes de variação devem ser consultados com mais cuidado para desvendar um aparente ilogismo.

Além disso, essa dissertação não apresentou quaisquer resultados voltados para o estabelecimento do perfil do emprego cultural. Questões como condição do trabalho, distribuição etária e sexual, salário médio, sazonalidade, nível de instrução, entre outras, não foram objetos de estudo, embora haja o reconhecimento de que tem importância.

A contribuição dessa dissertação restringiu-se, portanto, à comprovação da relevância econômica da cultura na Região Metropolitana do Rio de Janeiro por meio de análise das ocupações culturais. Os diversos dados e resultados foram dispostos exclusivamente para tratar da questão chave desse trabalho, não podendo ser utilizados para outros fins sem a devida observância das questões metodológicas apontadas na Parte II.

8.3) O trabalho secundário

A análise do trabalho secundário não é objetivo da presente dissertação. No entanto, na medida em que os dados foram sendo levantados, detectou-se a oportunidade de tratar desse tema transversal. Daí porque na Parte II existem tabelas que tratam exclusivamente da ocupação secundária.

A principal hipótese ligada ao trabalho secundário, como consta em trabalhos como o de Throsby (2001), é que, no caso da cultura, ele seria extremamente significativo. Tem-se notícia acerca de pessoas que no período diurno trabalham em uma empresa e, de noite, atuam como músicos, participando de ensaios de banda e se apresentando em bares e restaurantes. Já se pôde ouvir também sobre aquela pessoa que possui uma ocupação burocrática durante os dias habituais de trabalho e, nos fins de semana atua como ator. Ou ainda aquele empresário que participa de competições esportivas e, embora não seja seu objetivo auferir renda, ele acaba ganhando prêmios e benefícios.

Essa hipótese de que o trabalho secundário na cultura é muito significativo advém da idéia de que “não se valoriza a cultura”. Entende-se então que não existiria investimento necessário por parte do setor público e privado, o que impossibilitaria a absorção da mão-de-obra cultural. Sem ter emprego essas pessoas acabariam tendo que recorrer à outra ocupação para a obtenção de renda, que não só garantiriam a sua sobrevivência, mas serviriam como subsídios para a sua ocupação inicial, que a essa altura passou a ser a secundária. Como exemplo, poderíamos citar o assistente administrativo que poupa renda para adquirir um instrumento musical ou o vendedor que economiza seu salário para custear as viagens de sua competição de judô.

Contudo, tal hipótese não se confirma perante os dados apresentados. As ocupações secundárias não chegam nem a 10% do total das ocupações culturais tanto à nível de RMRJ como à nível de Brasil. Mesmo em termos de subgrupos, as

ocupações culturais principais respondem muito mais que as secundárias pelo total de ocupações.

Isso nos leva a crer que os exemplos acima citados são exceções e não a regra. Leva ainda a questionar se a atividade exercida é de fato uma ocupação ou um *hobby*. Isso porque enquanto a ocupação tem um propósito material (remuneração, produção para o próprio consumo, aquisição de experiência e conhecimento para melhor executar a tarefa, entre outros) o *hobby* tem um fim em si mesmo, ou seja, exerce-se tal atividade única e exclusivamente pelo bem-estar gerado, não sendo dessa forma uma ocupação secundária.

Sendo assim, a partir dos dados da PNAD, conclui-se que a hipótese de que nas ocupações culturais haveria parcela significativa de trabalho secundário é, a princípio, apenas um mito popular. Não há qualquer embasamento empírico que o sustente.

Um contra-argumento, todavia, é que, novamente, como já dito, os dados obtidos tem como alcance referencial a semana e não o ano. Sendo assim, como a semana escolhida é sempre da segunda metade do mês de setembro, ela deixaria de cobrir possíveis empregos gerados em épocas de grandes festividades como o Carnaval e o Círio de Nazaré. Dessa forma, poderiam existir muitos trabalhadores com empregos secundários no período dessas festividades.

Ao que tudo indica, no entanto, esse argumento tem mais a ver com uma possível sazonalidade do que com o número de trabalhos da pessoa. A não ser é claro, que se estabeleça uma relação de causalidade entre sazonalidade e trabalho secundário cultural, que, à primeira vista, pode soar muito estranho.

De qualquer maneira, os micro-dados da PNAD não permitem observar nem a sazonalidade e nem o trabalho secundário para períodos de captação diferente da semana. O que eles permitem concluir, como já dito, é que os trabalhos secundários na cultura não são significativos quando se verifica o número de trabalhos totais na semana de referência.

A terceira contribuição, então, dessa dissertação para a Economia da Cultura é a apresentação de um argumento contrário à hipótese comumente aceita de que os trabalhos secundários na cultura teriam uma participação expressiva.

CAPÍTULO 9 – HORIZONTES DA ECONOMIA DA CULTURA

No capítulo anterior foram apresentadas as contribuições dessa dissertação para a Economia da Cultura. Na ocasião, as limitações da pesquisa foram apontadas de forma a deixar claro para o leitor o seu alcance. Nesse capítulo procuraremos dar possíveis pistas para outros trabalhos, de forma tal que o conhecimento acerca da relação entre a cultura e a economia possa ser ampliado.

Uma grande lacuna da presente dissertação que deve ser analisada com afinco e que destacamos como uma primeira possibilidade de novos trabalhos é a questão da sazonalidade do emprego cultural. A hipótese norteadora seria que os grandes eventos culturais, como o Carnaval e o Círio de Nazaré, teriam impacto significativo no número de postos de trabalho culturais. Assim o emprego cultural teria picos em determinadas épocas do ano para as localidades onde se dão tais eventos. Deve-se atentar, contudo, que os dados necessários para essa análise serão de difícil tratamento, já que seria necessário confrontar informações de pesquisas distintas.

Um segundo rumo possível seria a expansão da análise efetuada nessa dissertação, de forma a incluir outros estados e regiões metropolitanas além do ERJ e da RMRJ. Isso permitiria um quadro mais completo, onde poderia ser observada a evolução do emprego cultural em cada estado, bem como verificar possíveis concentrações desse emprego em alguns estados brasileiros. Além disso, essa análise contribuiria para um terceiro trabalho, que seria a determinação da capacidade de atração de mão-de-obra cultural por determinadas Unidades da Federação, verificada por meio dos dados de migração.

Saindo de uma visão do emprego, um quarto trabalho poderia abordar a análise dos investimentos em cultura. Poderia tratar de algum evento ou bem ou infraestrutura cultural, buscando a eficiência na tomada de decisões do agente investidor. A grande questão, é que no caso da cultura, os instrumentos tradicionais utilizados na

análise de investimento, como o Valor Presente Líquido, a Taxa Interna de Retorno, o *Payback* e o Índice Benefício-Custo, não são suficientes. Isso porque embora os bens e serviços culturais possuam um valor econômico como os outros bens e serviços, eles ainda carregam consigo um valor cultural, que não pode ser medido por esses mecanismos tradicionais.

Isso porque o valor econômico se baseia na individualidade, ou seja, na busca individual pelo bem-estar gerada pelo consumo de um determinado bem ou serviço, mas o valor cultural não. Esse valor, quando tomamos não mais uma definição funcional de cultura, e sim uma definição ampla, ou seja, cultura como crenças e valores, se dá por meio da coletividade (TRHOSBY, 2001). Como resultado, os investimentos em cultura devem ser pensados sob uma perspectiva pública e não privada, de maneira a considerar os efeitos das externalidades inerentes ao valor cultural. Se não levarmos em conta essa dimensão, toda política pública que proporcione uma atividade cultural gratuita, por exemplo, seria necessariamente irracional, já que estaria alocando recursos na produção de um bem ou serviço que não traria qualquer retorno. Por outro lado, ao considerarmos o valor cultural, essa mesma política pública pode ser justificável.

Como consequência, é necessária a aplicação de um método que vise atribuir um valor de mercado que corresponda o quanto as pessoas valoram esses bens e serviços culturais. O Método de Valoração Contingente (MVC) vem sendo utilizado para estimar benefícios e custos ambientais, mas pode ser aplicado para as atividades culturais. Ele procura descobrir o quanto os indivíduos estão dispostos a pagar para a fruição de determinado bem ou atividade e esse valor é tomado como uma *proxy* do benefício gerado ao indivíduo pela aquisição desse bem ou pela sua participação nessa atividade.

A grande limitação desse método é, na verdade, a mesma dificuldade de toda pesquisa que constrói seus dados a partir de entrevistas: como fazer com que as pessoas não omitam informações ou não as forneçam incorretamente. No caso

específico do MVC esse problema ainda é potencializado já que as perguntas feitas geralmente não se baseiam num contexto real, mas num contexto hipotético, podendo gerar distorções ainda maiores³⁷.

Apesar dessas dificuldades metodológicas, os resultados encontrados podem permitir uma compreensão maior acerca do impacto dos investimentos na cultura, servindo como balizadores das políticas públicas nesse setor. Dessa forma, há muito espaço para trabalhos que sigam nesta direção. Até o presente momento, o único trabalho que o autor teve acesso que lida com essa questão é o de Stampe *et al* (2008), que utiliza o MVC para estimar os benefícios gerados aos usuários pela Feira do Livro de Porto Alegre.

Throsby (2001) define duas óticas de cultura: uma ótica funcional e uma ótica ampla. A dissertação se baseou integralmente na ótica funcional, ou seja, na percepção da cultura por meio das indústrias culturais. Mas as relações entre a cultura e a economia não se dão apenas por essa perspectiva. A cultura, na sua dimensão ampla, também mantém relação com a economia, contudo de forma distinta.

Uma primeira relação entre a noção ampla de cultura e economia já foi indicada acima quando se falou do valor cultural. Uma segunda relação seria o que se convencionou chamar de capital cultural, que pode ser compreendido de duas formas: capital tangível e intangível.

O capital cultural tangível nada mais é que a infra-estrutura cultural e, na verdade, é semelhante ao capital físico. Constitui-se de prédios, salas, museus, entre outros, e se diferencia do capital físico por agregar valor cultural. Esse valor não só é gerado por atividades que ocorrem dentro do edifício, sala, museu, etc, mas pela

³⁷ Perguntas como “qual sua renda familiar mensal?” são exemplos de perguntas que se baseiam num contexto real. Já perguntas como “quanto você estaria disposto a pagar para assistir a um espetáculo da Adriana Calcanhoto na lona cultural?” se baseiam num contexto hipotético, já que as programações das lonas culturais no Rio de Janeiro são gratuitas. Nesse caso um indivíduo pode dizer estar disposto a pagar determinado valor para ter acesso à essa programação, mas pode agir de outra forma caso esta situação deixe de ser hipotética para ser real, não comprando um ingresso no valor que ele declarou estar disposto a pagar anteriormente. A sabedoria popular, por meio do provérbio “falar é fácil, fazer é difícil” já aponta essa dificuldade do MVC.

própria estrutura arquitetônica, que, muitas vezes, por si só já é uma obra de arte, como o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna, a Cidade da Música, entre outros. Dessa forma, uma quinta sugestão de trabalho é o levantamento dessa infra-estrutura cultural para uma determinada localidade, procurando destacar às construções que, *per si*, possuem valor cultural.

Existe ainda o capital cultural intangível, que se constitui nas crenças, idéias e valores de um determinado povo. Possui forte relação com a economia, na medida em que afeta o próprio nível de produção. O primeiro estudo que aborda essa questão, embora não nesses termos e que se constitui num grande clássico é o livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” de Max Weber.

Nesse livro Weber defende a tese de que a ética e as idéias puritanas influenciaram o desenvolvimento do capitalismo, mostrando que certos tipos de Protestantismo (em especial o Calvinismo) favoreciam o comportamento econômico racional e que a vida terrena (em contraste com a vida "eterna") recebeu um significado espiritual e moral positivo. Como resultado, as idéias religiosas puritanas teriam impactado significativamente o desenvolvimento da ordem econômica nos Estados Unidos e na Europa.

Dessa maneira, uma última sugestão de trabalho seria investigar o papel da cultura no desenvolvimento econômico brasileiro. E, mais interessante que isso, e muito mais polêmico, verificar se as disparidades regionais brasileiras podem ser explicadas, em alguma medida, por diferentes capitais culturais.

CONCLUSÃO

O objetivo dessa dissertação era o de comprovar e mensurar a relevância da cultura para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro no período 2002-2007. Ele surgiu da necessidade de estudos na área da Economia da Cultura que enfatizem não sub-setores específicos ou indústrias selecionadas, mas que tomem a cultura como um todo. Dessa forma seria possível a comparação de variáveis econômicas importantes como o número de postos de trabalho e o Produto Interno Bruto do setor cultural com outros setores, justificando, por um lado, as políticas públicas dos órgãos competentes, e, fornecendo, por outro lado, subsídios a essas políticas.

O interesse recente no Brasil pela compreensão do setor cultural pode ser explicado em certa medida pelas características intrínsecas de grande parte das atividades culturais, que coadunam com os preceitos do desenvolvimento sustentável, termo este bastante em voga atualmente. Essas características seriam o alto valor agregado dos bens culturais, que, em última instância, tem a criatividade como principal insumo de produção, o baixo impacto ambiental da produção desses bens, sendo, portanto, ecologicamente aceitáveis e, por fim, pela grande capacidade das atividades culturais em gerarem externalidades positivas, notadamente um incremento no capital cultural e uma inserção brasileira mais soberana no processo de globalização.

Com isso, toma-se a hipótese de que a cultura tem um papel econômico importante, impactando níveis de renda e emprego nas localidades onde os bens culturais são produzidos, constituindo-se em uma possibilidade de indução ao desenvolvimento. No caso específico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, espera-se que tais atividades sejam proporcionalmente mais significativas que a média do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil, por conta dos seus antecedentes histórico-culturais.

Para a verificação dessa hipótese escolheu-se, dentre diversas variáveis, o emprego, entendendo que o número de pessoas ocupadas na cultura é um bom indicador de sua relevância econômica. A principal fonte de dados na qual este trabalho se baseou foi a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, que tem características importantes para o cumprimento do nosso objetivo que é a captação do emprego informal e secundário. A confirmação da tese se deu mediante duas análises: primeiro pela verificação da participação do emprego cultural no total da população economicamente ativa ocupada da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e, segundo, pela comparação desse percentual com os obtidos para a mesma relação a nível estadual e nacional.

As análises permitiram indicar ainda uma trajetória de crescimento das ocupações culturais entre os anos 2002 e 2007, bem como uma tendência de desconcentração desse emprego na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que ainda responde pela grande maioria das ocupações culturais do espaço fluminense. No entanto, a série temporal utilizada compreende apenas seis anos, o que não permite tirar conclusões mais precisas. Essa incerteza é ainda potencializada pela recente crise financeira global, que pode alterar a trajetória identificada.

A questão da delimitação econômica da cultura foi amplamente abordada por entendermos ser uma questão-chave para o avanço da Economia da Cultura e das políticas públicas nessa esfera, tendo, nesse sentido, perpassado as três partes dessa dissertação. Procurou-se mostrar que a ausência de uma definição consensual das ocupações culturais cria uma incompatibilidade entre os diversos estudos nessa área, fazendo com que cada pesquisador esteja lidando com um objeto distinto, apesar de todos se referirem aos seus respectivos objetos como cultura.

Todavia, por mais linhas que tenha se dedicado a essa questão, ela está longe de ser exaurida pela presente dissertação. Muito pelo contrário, nossa intenção foi muito mais de tentar promover o debate do que encerrá-lo, de forma que acreditamos serem necessárias muitas reflexões coletivas para que esse entrave metodológico

possa ser solucionado. Dessa forma, nossa contribuição se deu no sentido de dar foco a esse problema, ao contrário de outros trabalhos, que optaram por ignorá-lo ou atribuí-lo menor importância. Certamente essa questão foi a maior dificuldade com a qual o autor se deparou na elaboração deste trabalho.

É importante destacar que as diferentes definições de cultura incitam a elaboração e execução de distintas políticas públicas, na medida em que combinam, cada qual a sua maneira, as mais diversas atividades e, dessa forma, as mais variadas necessidades. Enquanto para o esporte, por exemplo, a criação de infraestrutura (ginásios, estádios, centros de treinamento, etc) é uma necessidade bem latente, para o turismo já não o é, já que na maioria dos casos a infra-estrutura já existe, sendo ela mesma a atração turística (Cristo Redentor, Museu do Louvre, Estátua da Liberdade, Coliseu, etc). Assim, a inclusão ou não do subgrupo esporte no setor cultural, por exemplo, gera impacto na política pública em cultura, especialmente no que se refere aos investimentos em infra-estrutura.

Uma provável consequência das especificidades de cada um dos subgrupos é o surgimento de conflitos de interesse, uma vez que cada um desses sub-setores demandará políticas públicas direcionadas às suas necessidades. Nesse sentido, o que se entende por setor cultural é uma questão de extrema importância e que não pode ser ignorada já que se relaciona diretamente com a capacidade de gestão do formulador de política pública cultural, que deverá apaziguar as tensões geradas por esses conflitos de interesse.

Uma outra questão que não foi abordada na dissertação, mas que deve se atentar é que pode haver um distanciamento entre o que o pesquisador entende como cultura e como os trabalhadores se percebem em termos de atividades. Dessa forma, se por um lado um pesquisador pode enquadrar atletas como profissionais da cultura, por outro lado os próprios esportistas podem não se identificar como trabalhadores culturais, por exemplo. Essa situação, caso seja verificada, também terá repercussões

na elaboração e execução de políticas públicas em cultura e, portanto, inspira ainda mais cuidado na delimitação do setor cultural.

Todo o encaminhamento dessa dissertação seguiu uma definição funcional de cultura, tentando verificar a relação entre economia e cultura por meio das ocupações em atividades culturais, que, acaba por desembocar nas indústrias culturais. Contudo, existe uma outra ampla gama de possibilidades quando percebemos a cultura por sua definição ampla, focando nas crenças, costumes, hábitos e valores de uma sociedade.

Em termos de políticas públicas, é essencial ter essa percepção de cultura, já que muitos projetos culturais que não são justificáveis pela racionalidade econômica podem ser postos em prática mediante uma análise que leve em conta as inúmeras externalidades que esse projeto pode gerar. Dessa forma, outras importantes questões como o capital cultural e a visão pública de projetos de investimento vem à tona, oferecendo um grande número de caminhos a serem percorridos no âmbito da Economia da Cultura.

Quando temos a noção de que a cultura tem essa duas dimensões e que, nem sempre elas podem ser separadas, chegamos à conclusão de que nenhum bem, atividade, evento ou infra-estrutura cultural pode ser reduzido somente à dimensão econômica. Caso assim se proceda estaremos correndo o grande risco de excluir aquilo que pode ser justamente o núcleo e o principal objetivo da produção nesse setor: o valor cultural.

Beleza do mar, do sol, da mulher e do amor. Beleza da poesia, do ritmo, da melodia e da harmonia. Beleza da canção e beleza do encontro. Beleza do ato criativo e beleza da cultura.

São essas belezas que constituem a beleza da “Garota de Ipanema”, canção composta por Vinícius de Moraes e Tom Jobim, que ajuda os cariocas a relembrem sua identidade. Se essa obra tem ou não tem valor econômico, pouco importa. O seu valor cultural é tão grande que já responde por si só.

Diante dessa obra magistral devemos ser menos pesquisadores e mais artistas, pois como diria Émile Male (*apud* Coli, 2004): “diferentemente do filósofo, o artista não nos dá suas razões: ele se contenta em admirar e revelar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, G. O., 2003, "Indústrias Culturais no Brasil". In: *Indústrias Culturais no MERCOSUL*, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, pp. 213-272.

BIBLIOTECA VIRTUAL MIGUEL DE CERVANTES. *Fundação Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/portal/fbn/presentacion.shtml>>. Acesso em 15 de julho de 2008.

BRASIL, 1991, "Lei nº 8313 de 23 de dezembro de 1991". In: *Diário Oficial da União*, 24 de dezembro de 2006, Brasília, Poder Executivo.

_____, 2006, "Decreto nº 5767 de 27 de abril de 2006". In: *Diário Oficial da União*, 28 de abril de 2006. Brasília, Poder Executivo, Seção 1, pp. 1-4.

BUENO, J. C. C., "Pólos de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro". In: *XIX Fórum Nacional – Chegou a vez do Brasil? Oportunidade para a geração de brasileiros que nunca viu o País crescer*, Rio de Janeiro, 14-17 Maio 2007.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. Disponível em: <<http://www.cbl.org.br/content.php?recid=1550&type=>>>. Acesso em 15 de julho de 2008.

COLI, J., 2004, *O que é arte*. 15ed. São Paulo, Brasiliense.

CONNOLLY, M. & KRUEGER, A.B, 2005, *Rockonomics: The economics of popular music*. Cambridge: National Bureal of Economic Research.

DESHPANDE, R., WEBSTAR, F., 1989, Organizational culture and marketing: defining the research agenda, *Journal of Marketing*, v.53.

EAGLETON, T, 2005, *A idéia de cultura*. São Paulo, Editora UNESP.

EARP, F. S., KORNIS, G., 2005, *A Economia da Cadeia Produtiva do Livro*. Rio de Janeiro, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

FREIRE, V. L. B., 1997, "Ensino de Música e Pós-modernismo". In: *Anais do I Encontro Regional Sul da ABEM*, pp.18-26, Londrina.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1998a, “Gastos públicos com cultura no Brasil: 1985-1995”. In: *Diagnóstico dos investimentos em Cultura no Brasil*, v. 1. FJP.

_____, 1998b, “Gastos em cultura realizados por empresas públicas, privadas e suas fundações ou institutos culturais no período de 1990 a 1997”. In: *Diagnóstico dos investimentos em Cultura no Brasil*, v. 2. FJP.

_____, 1998c, “O Produto Interno (PIB) das atividades culturais – Brasil – 1980/1985/1994: análise temporal e espacial das atividades que compõem o setor cultural - Brasil, grandes regiões e estados componentes (1980/1985/1991/1994)”. In: *Diagnóstico dos investimentos em Cultura no Brasil*, v. 3. FJP.

FURTADO, C., 2003, “Prefácio”. In: *Indústrias Culturais no MERCOSUL*, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, pp. 11-13.

_____, 2007, *Formação Econômica do Brasil*. 34ed. São Paulo, Cia das Letras.

GREMAUD, A. P., SAES. F. A. M. de, TORNETO JÚNIOR, R., 1997, *Formação Econômica do Brasil*. 1ed. São Paulo, Atlas.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1986, “Repertório Estatístico do Brasil – Quadros Retrospectivos”. In: *Séries Estatísticas Retrospectivas*, v. 1, Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2003, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2002*. Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2004, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2003*. Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2005, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004*. Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2006, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005*. Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2007a, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006*. Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2007b, *Síntese de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005*. Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2007c, *Perfil de Informações Básicas Municipais 2006 – Cultura*. Rio de Janeiro, IBGE.

_____, 2008, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007*. Rio de Janeiro, IBGE.

LARAIA, R. B., 2007, *Cultura: um conceito antropológico*. 21 ed. Rio de Janeiro, Zahar.

MARIZ, V, 2005, *História da Música no Brasil*. 6 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Economia da Cultura – Palestra no Instituto Rio Branco em 31 de março de 2005*. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em 05 de abril de 2008.

_____. *Fala do Ministro Gilberto Gil, em Aula Magna, para os alunos do curso Produção Cultura da UFF em 02 de maio de 2006*. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/noticias/discursos/index.php?p=15457&more=1&c=1&pb=1>>. Acesso em 15 de julho de 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, 2003, *Diretrizes de Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior*. Brasília, MDIC.

MINISTERIO DO TRABALHO E DO EMPREGO. *Relação Anual de Informações Sociais*. Disponível em: <<http://www.rais.gov.br>> Acesso em 20 de dezembro de 2008.

PORTA, P., 2008, *Economia da Cultura – Um Setor Estratégico para o País*. Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/04/01/economia-da-cultura-um-setor-estrategico-para-o-pais/>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

PRESTES FILHO, L. C. CAVALCANTI, M., 2002, *Economia da Cultura – A força da indústria cultural no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, E-Papers.

REIS, S. D. dos., 2004, *Sustentação ou ruptura? Mudanças tecnológicas na indústria de televisão: considerações sobre seu impacto à luz das transformações nos modelos de negócio*. Dissertação de M.Sc. COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

SANTOS, J. L., 2005, *O que é cultura*. 16 ed. São Paulo, Editora Brasiliense.

SILVA, F. A. B. da, 2007, "Economia e Política Cultural: acesso, emprego e financiamento". In: *Coleção Cadernos de Políticas Culturais*, vol. 3. Brasília, Ministério da Cultura.

SLACK, N., CHAMBERS, S., HARLAND, C. *et al*, 1999, *Administração da produção*. 1 ed. São Paulo, Atlas.

STAMPE, M.Z., TOCCHETTO, D.G. & FLORISSI, S., 2008, "Utilizando a Metodologia de Valoração Contingente para estimar os benefícios gerados aos usuários pela Feira do Livro de Porto Alegre". In: *XXXVI Encontro Nacional de Economia – ANPEC 2008*, Rio de Janeiro, Brasil, 9-12 Dezembro.

THROSBY, D., 2001, *Economia y Cultura*. 1 ed. Madrid, Cambridge University Press.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO), 2001, *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. UNESCO.

_____, 2005, *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. UNESCO.

VAZ, A.C., 2003, "MERCOSUL: educação, justiça, cultura e desenvolvimento social em perspectiva". *Indústrias Culturais no MERCOSUL*. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, pp. 27-38.

APÊNDICE

NÚMERO DE OCUPADOS (TRABALHO
PRINCIPAL, SECUNDÁRIO E TOTAL) POR
SUBGRUPO PARA O ESTADO DO RIO DE
JANEIRO E BRASIL PARA O PERÍODO
2002-2007

Tabela A.1 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Arte para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2621	Produtores de espetáculos	3600	4,81	10400	15,03	4000	5,78	8800	10,63	7200	9,05	4400	5,05
2622	Coreógrafos e bailarinos	1200	1,60	800	1,16	0	0,00	400	0,48	400	0,50	1200	1,38
2623	Atores, diretores de espetáculos e afins	3200	4,28	4400	6,36	3200	4,62	3200	3,86	1600	2,01	8800	10,09
2624	Compositores, músicos e cantores	2400	3,21	2400	3,47	1200	1,73	1600	1,93	800	1,01	3600	4,13
2625	Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins	25200	33,69	21600	31,21	28000	40,46	28800	34,78	32800	41,21	28400	32,57
2627	Decoradores de interiores e cenógrafos	4400	5,88	4000	5,78	1600	2,31	6000	7,25	3200	4,02	4000	4,59
3524	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	0,46
3713	Técnicos em artes gráficas	1200	1,60	400	0,58	1600	2,31	2000	2,42	1600	2,01	2400	2,75
3721	Cinegrafistas	0	0,00	400	0,58	800	1,16	400	0,48	1200	1,51	1600	1,83
3722	Fotógrafos	5200	6,95	2000	2,89	2400	3,47	4000	4,83	4400	5,53	2400	2,75
3741	Técnicos em operação de aparelhos de sonorização	3600	4,81	800	1,16	1200	1,73	400	0,48	1600	2,01	4800	5,50
3742	Técnicos em operação de aparelhos de cenografia	1200	1,60	0	0,00	400	0,58	800	0,97	800	1,01	0	0,00
3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção	400	0,53	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3751	Decoradores e vitrinistas de nível médio	400	0,53	400	0,58	0	0,00	400	0,48	0	0,00	400	0,46
3761	Bailarinos de danças populares	400	0,53	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3762	Músicos e cantores populares	4800	6,42	3200	4,62	9600	13,87	6800	8,21	4800	6,03	8000	9,17
3763	Palhaços, acrobatas e afins	0	0,00	400	0,58	400	0,58	400	0,48	400	0,50	400	0,46
3764	Apresentadores de espetáculos	2800	3,74	400	0,58	800	1,16	400	0,48	800	1,01	2000	2,29
3765	Modelos	400	0,53	400	0,58	0	0,00	1200	1,45	0	0,00	400	0,46
7421	Confeccionadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	0,46
7501	Supervisores de joalheria e afins	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7519	Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semi-preciosos	1600	2,14	4000	5,78	3200	4,62	6000	7,25	4400	5,53	2400	2,75
7606	Supervisores das artes gráficas	1200	1,60	1200	1,73	800	1,16	800	0,97	400	0,50	0	0,00
7660	Trabalhadores polivalentes das artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	0,46
7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica	3200	4,28	6000	8,67	4000	5,78	4400	5,31	4000	5,03	4400	5,05
7662	Trabalhadores da impressão gráfica	4400	5,88	1200	1,73	1200	1,73	1200	1,45	2800	3,52	1600	1,83
7663	Trabalhadores do acabamento gráfico	1600	2,14	3200	4,62	2400	3,47	2400	2,90	3200	4,02	2400	2,75
7664	Trabalhadores de laboratório fotográfico	2400	3,21	1600	2,31	1600	2,31	2400	2,90	3200	4,02	2400	2,75
7687	Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)	0	0,00	0	0,00	400	0,58	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9152	Reparadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	400	0,58	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9154	Reparadores de equipamentos fotográficos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL		74800	100,00	69200	100,00	69200	100,00	82800	100,00	79600	100,00	87200	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.2 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Arte para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2621	Produtores de espetáculos	29700	3,34	36000	3,84	26550	2,78	33750	3,06	49950	4,45	35100	3,10
2622	Coreógrafos e bailarinos	9000	1,01	5400	0,58	7200	0,75	8550	0,78	7650	0,68	7200	0,64
2623	Atores, diretores de espetáculos e afins	16200	1,82	13950	1,49	10800	1,13	17100	1,55	13950	1,24	26550	2,34
2624	Compositores, músicos e cantores	27450	3,09	23400	2,50	21150	2,21	21150	1,92	18900	1,68	24300	2,15
2625	Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins	295650	33,25	337050	35,99	332550	34,76	439650	39,91	458550	40,84	458550	40,50
2627	Decoradores de interiores e cenógrafos	33300	3,74	40950	4,37	37350	3,90	43650	3,96	42300	3,77	39150	3,46
3524	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	450	0,04
3713	Técnicos em artes gráficas	11250	1,27	9900	1,06	10350	1,08	13500	1,23	22050	1,96	19800	1,75
3721	Cinegrafistas	14850	1,67	12150	1,30	15300	1,60	9450	0,86	17550	1,56	20700	1,83
3722	Fotógrafos	42300	4,76	45450	4,85	48150	5,03	49050	4,45	45900	4,09	42300	3,74
3741	Técnicos em operação de aparelhos de sonorização	19350	2,18	16650	1,78	23850	2,49	25200	2,29	24300	2,16	28350	2,50
3742	Técnicos em operação de aparelhos de cenografia	5400	0,61	1350	0,14	3600	0,38	5400	0,49	2250	0,20	1800	0,16
3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção	1350	0,15	450	0,05	450	0,05	450	0,04	900	0,08	450	0,04
3751	Decoradores e vitrinistas de nível médio	3600	0,40	4950	0,53	4050	0,42	7200	0,65	2700	0,24	3150	0,28
3761	Bailarinos de danças populares	1800	0,20	1350	0,14	2250	0,24	2250	0,20	3150	0,28	1350	0,12
3762	Músicos e cantores populares	91350	10,27	110700	11,82	113400	11,85	114300	10,38	105300	9,38	110700	9,78
3763	Palhaços, acrobatas e afins	4500	0,51	7650	0,82	3150	0,33	4500	0,41	6300	0,56	7650	0,68
3764	Apresentadores de espetáculos	6750	0,76	4500	0,48	4950	0,52	6750	0,61	6300	0,56	6750	0,60
3765	Modelos	8100	0,91	6300	0,67	5400	0,56	6300	0,57	450	0,04	10800	0,95
7421	Confeccionadores de instrumentos musicais	450	0,05	0	0,00	1800	0,19	3600	0,33	1350	0,12	1800	0,16
7501	Supervisores de joalheria e afins	0	0,00	0	0,00	0	0,00	450	0,04	0	0,00	450	0,04
7519	Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semi-preciosos	48150	5,41	52650	5,62	43650	4,56	60300	5,47	41400	3,69	49500	4,37
7606	Supervisores das artes gráficas	9000	1,01	9000	0,96	8100	0,85	4950	0,45	5850	0,52	4950	0,44
7660	Trabalhadores polivalentes das artes gráficas	900	0,10	900	0,10	450	0,05	900	0,08	3150	0,28	4050	0,36
7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica	45900	5,16	40950	4,37	53550	5,60	48600	4,41	53550	4,77	62550	5,52
7662	Trabalhadores da impressão gráfica	71100	8,00	75600	8,07	75600	7,90	84150	7,64	100350	8,94	77400	6,84
7663	Trabalhadores do acabamento gráfico	49500	5,57	49500	5,29	70650	7,38	55350	5,02	49950	4,45	56250	4,97
7664	Trabalhadores de laboratório fotográfico	40500	4,55	28350	3,03	26550	2,78	33750	3,06	36450	3,25	27450	2,42
7687	Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)	900	0,10	0	0,00	1350	0,14	0	0,00	900	0,08	450	0,04
9152	Reparadores de instrumentos musicais	900	0,10	900	0,10	3150	0,33	450	0,04	450	0,04	1800	0,16
9154	Reparadores de equipamentos fotográficos	0	0,00	450	0,05	1350	0,14	900	0,08	900	0,08	450	0,04
TOTAL		889200	100,00	936450	100,00	956700	100,00	1101600	100,00	1122750	100,00	1132200	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.3 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Arte para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2621	Produtores de espetáculos	0	0,00	800	9,52	400	7,14	800	10,53	800	11,76	0	0,00
2622	Coreógrafos e bailarinos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2623	Atores, diretores de espetáculos e afins	400	11,11	400	4,76	400	7,14	0	0,00	1600	23,53	0	0,00
2624	Compositores, músicos e cantores	400	11,11	800	9,52	400	7,14	400	5,26	0	0,00	400	5,88
2625	Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins	1200	33,33	2400	28,57	3200	57,14	3600	47,37	2000	29,41	2800	41,18
2627	Decoradores de interiores e cenógrafos	0	0,00	400	4,76	400	7,14	0	0,00	800	11,76	400	5,88
3524	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3713	Técnicos em artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	5,88	0	0,00
3721	Cinegrafistas	400	11,11	0	0,00	0	0,00	400	5,26	0	0,00	400	5,88
3722	Fotógrafos	0	0,00	800	9,52	400	7,14	0	0,00	0	0,00	400	5,88
3741	Técnicos em operação de aparelhos de sonorização	0	0,00	0	0,00	400	7,14	0	0,00	0	0,00	400	5,88
3742	Técnicos em operação de aparelhos de cenografia	0	0,00	400	4,76	0	0,00	0	0,00	400	5,88	0	0,00
3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3751	Decoradores e vitrinistas de nível médio	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3761	Bailarinos de danças populares	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3762	Músicos e cantores populares	800	22,22	2000	23,81	0	0,00	800	10,53	800	11,76	800	11,76
3763	Palhaços, acrobatas e afins	400	11,11	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3764	Apresentadores de espetáculos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	5,26	0	0,00	400	5,88
3765	Modelos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7421	Confeccionadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	5,26	0	0,00	0	0,00
7501	Supervisores de joalheria e afins	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7519	Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semi-preciosos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	800	10,53	0	0,00	400	5,88
7606	Supervisores das artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7660	Trabalhadores polivalentes das artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7662	Trabalhadores da impressão gráfica	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	5,88
7663	Trabalhadores do acabamento gráfico	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7664	Trabalhadores de laboratório fotográfico	0	0,00	400	4,76	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7687	Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9152	Reparadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9154	Reparadores de equipamentos fotográficos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL		3600	100,00	8400	100,00	5600	100,00	7600	100,00	6800	100,00	6800	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.4 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Arte para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2621	Produtores de espetáculos	2250	2,76	4050	4,33	4050	4,55	4050	3,35	6300	5,38	8100	6,95
2622	Coreógrafos e bailarinos	2250	2,76	0	0,00	0	0,00	900	0,74	450	0,38	1800	1,54
2623	Atores, diretores de espetáculos e afins	2700	3,31	3600	3,85	3150	3,54	2250	1,86	3150	2,69	1800	1,54
2624	Compositores, músicos e cantores	4500	5,52	6300	6,73	5400	6,06	4050	3,35	4500	3,85	5400	4,63
2625	Desenhistas industriais (designer), escultores, pintores e afins	27900	34,25	31500	33,65	33300	37,37	44100	36,43	48150	41,15	44100	37,84
2627	Decoradores de interiores e cenógrafos	4500	5,52	7650	8,17	4950	5,56	3150	2,60	3150	2,69	4500	3,86
3524	Agentes de fiscalização de espetáculos e meios de comunicação	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3713	Técnicos em artes gráficas	450	0,55	450	0,48	0	0,00	1800	1,49	900	0,77	1350	1,16
3721	Cinegrafistas	2700	3,31	2250	2,40	2250	2,53	1350	1,12	2700	2,31	3150	2,70
3722	Fotógrafos	5400	6,63	2700	2,88	5400	6,06	4050	3,35	5850	5,00	4950	4,25
3741	Técnicos em operação de aparelhos de sonorização	1350	1,66	2250	2,40	1350	1,52	4950	4,09	4500	3,85	4950	4,25
3742	Técnicos em operação de aparelhos de cenografia	0	0,00	900	0,96	450	0,51	450	0,37	450	0,38	450	0,39
3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3751	Decoradores e vitrinistas de nível médio	0	0,00	450	0,48	0	0,00	450	0,37	0	0,00	900	0,77
3761	Bailarinos de danças populares	450	0,55	450	0,48	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3762	Músicos e cantores populares	16200	19,89	21600	23,08	19350	21,72	35550	29,37	27450	23,46	22050	18,92
3763	Palhaços, acrobatas e afins	900	1,10	900	0,96	0	0,00	0	0,00	450	0,38	900	0,77
3764	Apresentadores de espetáculos	900	1,10	450	0,48	900	1,01	2250	1,86	450	0,38	2250	1,93
3765	Modelos	900	1,10	900	0,96	900	1,01	450	0,37	2250	1,92	1350	1,16
7421	Confeccionadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	900	0,74	0	0,00	0	0,00
7501	Supervisores de joalheria e afins	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7519	Joalheiros e artesãos de metais preciosos e semi-preciosos	900	1,10	2250	2,40	2250	2,53	3600	2,97	1800	1,54	1800	1,54
7606	Supervisores das artes gráficas	450	0,55	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7660	Trabalhadores polivalentes das artes gráficas	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica	900	1,10	900	0,96	900	1,01	1800	1,49	450	0,38	900	0,77
7662	Trabalhadores da impressão gráfica	900	1,10	2250	2,40	900	1,01	2700	2,23	900	0,77	3150	2,70
7663	Trabalhadores do acabamento gráfico	1350	1,66	0	0,00	450	0,51	450	0,37	1350	1,15	0	0,00
7664	Trabalhadores de laboratório fotográfico	3150	3,87	1800	1,92	2700	3,03	1800	1,49	1800	1,54	2250	1,93
7687	Encadernadores e recuperadores de livros (pequenos lotes ou a unidade)	450	0,55	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
9152	Reparadores de instrumentos musicais	0	0,00	0	0,00	450	0,51	0	0,00	0	0,00	450	0,39
9154	Reparadores de equipamentos fotográficos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL		81450	100,00	93600	100,00	89100	100,00	121050	100,00	117000	100,00	116550	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.5 - Número de ocupados total do subgrupo Arte para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Arte	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	74800	95,41	69200	89,18	69200	92,51	83600	91,67	79600	92,13	87200	92,77	16,58
Emprego Secundário	3600	4,59	8400	10,82	5600	7,49	7600	8,33	6800	7,87	6800	7,23	88,89
TOTAL	78400	100,00	77600	100,00	74800	100,00	91200	100,00	86400	100,00	94000	100,00	19,90

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.6 - Número de ocupados total do subgrupo Arte para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Arte	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	889200	91,61	936450	90,91	956700	91,48	1101600	90,10	1122750	90,56	1132200	90,67	27,33
Emprego Secundário	81450	8,39	93600	9,09	89100	8,52	121050	9,90	117000	9,44	116550	9,33	43,09
TOTAL	970650	100,00	1030050	100,00	1045800	100,00	1222650	100,00	1239750	100,00	1248750	100,00	28,65

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008)

Tabela A.7 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Publicidade para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2531	Profissionais de marketing, publicidade e comercialização	7200	100,00	4000	100,00	4800	100,00	6000	100,00	8400	100,00	9600	100,00
TOTAL		7200	100,00	4000	100,00	4800	100,00	6000	100,00	8400	100,00	9600	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.8 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Publicidade para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2531	Profissionais de marketing, publicidade e comercialização	89100	100,00	72000	100,00	85500	100,00	89100	100,00	109800	100,00	97650	100,00
TOTAL		89100	100,00	72000	100,00	85500	100,00	89100	100,00	109800	100,00	97650	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.9 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Publicidade para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2531	Profissionais de marketing, publicidade e comercialização	0	-	0	-	800	100,00	400	100,00	800	100,00	400	100,00
TOTAL		0	-	0	-	800	100,00	400	100,00	800	100,00	400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.10 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Publicidade para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2531	Profissionais de marketing, publicidade e comercialização	7650	100,00	4950	100,00	7200	100,00	6300	100,00	8550	100,00	7200	100,00
TOTAL		7650	100,00	4950	100,00	7200	100,00	6300	100,00	8550	100,00	7200	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.11 - Número de ocupados total do subgrupo Publicidade para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Publicidade	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocupados	%	
Emprego Principal	7200	100,00	4000	100,00	4800	85,71	6000	93,75	8400	91,30	9600	96,00	33,33
Emprego Secundário	0	0,00	0	0,00	800	14,29	400	6,25	800	8,70	400	4,00	-
TOTAL	7200	100,00	4000	100,00	5600	100,00	6400	100,00	9200	100,00	10000	100,00	38,89

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.12 - Número de ocupados total do subgrupo Publicidade para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Publicidade	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocupados	%	
Emprego Principal	89100	100,00	72000	93,57	85500	92,23	89100	93,40	109800	92,78	97650	93,13	9,60
Emprego Secundário	7650	0,00	4950	6,43	7200	7,77	6300	6,60	8550	7,22	7200	6,87	-
TOTAL	96750	100,00	76950	100,00	92700	100,00	95400	100,00	118350	100,00	104850	100,00	8,37

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.13 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Comunicação para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2611	Profissionais do jornalismo	4400	28,95	5600	29,17	6800	34,69	4000	32,26	8000	30,77	4000	19,23
2612	Profissionais da informação	400	2,63	1200	6,25	800	4,08	0	0,00	1200	4,62	2400	11,54
2613	Arquivologistas e museólogos	0	0,00	0	0,00	800	4,08	400	3,23	1600	6,15	1200	5,77
2614	Filólogos, tradutores e intérpretes	800	5,26	1200	6,25	2000	10,20	400	3,23	1200	4,62	1200	5,77
2615	Escritores e redatores	2800	18,42	3600	18,75	4000	20,41	1600	12,90	4000	15,38	3600	17,31
2616	Especialistas em editoração	800	5,26	800	4,17	400	2,04	400	3,23	800	3,08	400	1,92
2617	Locutores e comentaristas	3200	21,05	4800	25,00	3200	16,33	2400	19,35	7200	27,69	5600	26,92
3711	Técnicos em biblioteconomia	400	2,63	400	2,08	400	2,04	1200	9,68	400	1,54	0	0,00
3712	Técnicos em museologia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3723	Técnicos em operação de máquinas de transmissão de dados	1200	7,89	1600	8,33	400	2,04	1200	9,68	800	3,08	400	1,92
3731	Técnicos em operação de estação de rádio	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	800	3,85
3732	Técnicos em operação de estação de televisão	1200	7,89	0	0,00	800	4,08	800	6,45	800	3,08	1200	5,77
TOTAL		15200	100,00	19200	100,00	19600	100,00	12400	100,00	26000	100,00	20800	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.14 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Comunicação para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2611	Profissionais do jornalismo	37350	18,57	43200	23,13	40500	20,50	48600	24,55	65250	27,62	46350	22,99
2612	Profissionais da informação	30150	14,99	25200	13,49	29250	14,81	24750	12,50	23850	10,10	27900	13,84
2613	Arquivologistas e museólogos	7650	3,80	13950	7,47	9900	5,01	13050	6,59	10800	4,57	9000	4,46
2614	Filólogos, tradutores e intérpretes	7200	3,58	5850	3,13	8100	4,10	8100	4,09	7650	3,24	10350	5,13
2615	Escritores e redatores	33300	16,55	26100	13,98	38700	19,59	27900	14,09	38250	16,19	25650	12,72
2616	Especialistas em editoração	7650	3,80	4500	2,41	4950	2,51	5400	2,73	11250	4,76	9000	4,46
2617	Locutores e comentaristas	49950	24,83	42750	22,89	45450	23,01	50400	25,45	54900	23,24	49950	24,78
3711	Técnicos em biblioteconomia	10350	5,15	9000	4,82	7650	3,87	5400	2,73	9450	4,00	5850	2,90
3712	Técnicos em museologia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3723	Técnicos em operação de máquinas de transmissão de dados	7200	3,58	7650	4,10	4500	2,28	7200	3,64	7200	3,05	7650	3,79
3731	Técnicos em operação de estação de rádio	1800	0,89	2250	1,20	900	0,46	2250	1,14	900	0,38	2700	1,34
3732	Técnicos em operação de estação de televisão	8550	4,25	6300	3,37	7650	3,87	4950	2,50	6750	2,86	7200	3,57
TOTAL		201150	100,00	186750	100,00	197550	100,00	198000	100,00	236250	100,00	201600	100,00

Tabela A.15 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Comunicação para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2611	Profissionais do jornalismo	0	0,00	800	66,67	800	100,00	800	50,00	400	16,67	400	25,00
2612	Profissionais da informação	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2613	Arquivologistas e museólogos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2614	Filólogos, tradutores e intérpretes	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	800	33,33	800	50,00
2615	Escritores e redatores	400	20,00	0	0,00	0	0,00	400	25,00	400	16,67	0	0,00
2616	Especialistas em editoração	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	25,00
2617	Locutores e comentaristas	1200	60,00	400	33,33	0	0,00	400	25,00	800	33,33	0	0,00
3711	Técnicos em biblioteconomia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3712	Técnicos em museologia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3723	Técnicos em operação de máquinas de transmissão de dados	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3731	Técnicos em operação de estação de rádio	400	20,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3732	Técnicos em operação de estação de televisão	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL		2000	100,00	1200	100,00	800	100,00	1600	100,00	2400	100,00	1600	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.16 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Comunicação para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2611	Profissionais do jornalismo	3150	11,29	4050	20,45	4950	20,75	5400	21,43	8550	30,65	4500	18,52
2612	Profissionais da informação	1800	6,45	0	0,00	900	3,77	2250	8,93	900	3,23	900	3,70
2613	Arquivologistas e museólogos	2250	8,06	450	2,27	450	1,89	1350	5,36	1800	6,45	2250	9,26
2614	Filólogos, tradutores e intérpretes	2250	8,06	1800	9,09	2250	9,43	2250	8,93	3600	12,90	2250	9,26
2615	Escritores e redatores	4050	14,52	1800	9,09	2700	11,32	2700	10,71	2700	9,68	2250	9,26
2616	Especialistas em editoração	900	3,23	1350	6,82	0	0,00	450	1,79	1350	4,84	450	1,85
2617	Locutores e comentaristas	11250	40,32	8550	43,18	11250	47,17	10350	41,07	8100	29,03	11250	46,30
3711	Técnicos em biblioteconomia	900	3,23	450	2,27	450	1,89	0	0,00	450	1,61	450	1,85
3712	Técnicos em museologia	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3723	Técnicos em operação de máquinas de transmissão de dados	0	0,00	1350	6,82	450	1,89	0	0,00	450	1,61	0	0,00
3731	Técnicos em operação de estação de rádio	450	1,61	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3732	Técnicos em operação de estação de televisão	900	3,23	0	0,00	450	1,89	450	1,79	0	0,00	0	0,00
TOTAL		27900	100,00	19800	100,00	23850	100,00	25200	100,00	27900	100,00	24300	100,00

Tabela A.17 - Número de ocupados total do subgrupo Comunicação para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Comunicação	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	15200	88,37	19200	94,12	19600	96,08	12400	88,57	26000	91,55	20800	92,86	36,84
Emprego Secundário	2000	11,63	1200	5,88	800	3,92	1600	11,43	2400	8,45	1600	7,14	-20,00
TOTAL	17200	100,00	20400	100,00	20400	100,00	14000	100,00	28400	100,00	22400	100,00	30,23

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.18 - Número de ocupados total do subgrupo Comunicação para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Comunicação	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	201150	87,82	186750	90,41	197550	89,23	198000	88,71	236250	89,44	201600	89,24	0,22
Emprego Secundário	27900	12,18	19800	9,59	23850	10,77	25200	11,29	27900	10,56	24300	10,76	-12,90
TOTAL	229050	100,00	206550	100,00	221400	100,00	223200	100,00	264150	100,00	225900	100,00	-1,38

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.19 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Lazer para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
9912	Mantenedores de equipamentos de lazer	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
TOTAL		0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.20 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Lazer para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
9912	Mantenedores de equipamentos de lazer	450	100,00	0	-	0	-	0	-	450	100,00	0	-
TOTAL		450	100,00	0	-	0	-	0	-	450	100,00	0	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.21 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Lazer para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
9912	Mantenedores de equipamentos de lazer	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-
TOTAL		0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.22 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Lazer para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
9912	Mantenedores de equipamentos de lazer	0	-	0	-	450	100,00	0	-	0	-	0	-
TOTAL		0	-	0	-	450	100,00	0	-	0	-	0	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.23 - Número de ocupados total do subgrupo Lazer para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Lazer	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	-
Emprego Secundário	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	-
TOTAL	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.24 - Número de ocupados total do subgrupo Lazer para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Lazer	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	450	100,00	0	-	0	0,00	0	-	450	100,00	0	-	-
Emprego Secundário	0	0,00	0	-	450	100,00	0	-	0	0,00	0	-	-
TOTAL	450	100,00	0	-	450	100,00	0	-	450	100,00	0	-	-

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.25 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Esporte para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3771	Técnicos esportivos	7600	59,38	7200	75,00	8800	61,11	12000	66,67	11200	73,68	10800	75,00
3772	Atletas profissionais	2800	21,88	0	0,00	800	5,56	800	4,44	1200	7,89	1600	11,11
3773	Árbitros desportivos	0	0,00	400	4,17	0	0,00	0	0,00	400	2,63	400	2,78
9193	Mecânicos de manutenção de bicicletas e equipamentos esportivos e de ginástica	2400	18,75	2000	20,83	4800	33,33	5200	28,89	2400	15,79	1600	11,11
TOTAL		12800	100,00	9600	100,00	14400	100,00	18000	100,00	15200	100,00	14400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.26 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Esporte para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3771	Técnicos esportivos	99000	50,57	97200	54,41	92700	46,08	112500	54,59	116100	52,23	119250	55,44
3772	Atletas profissionais	21150	10,80	16200	9,07	22050	10,96	23850	11,57	24750	11,13	19800	9,21
3773	Árbitros desportivos	2700	1,38	2700	1,51	4500	2,24	3600	1,75	4050	1,82	8100	3,77
9193	Mecânicos de manutenção de bicicletas e equipamentos esportivos e de ginástica	72900	37,24	62550	35,01	81900	40,72	66150	32,10	77400	34,82	67950	31,59
TOTAL		195750	100,00	178650	100,00	201150	100,00	206100	100,00	222300	100,00	215100	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.27 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Esporte para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3771	Técnicos esportivos	3200	100,00	2000	100,00	1600	80,00	1600	80,00	2800	87,50	3600	90,00
3772	Atletas profissionais	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
3773	Árbitros desportivos	0	0,00	0	0,00	0	0,00	400	20,00	0	0,00	0	0,00
9193	Mecânicos de manutenção de bicicletas e equipamentos esportivos e de ginástica	0	0,00	0	0,00	400	20,00	0	0,00	400	12,50	400	10,00
TOTAL		3200	100,00	2000	100,00	2000	100,00	2000	100,00	3200	100,00	4000	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.28 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Esporte para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3771	Técnicos esportivos	27450	74,39	23400	75,36	19800	65,67	25200	70,89	25200	63,64	30600	72,34
3772	Atletas profissionais	1800	4,88	450	1,45	450	1,49	1350	3,80	3150	7,95	900	2,13
3773	Árbitros desportivos	4050	10,98	4050	13,04	5850	19,40	5850	16,46	4950	12,50	6750	15,96
9193	Mecânicos de manutenção de bicicletas e equipamentos esportivos e de ginástica	3600	9,76	3150	10,14	4050	13,43	3150	8,86	6300	15,91	4050	9,57
TOTAL		36900	100,00	31050	100,00	30150	100,00	35550	100,00	39600	100,00	42300	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.29 - Número de ocupados total do subgrupo Esporte para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Esporte	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	12800	80,00	9600	82,76	14400	87,80	18000	90,00	15200	82,61	14400	78,26	12,50
Emprego Secundário	3200	20,00	2000	17,24	2000	12,20	2000	10,00	3200	17,39	4000	21,74	25,00
TOTAL	16000	100,00	11600	100,00	16400	100,00	20000	100,00	18400	100,00	18400	100,00	15,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.30 - Número de ocupados total do subgrupo Esporte para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Esporte	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	195750	84,14	178650	85,19	201150	86,96	206100	85,29	222300	84,88	215100	83,57	9,89
Emprego Secundário	36900	15,86	31050	14,81	30150	13,04	35550	14,71	39600	15,12	42300	16,43	14,63
TOTAL	232650	100,00	209700	100,00	231300	100,00	241650	100,00	261900	100,00	257400	100,00	10,64

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.31 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Religião para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2631	Ministros de cultos religiosos, missionários e afins	13200	100,00	6000	100,00	7600	100,00	10400	100,00	8400	100,00	10400	100,00
TOTAL		13200	100,00	6000	100,00	7600	100,00	10400	100,00	8400	100,00	10400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.32 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Religião para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2631	Ministros de cultos religiosos, missionários e afins	135450	100,00	108900	100,00	135450	100,00	152100	100,00	139500	100,00	148050	100,00
TOTAL		135450	100,00	108900	100,00	135450	100,00	152100	100,00	139500	100,00	148050	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.33 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Religião para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2631	Ministros de cultos religiosos, missionários e afins	400	100,00	800	100,00	0	-	2400	100,00	1600	100,00	400	100,00
TOTAL		400	100,00	800	100,00	0	-	2400	100,00	1600	100,00	400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.34 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Religião para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
2631	Ministros de cultos religiosos, missionários e afins	14400	100,00	13050	100,00	16200	100,00	18000	100,00	23400	100,00	20250	100,00
TOTAL		14400	100,00	13050	100,00	16200	100,00	18000	100,00	23400	100,00	20250	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.35 - Número de ocupados total do subgrupo Religião para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Religião	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	13200	97,06	6000	88,24	7600	100,00	10400	81,25	8400	84,00	10400	96,30	-21,21
Emprego Secundário	400	2,94	800	11,76	0	0,00	2400	18,75	1600	16,00	400	3,70	-
TOTAL	13600	100,00	6800	100,00	7600	100,00	12800	100,00	10000	100,00	10800	100,00	-20,59

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.36 - Número de ocupados total do subgrupo Religião para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Religião	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	135450	90,39	108900	89,30	135450	89,32	152100	89,42	139500	85,64	148050	87,97	9,30
Emprego Secundário	14400	9,61	13050	10,70	16200	10,68	18000	10,58	23400	14,36	20250	12,03	40,63
TOTAL	149850	100,00	121950	100,00	151650	100,00	170100	100,00	162900	100,00	168300	100,00	12,31

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.37 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Culinária para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
5132	Cozinheiros	76800	100,00	84400	100,00	92400	100,00	80800	100,00	89600	100,00	84800	100,00
TOTAL		76800	100,00	84400	100,00	92400	100,00	80800	100,00	89600	100,00	84800	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.38 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Culinária para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
5132	Cozinheiros	1053000	100,00	1138050	100,00	1161000	100,00	1226250	100,00	1296450	100,00	1276200	100,00
TOTAL		1053000	100,00	1138050	100,00	1161000	100,00	1226250	100,00	1296450	100,00	1276200	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.39 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Culinária para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
5132	Cozinheiros	800	100,00	1600	100,00	1600	100,00	4400	100,00	1600	100,00	4400	100,00
TOTAL		800	100,00	1600	100,00	1600	100,00	4400	100,00	1600	100,00	4400	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.40 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Culinária para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
5132	Cozinheiros	33300	100,00	30150	100,00	36900	100,00	41850	100,00	36900	100,00	45450	100,00
TOTAL		33300	100,00	30150	100,00	36900	100,00	41850	100,00	36900	100,00	45450	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.41 - Número de ocupados total do subgrupo Culinária para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Culinária	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	76800	98,97	84400	98,14	92400	98,30	80800	94,84	89600	98,25	84800	95,07	10,42
Emprego Secundário	800	1,03	1600	1,86	1600	1,70	4400	5,16	1600	1,75	4400	4,93	450,00
TOTAL	77600	100,00	86000	100,00	94000	100,00	85200	100,00	91200	100,00	89200	100,00	14,95

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.42 - Número de ocupados total do subgrupo Culinária para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Culinária	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	1053000	96,93	1138050	97,42	1161000	96,92	1226250	96,70	1296450	97,23	1276200	96,56	21,20
Emprego Secundário	33300	3,07	30150	2,58	36900	3,08	41850	3,30	36900	2,77	45450	3,44	36,49
TOTAL	1086300	100,00	1168200	100,00	1197900	100,00	1268100	100,00	1333350	100,00	1321650	100,00	21,67

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.43 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Turismo do Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3548	Técnicos em turismo	2400	54,55	2400	60,00	2000	62,50	2800	87,50	2800	70,00	4400	91,67
5114	Guias de turismo	2000	45,45	1600	40,00	1200	37,50	400	12,50	1200	30,00	400	8,33
TOTAL		4400	100,00	4000	100,00	3200	100,00	3200	100,00	4000	100,00	4800	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.44 - Número de ocupados (trabalho principal) do subgrupo Turismo do Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3548	Técnicos em turismo	27450	57,55	30150	72,04	36000	74,07	34200	79,17	39150	75,00	35100	82,11
5114	Guias de turismo	20250	42,45	11700	27,96	12600	25,93	9000	20,83	13050	25,00	7650	17,89
TOTAL		47700	100,00	41850	100,00	48600	100,00	43200	100,00	52200	100,00	42750	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.45 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Turismo para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3548	Técnicos em turismo	400	100,00	0	-	0	-	0	-	0	-	0	0,00
5114	Guias de turismo	0	0,00	0	-	0	-	0	-	0	-	800	100,00
TOTAL		400	100,00	0	-	0	-	0	-	0	-	800	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.46 - Número de ocupados (trabalho secundário) do subgrupo Turismo para o Brasil para o período 2002-2007

Código	Ocupação	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
		Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%
3548	Técnicos em turismo	1350	100,00	1350	60,00	900	66,67	450	20,00	0	0,00	3150	70,00
5114	Guias de turismo	0	0,00	900	40,00	450	33,33	1800	80,00	1350	100,00	1350	30,00
TOTAL		1350	100,00	2250	100,00	1350	100,00	2250	100,00	1350	100,00	4500	100,00

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.47 - Número de ocupados total do subgrupo Turismo para o Estado do Rio de Janeiro para o período 2002-2007

Subgrupo Turismo	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	4400	91,67	4000	100,00	3200	100,00	3200	100,00	4000	100,00	4800	85,71	9,09
Emprego Secundário	400	8,33	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	800	14,29	100,00
TOTAL	4800	100,00	4000	100,00	3200	100,00	3200	100,00	4000	100,00	5600	100,00	16,67

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

Tabela A.48 - Número de ocupados total do subgrupo Turismo para o Brasil para o período 2002-2007

Subgrupo Turismo	2002		2003		2004		2005		2006		2007		Δ% 2002-2007
	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	Ocup.	%	
Emprego Principal	47700	97,25	41850	94,90	48600	97,30	43200	95,05	52200	97,48	42750	90,48	-10,38
Emprego Secundário	1350	2,75	2250	5,10	1350	2,70	2250	4,95	1350	2,52	4500	9,52	233,33
TOTAL	49050	100,00	44100	100,00	49950	100,00	45450	100,00	53550	100,00	47250	100,00	-3,67

FONTE: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2003, 2004, 2005, 2006, 2007a e 2008)

ANEXO I

MUNICÍPIOS, TOTAL E COM EXISTÊNCIA E QUANTIDADE DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS, COM INDICAÇÃO DOS MANTIDOS PELO PODER PÚBLICO MUNICIPAL, SEGUNDO GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 2006

**Municípios, total e com existência e quantidade de equipamentos culturais,
com indicação dos mantidos pelo poder público municipal, segundo Grandes Regiões
e Unidades da Federação - 2006**

(continua)

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Municípios									
	Com existência e quantidade de equipamentos culturais,									
	com indicação dos mantidos pelo poder público municipal									
	Bibliotecas públicas				Museus			Teatro ou salas de espetáculos		
	Total	Total	Quantidade	Algum mantido pelo poder público municipal	Total	Quantidade	Algum mantido pelo poder público municipal	Total	Quantidade	Algum mantido pelo poder público municipal
Brasil	5 564	4 955	7 048	4 847	1 219	2 222	967	1 181	2 495	905
Norte	449	379	659	365	40	83	23	65	114	37
Rondônia	52	45	46	45	7	7	4	5	6	3
Acre	22	16	36	12	5	11	2	9	12	6
Amazonas	62	37	48	35	5	20	4	7	16	1
Roraima	15	10	11	9	1	1	-	4	4	3
Pará	143	130	236	129	14	32	9	32	51	19
Amapá	16	14	41	14	2	4	-	2	18	-
Tocantins	139	127	241	121	6	8	4	6	7	5
Nordeste	1 793	1 530	2 040	1 487	260	456	178	305	524	225
Maranhão	217	167	200	155	13	23	8	20	35	14
Piauí	223	176	292	167	22	30	16	13	25	9
Ceará	184	173	237	172	56	96	37	64	120	55
Rio Grande do Norte	167	158	203	156	25	36	15	21	28	14
Paraíba	223	179	244	174	38	47	26	27	42	16
Pernambuco	185	181	229	180	38	73	29	42	72	32
Alagoas	102	93	115	93	15	24	10	13	24	9
Sergipe	75	68	79	67	9	11	6	8	12	4
Bahia	417	335	441	323	44	116	31	97	166	72
Sudeste	1 668	1 546	2 405	1 516	426	862	342	472	1 174	369
Minas Gerais	853	764	1 029	745	157	267	112	164	320	101
Espírito Santo	78	78	115	77	27	32	19	21	30	15
Rio de Janeiro	92	92	285	90	39	158	28	54	245	45
São Paulo	645	612	976	604	203	405	183	233	579	208
Sul	1 188	1 077	1 441	1 058	429	689	373	274	563	226
Paraná	399	365	616	364	86	151	77	130	265	122
Santa Catarina	293	269	316	257	114	177	91	49	91	26
Rio Grande do Sul	496	443	509	437	229	361	205	95	207	78
Centro-Oeste	466	423	503	421	64	132	51	65	120	48
Mato Grosso do Sul	78	75	88	75	19	29	14	17	38	15
Mato Grosso	141	122	134	122	13	17	10	18	25	12
Goiás	246	225	258	223	31	42	26	29	34	20
Distrito Federal	1	1	23	1	1	44	1	1	23	1

**Municípios, total e com existência e quantidade de equipamentos culturais,
com indicação dos mantidos pelo poder público municipal, segundo Grandes Regiões e
Unidades da Federação - 2006**

(conclusão)

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Municípios							
	Com existência e quantidade de equipamentos culturais, com indicação dos mantidos pelo poder público municipal							
	Centro cultural			Com estádios ou ginásios poliesportivos			Cinemas	
	Total	Quantidade	Algum mantido pelo poder público municipal	Total	Quantidade	Algum mantido pelo poder público municipal	Total	Quantidade
Brasil	1 378	1 892	1 237	4 584	11 613	4 313	482	1 095
Norte	108	126	95	289	663	258	25	46
Rondônia	9	10	9	23	46	22	6	10
Acre	9	11	8	22	90	14	2	3
Amazonas	28	33	26	54	134	48	2	4
Roraima	4	5	3	13	21	10	1	1
Pará	33	39	26	97	184	91	8	17
Amapá	6	8	6	14	88	10	3	5
Tocantins	19	20	17	66	100	63	3	6
Nordeste	360	443	309	1 258	2 371	1 208	60	118
Maranhão	34	40	30	128	208	123	3	5
Piauí	24	30	20	101	179	96	4	7
Ceará	63	83	57	149	355	148	7	15
Rio Grande do Norte	28	32	20	147	280	146	3	5
Paraíba	26	27	23	177	361	162	5	7
Pernambuco	52	85	45	149	271	141	15	26
Alagoas	14	15	13	64	105	60	2	5
Sergipe	13	13	12	53	108	49	2	5
Bahia	106	118	89	290	504	283	19	43
Sudeste	473	750	433	1 490	3 884	1 431	268	649
Minas Gerais	167	204	142	736	1 731	695	73	117
Espírito Santo	22	26	19	72	176	69	13	26
Rio de Janeiro	55	170	51	77	277	69	38	120
São Paulo	229	350	221	605	1 700	598	144	386
Sul	354	474	323	1 106	3 699	983	97	223
Paraná	155	215	149	382	1 183	378	33	67
Santa Catarina	66	86	53	286	1 118	246	25	47
Rio Grande do Sul	133	173	121	438	1 398	359	39	109
Centro-Oeste	83	99	77	441	996	433	32	59
Mato Grosso do Sul	16	18	12	77	196	77	5	10
Mato Grosso	25	27	24	130	245	128	9	11
Goiás	41	45	40	233	450	227	17	18
Distrito Federal	1	9	1	1	105	1	1	20

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Muni

ANEXO II

RELAÇÃO DE CÓDIGOS DE OCUPAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

RELAÇÃO DE CÓDIGOS DE OCUPAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

Código

Ocupação

Profissionais do ensino (com formação de nível superior)

- 2311 Mestre, professor de: educação infantil, jardim de infância, maternal (com formação superior)
- 2312 Mestre, professor de 1ª a 4ª série do ensino fundamental (com formação superior)
- 2312 Mestre, professor de ensino do primeiro grau menor (com formação superior)
- 2312 Mestre, professor de: curso de alfabetização, CA - incl. de adultos (com formação superior)
- 2313 Mestre de ensino de primeiro grau de primeira a oitava série (com formação superior)
- 2313 Mestre de supletivo de primeiro grau de quinta a oitava série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ciências naturais (no ensino de 1º grau) (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de comunicação e expressão (no ensino de 1º grau) (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino de 1º grau de 1ª a 8ª série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino de 1º grau de 5ª a 8ª série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino de 1º grau de primeira a oitava série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino de 1º grau de quinta a oitava série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino de primeiro grau de 1ª a 8ª série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino de primeiro grau de 5ª a 8ª série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino de primeiro grau de quinta a oitava série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino do primeiro grau maior (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino fundamental de 1ª a 8ª série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino fundamental de 5ª a 8ª série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino fundamental de primeira a oitava série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de ensino fundamental de quinta a oitava série (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de estudos sociais (no ensino de 1º grau) (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de matemática (no ensino de 1º grau) (com formação superior)
- 2313 Mestre, professor de: curso ginásial, ginásio (com formação superior)
- 2313 Professor de ensino de primeiro grau de primeira a oitava série (com formação superior)
- 2313 Professor de supletivo de primeiro grau de quinta a oitava série (com formação superior)
- 2321 Mestre de ensino do segundo grau de primeira a terceira série (com formação superior)
- 2321 Mestre de línguas estrangeiras modernas (no ensino de 2º grau)(com formação superior)
- 2321 Mestre de organização social e política (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre de supletivo (no ensino médio de primeira a terceira série) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de biologia (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de disciplinas pedagógicas (no ensino de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de disciplinas pedagógicas (no ensino médio) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de ensino médio do segundo grau (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de física (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de geografia (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de história (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de inglês (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de língua portuguesa(no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de línguas estrangeiras modernas (ensino médio) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de literatura brasileira (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de matemática (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de português (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de pré-vestibular (com formação superior)
- 2321 Mestre, professor de psicologia (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)

2321 Mestre, professor de química (no ensino médio, de 2º grau) (com formação superior)
 2321 Professor de ensino do segundo grau de primeira a terceira série (com formação superior)
 2321 Professor de línguas estrangeiras modernas (no ensino de 2º grau)(com formação superior)
 2321 Professor de organização social e política (no ensino de 2º grau) (com formação superior)
 2321 Professor de organização social e política (no ensino médio) (com formação superior)
 2321 Professor de supletivo (no ensino médio de primeira a terceira série) (com formação superior)
 2330 Agente, instrutor de: capacitação profissional, ofícios, treinamento (com formação superior)
 2330 Instrutor agrícola(com formação superior)
 2330 Instrutor de aprendizagem: agropecuária, comercial, industrial (com formação superior)
 2330 Instrutor de capacitação profissional industrial (com formação superior)
 2330 Instrutor de capacitação profissional: agropecuária, comercial (com formação superior)
 2330 Instrutor de treinamento: agropecuário, comercial, industrial (com formação superior)
 2330 Instrutor de: cursos de treinamento, educação profissional (com formação superior)
 2330 Professor de capacitação profissional de desenho técnico - (com formação superior)
 2330 Professor de capacitação profissional de tecnologia e cálculo técnico (com formação superior)
 2330 Professor de ensino profissionalizante do segundo grau (com formação superior)
 2330 Professor de técnicas agrícolas (no ensino médio, de 2º grau)(com formação superior)
 2330 Professor de técnicas comerciais (no ensino médio, de 2º grau)(com formação superior)
 2330 Professor de técnicas de enfermagem (no ensino médio, de 2º grau)(com formação superior)
 2330 Professor de técnicas industriais (no ensino médio, de 2º grau)(com formação superior)
 2330 Professor de técnicas secretariais (no ensino médio, de 2º grau)(com formação superior)
 2330 Professor-instrutor de cursos de treinamento - incl. do senai (com formação superior)
 2340 Lente, livre docente, mestre (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de amostragem estatística (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de análise estrutural (no ensino superior de engenharia e arquitetura)
 2340 Mestre, professor de análise: macroeconômica, microeconômica (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de clínica: cirúrgica, médica (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de construções metálicas e de concreto (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de direito: administrativo, comercial, constitucional (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de direito: financeiro e tributário, penal, civil (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de ensino: de pós-graduação, do 3º (terceiro) grau, superior
 2340 Mestre, professor de fundamentos específicos da comunicação (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de literatura da língua: francesa, inglesa, portuguesa (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de matemática - incl. financeira (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de materiais de construção (engenharia e arquitetura) (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de mecânica dos solos (engenharia e arquitetura) (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de metodologia da educação física e dos desportos (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de orientação educacional (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de pesquisa: econômica, educacional, operacional (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de planejamento de arquitetura (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de planejamento urbanístico (engenharia e arquitetura) (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de química: inorgânica, orgânica (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de religião, sociologia, topografia (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de resistência dos materiais (engenharia e arquitetura) (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de tecnologia especializada (engenharia e arquitetura) (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de teoria: econômica matemática de sistemas(no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de: administração, álgebra linear, anatomia (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de: antropologia, astronomia, biologia geral (no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de: cálculo numérico, ciências políticas(no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de: circuitos elétricos e eletrônicos, contabilidade(no ensino superior)
 2340 Mestre, professor de: demografia, desenho técnico, didática (no ensino superior)

2340 Mestre, professor de: economia, enfermagem, engenharia rural (no ensino superior)

2340 Mestre, professor de: estatística, farmacologia, filosofia, física (no ensino superior)

2340 Mestre, professor de: fisiologia, fisioterapia, francês, geografia (no ensino superior)

2340 Mestre, professor de: geologia geral, história, inglês, lingüística (no ensino superior)

2340 Mestre, professor de: medicina do trabalho, meteorologia (ensino superior)

2340 Mestre, professor de: metalografia, mineração e petrografia (engenharia) (no ensino superior)

2340 Mestre, professor de: plástica, português, prática de ensino, psicologia (no ensino superior)

2340 Mestre, professor de: siderurgia, tratamento de minérios(engenharia) (no ensino superior)

2340 Mestre, professor: pesquisador, universitário (no ensino superior)

2391 Instrutor, monitor, professor, treinador de: educação física, ginástica, desportos (no ensino)

2392 Monitor de: braille, cegos, alunos com deficiências mentais

2392 Professor de deficientes: físico, auditivos, mentais

2392 Professor de: educação especial, excepcionais, surdos-mudos

2392 Professor especializado em excepcionais

2394 Auxiliar de coordenação: de ensino primário, escolar

2394 Auxiliar de orientação: educacional, pedagógica, primária, psicopedagógica

2394 Auxiliar de: supervisão de ensino, supervisor escolar

2394 Conselheiro de orientação profissional, pedagogo

2394 Coordenador de: cursos, disciplina, ensino, orientação pedagógica

2394 Coordenador: escolar, pedagógico, auxiliar de curso

2394 Encarregado de apuração de eficiência (supervisão escolar)

2394 Especialista de métodos audiovisuais de ensino

2394 Instrumentalizador de laboratórios audiovisuais (no ensino)

2394 Orientador de: disciplina, ensino

2394 Orientador: escolar, educacional, pedagógico, profissional, vocacional

2394 Professor: coordenador, de técnicas audiovisuais

2394 Supervisor: de ensin,oeducacional, pedagógico

2394 Técnico de: educação, ensino, orientação profissional

2394 Técnico em: comunicações visuais, educação conteudista

Professores leigos e de nível médio

3311 Atendente de creche, auxiliar de desenvolvimento infantil (com formação no ensino médio)

3311 Professor de educação infantil (com formação no ensino médio)

3311 Professor de pré-alfabetização (com formação no ensino médio)

3311 Professor de pré-escolar (com formação no ensino médio)

3311 Professor de pré-infantil (com formação no ensino médio)

3311 Professor de pré-primário (com formação no ensino médio)

3311 Professor de: jardim de infância, maternal (com formação no ensino médio)

3311 Recreacionista, recreadora infantil (no ensino) (com formação de nível médio)

3312 Mestre de primeiro grau de primeira a quarta série (com formação no ensino médio)

3312 Professor de 1ª a 4ª série (com formação no ensino médio)

3312 Professor de curso de alfabetização - incl. de adultos (com formação no ensino médio)

3312 Professor de ensino fundamental (com formação de nível médio)

3312 Professor de primeiro grau de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série (com formação no ensino médio)

3312 Professor de primeiro grau - sem especificação de serie (com formação no ensino médio)

3312 Professor de supletivo primeiro grau de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série (com formação no ensino médio)

3312 Professor do educar

3312 Professor primário (com formação no ensino médio)

3313 Agente de capacitação profissional (com formação técnica)

3313 Professor no ensino profissionalizante (com formação de nível médio)

3321 Professor de ensino do primeiro grau (sem formação)

3321 Professor de ensino pré-escolar (sem formação)
3321 Professor de supletivo primeiro grau de primeira a quarta série (sem formação)
3321 Professor: do mobral, primário (sem formação)
3321 Professor leigo no ensino fundamental
3322 Agente de treinamento (com formação de segundo grau)
3322 Professor leigo no ensino profissionalizante
3331 Dono, empresário, sócio, proprietário (no ensino) - conta própria
3331 Monitor de lazer, professor particular
3331 Motorista instrutor de auto-escola
3331 Professor de: artes plásticas, artesanato, ballet, corte e costura, croche, culinária, dança
3331 Professor de: flauta, jazz, música, órgão, piano, pintura, reforço, tricô, violão
3331 Professor de religião - excl. no ensino superior
3341 Ajudante, auxiliar de disciplina
3341 Assistente de educação, bedel
3341 Inspetor de: alunos, disciplina

ANEXO III

RELAÇÃO DE CÓDIGOS DE OCUPAÇÃO CULTURAIS

RELAÇÃO DE CÓDIGOS DE OCUPAÇÃO CULTURAIS

Profissionais das ciências sociais e humanas

- 2531 Agenciador, agente autônomo de publicidade
- 2531 Agente: de relações públicas, de venda de publicidade, publicitário
- 2531 Analista de: comercialização, controle de preços, estudo e pesquisa de mercado, *marketing*
- 2531 Assistente de: publicidade, relações públicas
- 2531 Auxiliar de serviço de relações públicas
- 2531 Comunicador visual, *ombudsman*, publicitário, relações públicas
- 2531 Dono, empresário, proprietário, sócio (na publicidade) - conta própria
- 2531 Especialista: de comunicações, em propaganda
- 2531 Operador de promoção, revisor de propaganda, técnico de comunicação
- 2531 Produtor de: comerciais, propaganda, publicidade
- 2531 Promotor de: marketing, propaganda

Comunicadores, artistas e religiosos

- 2611 Assistente: de editorial, redator
- 2611 Chefe de reportagem, topiquista, cronista, editorialista, radiojornalista
- 2611 Colunista, roteirista - incl de jornal (na imprensa)
- 2611 Correspondente: de jornal, em línguas estrangeiras
- 2611 Jornalista - excl. empregador
- 2611 Produtor-redator de telejornal
- 2611 Repórter: de jornais e revistas, esportivo - incl. auxiliar
- 2612 Ajudante de documentação técnica
- 2612 Bibliógrafo, bibliotecário, biblioteconomista, classificador bibliográfico
- 2612 Bibliotecário tradutor
- 2612 Documentalista - incl. Auxiliar
- 2612 Técnico em suporte de documentação
- 2613 Arquivologista, conservador de museus, Museólogo - incl. auxiliar
- 2613 Dono, Empresário Proprietário Sócio (em atividades culturais) - conta própria
- 2614 Diarista (em jornal)
- 2614 Enciclopedista, filólogo, glossarista, intérprete, lexicográfico, tradutor, vocabularista
- 2615 Adaptador de peças para teatro, cinema e televisão
- 2615 Auxiliar de redator (na publicidade)
- 2615 Biógrafo, comediógrafo, copidesque, dialogista, dicionarista, documentarista, dramata
- 2615 Contista, novelista, panfletário, panfletista (escritor)
- 2615 Crítico: cinematográfico, literário, musical, teatral, de arte, de cinema, de jornal
- 2615 Croniqueiro (na imprensa)
- 2615 Cronista: de esportes, de literatura, esportivo, literário
- 2615 Elaborador de material didático, preparador de manuais técnicos
- 2615 Escritor, fabulista, folclorista, folhetinista, folhetista, gazetilhinista, hagiógrafo, hinista
- 2615 Hinógrafo, libelista, libretista, literato, martirologista, memorialista, memorista, monógrafo
- 2615 Localista, noticiarista, redator-chefe de jornal
- 2615 musicólogo, periodicista, periodista, poeta, prosador, prosaista, prosista,

publicista
 2615 Publicitário de redação, tradução e revisão
 2615 Redator de roteiros, roteirista de script de cinema, rádio e televisão - incl. chefe
 2615 Redator de: informação pública, jornal, livros técnicos, noticiário, procedimentos e métodos
 2615 Redator de: jornal falado, programas, propaganda, publicação técnica, publicidade
 2615 Redator, revisor de textos (na indústria gráfica)
 2615 Redator: auxiliar, científico, comercial, correspondente, criador
 2615 Redator: editorialista, promotor, publicitário, técnico
 2615 Sonetista, teatrólogo, tratadista, trovador, troveiro, trovista
 2616 Livreiro, editor de livros, jornais e revistas - excl. empregador
 2617 Comentarista de: esportes, jornal, rádio e televisão
 2617 Comentarista, narrador, locutor: esportivo,
 2617 Comunicador, narrador, noticiarista, repórter de rádio e televisão
 2617 Disc-jockey, espíquer, radialista, radiorepórter, speaker
 2617 Locutor de: rádio e televisão, telejornal,
 2621 Produtor de: cinema, espetáculos - excl. empregador
 2621 Produtor de: programação, rádio ou televisão
 2621 Produtor: cinematográfico, musical, teatral - excl. empregador
 2622 Bailarino, dançarino - excl. danças populares
 2622 Coreógrafo
 2623 Artista de: cinema, rádio, teatro, televisão
 2623 assistente de direção, Coadjuvante artístico, ensaiador de teatro, continuísta, declamador
 2623 Ator de: cinema, rádio, teatro, televisão - incl. dramático
 2623 Atriz de: cinema, rádio, teatro, televisão - incl. dramática
 2623 Comediante - excl. de circo
 2623 Cômico de: cinema, rádio, teatro, televisão
 2623 Diretor de fotografia (produção de filmes)
 2623 Diretor de representações dramáticas de rádio e televisão
 2623 Diretor de: cinema, estúdio cinematográfico, produção, rádio, televisão
 2623 Diretor: artístico, circense, teatral
 2623 Figurante, garota-propaganda, radioator, radioatriz, teleator, teleatriz, vedeta
 2624 Arranjador de orquestra, artista lírico, concertista, orquestrador, sinfonista, solfista
 2624 Auxiliar de maestro (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
 2624 Baixista, bandolinista (músico) (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
 2624 Baixo, barítono, contralto, soprano, tenor, tenorino (cantor de música clássica, erudita)
 2624 Bandurrista, banjoísta, bateria(em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
 2624 Baterista, citarista, clarinetista(em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
 2624 Cantor de: opera, teatro
 2624 Cantor lírico (música clássica, erudita)
 2624 Clavecista, contrabaixista(em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
 2624 Componista, compositor de música clássica, erudita
 2624 Compositor, coordenador musical clássico, erudito
 2624 Co-spalla de orquestra
 2624 Cravista, fagorista, flautista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de

- câmara)
- 2624 Flautista, gaiteiro, gaitista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Guitarrista, harpista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Harmonista, harmonizador, melodista, melógrafo (música clássica, erudita)
- 2624 Instrumentista (músico) (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Letrista (composições musicais clássicas, eruditas)
- 2624 Maestrina, maestro, musicista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Músico, oboísta, ocarinista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Organeiro, organista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Pandeirista, tecladista (músico) (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Percussionista, pianista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Pistonista, rabequista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Professor regente (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Regente (maestro) - incl. Auxiliar (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Regente de: afinação, orquestra (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Saxofonista, timbaleiro (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Spalla (solista) de orquestra
- 2624 Trombetista, trombonista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Trompetista, trompista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Trumpetista, violeiro (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2624 Violinista, violoncelista (em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara)
- 2625 Aquarelista, cangoncheiro, caricaturista, chargista
- 2625 Artesão de objetos de: cerâmica, couro, madeira, metal (artista popular)
- 2625 Artista plástico, escultor, pintor, colorista
- 2625 Desenhista: caricaturista, industrial (designer)
- 2625 Encarnador, estatuário, iconista, imagineiro, santeiro (escultor de imagens)
- 2625 Esculpidor de madeira, pintor, nigelador, pastelista, tatuador(artístico)
- 2625 Gravador: artístico, de metais
- 2625 Paisagista, pichador (pintor)
- 2625 Pintor de: artes, quadros, tatuagem
- 2625 Restaurador de: imagens, pinturas, quadros
- 2627 Adornador, cenógrafo, decorador, ornador, ornamentador, ornamentista - incl. de interiores
- 2627 Auxiliar de cenografia, especialista de decoração
- 2627 Decorador: de interiores, naval
- 2631 Aba, abade, abadessa, admonitor, agente pastoral, alfaqui, antiste, antístite, arabi
- 2631 Arcebispo, arcediogo, arcipreste, arquiçlavo, auxiliar de capelânia, babalaô,

- babalorixá
- 2631 Barnabita, bispo, bonzo, boto, capelão, capuchinho, cardeal, carmelita, carmelitano
- 2631 Cacifeiro, caetano, clarista, confessor, irmão, observante, pateiro, paulista (no culto)
- 2631 Cartucho, catequista, celestino, clérigo regular, cônego, cura, daroês, deão, derviche, dervis
- 2631 Diácono, dominicano, evangelista, evangelizador, frade, franciscano, frei, freira, freire
- 2631 Frade hospitaleiro, grão rabino, imame, irmã de caridade, irmão leigo, lazarista, leigo
- 2631 Loio, madre superiora, mãe de santo, marabuto, marianita, mariano, menorista, menorita,
- 2631 Madre, ministro de culto religioso, missionário, monge, noviço, padre, pai de santo, prior
- 2631 Padre ortodoxo, papaz, parafrasta, pároco, pontífice, pope, prelado, premonstratense, primaz
- 2631 Pastor: evangélico, evangelista, protestante
- 2631 Priorisa, rabi, rabino, religioso, reverendo, sacerdote, secular, subdiácono, sueltista, vigário
- 2631 Provisor, superior, trapista (no culto)
- 2631 Teólogo, tomarista, ursulina, vigário geral
- 2631 Zelador de: orixá, santo

Técnicos de nível médio nas ciências administrativas

- 3524 Censor, técnico de censura
- 3548 Agente de: recepção e vendas, turismo, viagem
- 3548 Auxiliar de: agente de viagem, emissor de turismo nacional
- 3548 Auxiliar de: programação de viagens, turismo receptivo
- 3548 Coordenador, despachante, técnico de turismo
- 3548 Dono, empresário, proprietário, sócio (no turismo) - conta própria
- 3548 Dono, empresário, proprietário, sócio de agência de viagens - conta própria
- 3548 Encarregado de viagens, pesquisador turístico, roteirista de excursões
- 3548 Organizador de viagens - conta própria
- 3548 Programador: de embarque, excursões internacionais

Técnicos em nível médio dos serviços culturais, das comunicações e dos desportos

- 3711 Bibliotecário auxiliar, técnico em biblioteconomia
- 3712 Numismata, técnico em Museologia
- 3713 Espectrometrista, operador de espectrofotômetro
- 3713 Grafotécnico, produtor, técnico gráfico, Webdesigner
- 3713 Técnico de: artes gráficas, planejamento gráfico, programação visual
- 3721 Camara-man, cameraman, cinematografista
- 3721 Cinegrafista - incl. assistente, auxiliar
- 3721 Operador de câmera de: televisão, cinema
- 3722 Fotógrafo: comercial, publicitário, retratista
- 3722 Fotógrafo de: aerofotografia, arquitetura
- 3722 Repórter fotográfico
- 3723 Colante, manipulador (no serviço telegráfico)
- 3723 Encarregado de: telegramas, telégrafo
- 3723 Fonogramista, operador telegráfico
- 3723 Operador de: central telegráfica computadorizada, radiofonia, radiotelefonia,

radiotelégrafo

3723 Operador de: rádio, tráfego telegráfico, transmissores

3723 Radio navegador, radionavegante (navegação aérea)

3723 Radioperador (nas telecomunicações)

3723 Radioperador navegante (navegação aérea, marítima)

3723 Radiotelefonista, radiotelegrafista, radioteletipista, telegrafista - incl. auxiliar

3723 Radiotelefonista, radiotelegrafista de estação terrestre

3723 Radiotelegrafista de: aeronaves, movimento, tráfego, marinha mercante)

3731 Operador de aparelho, equipamento de: estúdio, transmissão, gravação de rádio

3731 Operador de equipamentos móveis de rádio

3731 Operador de estação de: cabo aéreo, rádio, repetidora

3731 Operador, planejador técnico de rádio

3732 Operador de aparelhos de estúdio, externa de televisão (tv)

3732 Operador de áudio de televisão, gravador de vídeo-tape (tv, vt)

3732 Operador de equipamento de: estúdio de televisão, registro de vídeo (tv, vt)

3732 Operador de equipamentos móveis de televisão (tv)

3732 Operador de estação de televisão, repetidora de (tv)

3732 Operador de máquina de transmissão de televisão (tv)

3732 Operador de mesa de: efeitos especiais, transmissão de televisão (tv)

3732 Operador de videotape, vídeo, tape, televisão - incl. auxiliar (tv, vt)

3732 Operador técnico de televisão (tv)

3741 Ajudante de cabine de sonorização, gravador de fita de som, mixador,

3741 Operador de: aparelho de reprodução sonora, áudio de estúdio

3741 Operador de áudio, audiovisual, gravadora de som, microfone, sonoplastia

3741 Operador de equipamento de: amplificação, gravação, registro de som

3741 Operador de equipamento de: gravação de trilha sonora para filmes, som e cenografia

3741 Operador de preparação de registro de som

3741 Operador sonoplasta de: fita magnética, sonorização

3742 Ajudante de contra-regra

3742 Cenotécnico, contra-regra, montador de filmes

3742 Maquinista de: cenário, teatro

3742 Operador, projetista cinematográfico

3742 Operador de: cabine cinematográfica, processadora de filmes, projetor cinematográfico

3742 Operador de: filmes (montador), telecine

3743 Ajudante de operador cinematográfico

3743 Cinetécnico auxiliar

3743 Operador de cabine de projeção cinematográfica

3751 Aderecista

3751 Decorador, encarregado de vitrines

3751 Vitrinista - incl. Auxiliar

3761 Bailarino de danças populares

3762 Acordeonista, adufeiro, cançonetista, charangueiro, charanguista, sanfoneiro, Baixista, bateria (músico) - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara

3762 Baixo, barítono, contralto, soprano, tenor, tenorino (cantor de grupo, coral)

3762 Bandolinista, bandurrista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara

3762 Banjoísta, baterista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara

3762 Cantador: de viola, em diversões

3762 Cantor de: rádio, televisão, música popular

- 3762 Citarista, clarinetista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Clavecinista, cravista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Componista, compositor de música popular
- 3762 Compositor, coordenador musical popular
- 3762 Corista, Fadista (cantor)
- 3762 contrabaixista, fagorista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Fadista, sanfonista (musico)
- 3762 Flauteiro, flautista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Gaiteiro, gaitista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Guitarrista, harpista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Harmonista, harmonizador, melodista, melógrafo, letrista (música popular)
- 3762 Instrumentista (músico) - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Maestrina, maestro - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Maestro, regente de: banda de música, grupo coral - incl. auxiliar
- 3762 Menestrel, músico popular, tocador de sanfona
- 3762 Musicista, músico - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Oboísta, ocarinista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Organeiro, organista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Pandeirista (músico) - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Percussionista, pianista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Pistonista, rabequista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Professor regente - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Regente (maestro) - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Regente de afinação - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Saxofonista, trompista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Tecladista (músico) - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Timbaleiro, trombetista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Trombonista, trompetista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Trumpetista, violinista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3762 Violeiro, violoncelista - excl. em concerto ou orquestra sinfônica, filarmônica, de câmara
- 3763 Acróbata, burlantim, cabotino, clown, comedor de fogo, contorcionista, equilibrista, faquir

- 3763 Aramista (no circo), voador (acrobata)
- 3763 Amestrador, domesticador, treinador de animais (em diversões, no circo)
- 3763 Artista, comediante, cômico de circo
- 3763 Funâmbulo, hipnotizador, homem-bala, ilusionista, mágico, malabarista, palhaço, pantomino
- 3763 Pantomimeiro, pantomineiro, prestidigitador, saltimbanco, titeriteiro, toni, trapezista
- 3764 Animador de programa de: rádio, televisão, tv
- 3764 Apresentador de espetáculos de: rádio, televisão, tv
- 3764 Apresentador de programa de: rádio, televisão, tv
- 3764 Apresentador de programa educativo
- 3764 Cabaretier
- 3765 Manequim - incl. Fotografico
- 3765 Modelo: artístico, de modas, fotografico
- 3771 Auxiliar de instrutor de natação
- 3771 Auxiliar técnico, preparador, treinador (nos esportes)
- 3771 Auxiliar técnico, coordenador, instrutor, assistente (no futebol)
- 3771 Instrutor de: artes marciais, atletismo, basquetebol, boxe, capoeira, esgrima, golpe
- 3771 Instrutor, professor de: educação física, ginastica - excl. no ensino
- 3771 Instrutor de: karatê, musculação, natação, pugilismo, remo, saltos ornamentais, tênis
- 3771 Instrutor de: voleibol, water polo
- 3771 Preparador: de equipe de atletismo, de esportistas, físico
- 3771 Professor de: artes marciais,, atletismo, boxe, capoeira, esgrima, karatê, musculação
- 3771 Professor de: natação, pugilismo, remo, saltos ornamentais, tênis, voleibol, water polo
- 3771 Técnico de: atletismo, basquetebol, boxe, esportes, futebol, natação, pugilismo, remo
- 3771 Técnico de: saltos ornamentais, tênis, voleibol
- 3771 Treinador de cavalos de corrida
- 3772 Jóquei - incl. aprendiz, corredor (em corridas de cavalos)
- 3772 Arqueiro, atacante, goleiro, jogador, meio campista, zagueiro (no futebol)
- 3772 Atleta profissional de: boxe, futebol, golfe
- 3772 Boxador, boxeador, boxeur, boxista, corredor fundista, esportista, golfista
- 3772 Jogador (nos esportes)
- 3772 Lutador profissional de luta livre, maratonista, piloto de corrida de automóveis, pugilista
- 3773 Árbitro, bandeirinha, cronometrista, marcador (nos esportes)
- 3773 Juiz de: esportes, linha

Trabalhadores dos serviços

- 5114 Acompanhante, cicerone de grupos: internacionais, nacionais
- 5114 Guia de: alpinismo, excursões, montanha, museu, turismo
- 5114 Programador de excursões locais
- 5132 Ajudante, auxiliar de: cantineiro, cozinha, cozinheira, cozinheiro, lancheiro, merenda
- 5132 Barraqueiro (cozinheiro de turma de trabalhadores)
- 5132 Chapeiro, chapista de: bar, lanchonete, sanduíche, serviço de alimentação
- 5132 Churrasqueiro, cuca, lancheiro, merendeira, marmiteira, marmiteiro, rancheiro (cozinheiro)
- 5132 Congeladora, salgadeira, quituteira (na fabricação de salgadinhos)
- 5132 Cozinheira, cozinheiro (no serviço doméstico)

- 5132 Cozinheiro de: embarcações, fábrica, hospital, hotel, restaurante, serviço de alimentação
- 5132 Cozinheiro: entremetier, garde-manger, saucier, tournant
- 5132 Dono, empresário, industrial, proprietário, sócio (na indústria alimentícia) - conta própria
- 5132 Encarregado de preparação e distribuição de alimentos
- 5132 Esponjador, lavador de: louças, panelas
- 5132 Lancheiro (em lanchonete, no serviço de alimentação)
- 5132 Mirmidão, refeiteiro, rotisseur

Montadores da aparelhos e instrumentos de precisão e musicais

- 7421 Afinador, ajudante de afinação de: acordeões, gaitas de boca, instrumentos musicais
- 7421 Colador, confeccionador, montador de foles para acordeões
- 7421 Confeccionador de: gaitas de boca, órgão, piano, tambores, instrumento musical
- 7421 Confeccionador de instrumentos musicais de: corda, percussão, sopro
- 7421 Encordador de instrumentos musicais, guitarreiro (na fabricação)
- 7421 Fresador de: canal de chapas, vozes de gaitas de boca
- 7421 Furador de chapas de acordes e gaitas de boca
- 7421 Montador de: cornetas, instrumentos musicais de corda

Joalheiros, vidreiros, ceramistas e afins

- 7501 Mestre (na indústria de artigos de ourivesaria e joalheria, lapidação de pedras preciosas)
- 7501 Mestre de artigos de ourivesaria e joalheria
- 7502 Contramestre (na indústria de minerais não-metálicos - excl. derivados de petróleo e carvão)
- 7502 Mestre (na indústria de minerais não-metálicos - excl. derivados de petróleo e carvão)
- 7502 Supervisor de vidraria e cerâmica
- 7519 Aurífice, eborário, filigraneiro, filigranista
- 7519 Bate-folhas, cinzelador, esmaltador, trefilador de metais preciosos
- 7519 Calibrador de pedras brutas, marcador de lapidação
- 7519 Cravador, engastador de jóias
- 7519 Cravejador de: jóias, metais preciosos, ourivesaria
- 7519 Gravador de: joalheria, joias, ourivesaria
- 7519 Joalheiro (no comércio, na fabricação, reparação)
- 7519 Laminador de: metais preciosos à: mão, máquina
- 7519 Laminador de: ouro, prata
- 7519 Lapidador, lapidário de: diamantes, jóias, pedras preciosas e semi
- 7519 Limador de joalheria, ourives montador, prensista de ourivesaria, soldador de jóias
- 7519 Ourives (na fabricação, reparação) - incl. ajudante, auxiliar
- 7519 Ourives de bijouteria, quebrador de pedras preciosas e semi
- 7519 Polidor de jóias, pedras preciosas e semi -- incl. ajudante
- 7519 Trabalhador, joalheiro de confecção de bijuterias e jóias de fantasia - incl. ajudante, auxiliar
- 7521 Ampoleiro, ampolista, soprador de vidro - excl. de jarras e garrafas térmicas
- 7521 Calibrador, fechador (na fabricação de ampolas)
- 7521 Calibrador, curvador de tubos de vidro
- 7521 Colhedor (na industria de vidro)
- 7521 Dono, empresário, industrial (na fabricação de produtos de vidro) - conta própria

- 7521 Hialotécnico, moldador de lentes
- 7521 Proprietário, sócio (na industria de produtos de vidro) - conta própria
- 7522 Ajudante de lapidador de vidros, beneficiador de cristal, cristaleiro
- 7522 Bisautador, biselador, bisotador (lapidador) de: cristais, espelhos, vidros
- 7522 Cortador, laminador, lapidador de cristais de óptica
- 7522 Cortador, lapidador, traçador de vidro
- 7522 Esmerilador, esmerilhador de cristais
- 7522 Gravador de cerâmica vitrificada à água-forte
- 7522 Gravador de vidro à: água-forte, jato de areia, esmeril
- 7522 Operador de: máquina de lapidação de vidro, polidor de cristais de ótica
- 7522 Operador de polidora de vidros e cristais
- 7522 Operador de serra de diamante (na industria de vidro)
- 7522 Polidor de: cristais, lentes, vidros, óptica, otica
- 7522 Sufagista, sufasogista (na industria de lentes de óculos)
- 7522 Sulfagista, sulfassagista
- 7523 Abridor de formas, especialista, formeiro, formista (em cerâmica)
- 7523 Ajudante de moldador, esboçador de cerâmica
- 7523 Azulejador, classificador de azulejo, ladrilheiro, ladrilhista, manilheiro (na fabricação)
- 7523 Ceramista, cerâmico, louçador, louceiro, mosaicista, pandeiro, prensador, torneiro
- 7523 Ceramista: artístico, cinzelador, modelador, moldador, prensador, retocador
- 7523 Ceramista de confecção de moldes, gradeiro ceramico
- 7523 Ceramista de torno: de pedal, de motor, semi-automático
- 7523 Dono, empresário, industrial (na fabricação de produtos cerâmicos) - conta própria
- 7523 Encarregado de: prensagem, queima de azulejos
- 7523 Modelador: ceramista, de porcelana, em cerâmica
- 7523 Modelista em cerâmica, Moldador de terra
- 7523 Moldador em: barbotina, cerâmica
- 7523 Operador de máquina de: prensa hidráulica de furar a frio, vazar cerâmica
- 7523 Operador de: moinhos de argila, torno semi-automático de cerâmica
- 7523 Preparador, vazador de moldes de cerâmica
- 7523 Proprietário, sócio (na industria de produtos cerâmicos) - conta própria
- 7524 Acabador de peças de cerâmica
- 7524 Ajudante de decoração (em cerâmica)
- 7524 Aplicador de: decalque, impressos (em ceramica)
- 7524 Ceramista fileteiro, pintor cerâmico, vitrificador
- 7524 Decalcador, pistoleiro, vidrador esmaltador (em ceramica)
- 7524 Decorador: ceramista, de cerâmica com estresidores e decalques
- 7524 Decorador de vidro, pintor de cerâmica a: pincel, pistola
- 7524 Esmaltador: ceramico, de cerâmica por imersão
- 7524 Espelhador (esmaltador)
- 7524 Espelhador, foscador, opacador, prateador de espelhos (na fabricação)
- 7524 Operador de máquina de esmaltação de cerâmica
- 7524 Riscador de copos (na industria de vidro)

Trabalhadores das indústrias têxteis, do curtimento, do vestuário e das artes gráficas

- 7601 Ajudante, assistente, auxiliar de contramestre (na indústria têxtil)
- 7601 Ajudante de contramestre de: cardas, conicaleira, fiação, tecelagem
- 7601 Ajudante de contramestre de preparação (na indústria têxtil)
- 7601 Assistente: de mestre de cardas, técnico de produção têxtil

7601 Auxiliar de contramestre de: acabamento, operações de tecelagem de fitas
 7601 Chefe de: autoclave, balcão, esteiras, pentes, quarteirão, sala de tintas (na industria textil)
 7601 Chefe de: confecção têxtil, conicaleiras mercerização
 7601 Chefe de máquina: de cordas, passadora
 7601 Chefe de máquina maçarqueira: fina, pequena
 7601 Chefe de seção de: acabamento, urdimento (na industria textil)
 7601 Chefe de: serviços de fios, setor de acabamento (na industria textil)
 7601 Chefe de: tapeçaria, teares de fita, turma de acabamento têxtil
 7601 Chefe: distribuidor de trama, lavandeira
 7601 Contramestre de: acabamento, fiação (na indústria têxtil)
 7601 Contramestre de: cardas, inspeção de fitas elásticas, malharia, tear mecânico, tecelagem
 7601 Encarregado de: acabador, acabamento (na industria têxtil)
 7601 Encarregado de: acabamento de estampa, fieiras, inspeção de tecelagem de fitas
 7601 Encarregado de departamento de acabamento (na industria textil)
 7601 Encarregado de setor de acabamento (na indústria têxtil)
 7601 Encarregado de setor de acabamento contínuo (na indústria têxtil)
 7601 Encarregado de turma de tecelagem
 7601 Encarregado geral de: fiação, malharia, tecelagem
 7601 Feitor de: estamparia, tapeçaria
 7601 Feitor de inspeção de: estamparia, peças estampadas, tapeçaria
 7601 Feitor de: inspeção de tapeçaria de produção, oficina de estamparia
 7601 Feitor de preparação de conjuntos estampados (na industria têxtil)
 7601 Mestre (na indústria têxtil e de confecções)
 7601 Mestre de acabamento: de fios, e confecção
 7601 Mestre de: algodão, alveamento, cerzideira, espularia, fiação cordada, retorcedeira
 7601 Mestre de alveamento: de tecidos, e mercerização fiação
 7601 Mestre de: bobinadeira, estampagem, estamparia (na industria têxtil)
 7601 Mestre de: revisão de tecidos, tapeçaria, tingimento, tecelagem automática
 7601 Mestre de fiação de: algodão, cardame, juta, lã, linho, rami, tapeçaria
 7601 Mestre de fiação e: bobinagem, tecelagem
 7601 Mestre de inspeção de: estamparia, lavagem e tingimento de tecidos, malharia
 7601 Mestre de preparação de: filatório, fios, tear, tecelagem, e revisão de bordados
 7601 Mestre de seção de: carretéis, fiação, tecelagem, tingimento e alveamento
 7601 Mestre de: texturização, torção de fios
 7601 Mestre de tecelagem de: juta, malhas, máquina circular, rendas, telas
 7601 Mestre de: urdideiras, urdimento, estampador, estofador de tecidos
 7601 Mestre geral de: fiação, tecelagem
 7601 Mestre gravador têxtil
 7601 Superintendente de seção de controle de tapeçaria e montagem
 7602 Mestre, supervisor de curtimento
 7603 Chefe de máquina automática de bordar, contramestre, mestre-alfaiate
 7604 Contramestre, Mestre (na indústria de calçados)
 7604 Mestre cortador de couro (na industria de calçados)
 7604 Mestre: modelista, montador de calçados
 7604 Mestre sapateiro: acabador, cortador, montador
 7605 Mestre (na indústria de artefatos de couro - excl. calçados)
 7605 Mestre de: estofamento de couro, selaria
 7605 Mestre inspetor de departamento de artefatos de couro
 7606 Chefe de seção de artes gráficas, coordenador de paginação
 7606 Encarregado geral de gráfica, especialista gráfico

7606 Mestre (na indústria editorial e gráfica)
 7606 Mestre de: fotogravuras, fotolito, off-set, serviços gráficos, gravação (na indústria gráfica)
 7606 Mestre: gráfico, gravador de clichê, impressor, litográfico, tipógrafo
 7606 Mestre impressor de off-set, subchefe de oficina gráfica
 7606 Superintendente de oficina de: encadernação, impressão
 7610 Operador têxtil
 7611 Acertador, alimentador de cardas
 7611 Ajudante de: batedor de cardas, cardista, classificador de algodão
 7611 Ajudante de maquinista de batedor de fibra
 7611 Apartador, lavador, secador de lã
 7611 Cardador - incl. ajudante, auxiliar, chefe
 7611 Batedor de: fibras, sisal (na indústria têxtil)
 7611 Batedorista, cardador, estirador, lavador de fibras (na indústria têxtil)
 7611 Batidorista, cardeiro, carmeador, carduçador, escarduçador, espadeladeira, perchador
 7611 Beneficiador de: algodão, sisal (na indústria têxtil)
 7611 Cardista: carregador, de fibras
 7611 Classificador de: algodão, fibras, fios, lã, sisal (na indústria têxtil)
 7611 Classificador de: algodão, fibras, fios, lã, sisal (no beneficiamento de fibras têxteis)
 7611 Fiscal, passador de algodão
 7611 Lavador, prensador de fios
 7611 Lavador de fibras brutas, salgador de tecidos, tirador de latas (na indústria têxtil)
 7611 Maquinista de: batedor de fibras, cardas
 7611 Maquinista de preparação de: fiação, tecelagem
 7611 Operador de: cardadeira, cardas, máquina de lavanderia de lã, batedor de fibras
 7611 Preparador de: fibras artificiais, fios, lã (na indústria têxtil)
 7611 Trabalhador de fabricação de fibras artificiais
 7611 Transador de fibras
 7612 Abastecedor de: espulas, magazines de tear
 7612 Abridor de: algodão, fardos, filatório, fibras (na indústria têxtil)
 7612 Acertador de: maçaroeira, máquina de fiação, penteadeira
 7612 Afinador de fios, asedador de linho
 7612 Ajudante, auxiliar carregador de fios, de maquinista maçaroeiro
 7612 Ajudante de: aspadeira, aspador, fiadeira, fiandeiro, laminadeira de fibras têxteis
 7612 Ajudante de: liçadeira, liçador, maçaroeira, maçaroeiro
 7612 Ajudante de máquina: conicaleira, fiadeira, retorcedeira, aspas
 7612 Ajudante de maquinista de: espuladeira, passador, urdideira (na indústria têxtil)
 7612 Ajudante de maquinista maçaroeiro
 7612 Ajudante de: mercerizador, mistura, remetedor, remetina, torcedeira (na indústria têxtil)
 7612 Ajudante-chefe de máquina maçaroeira: fina, pequena
 7612 Ajuntadeira, ajuntador, alisador, amarrador (na indústria têxtil)
 7612 Alimentador de: bobinagem têxtil, espuladeira, maçaroeira, rocadeira
 7612 Amarrador de teias, aprendiz de fiação, arrumador de pano, aspadeira, aspador
 7612 Amassador de fibras de: cânhamo, juta, linho
 7612 Arriador de: fiadeira, filatório, lã, linho, ringue
 7612 Auxiliar de: aspadeira, aspador, binador, fiadeira, liçadeira, liçador, maçaroeira
 7612 Auxiliar de: máquinas aspas, mercerizador, remetedor, remetina
 7612 Banqueiro, banquista (na fabricação de tecidos)
 7612 Binadeiro de lã, binador, binandeiro

7612 Bobinador, bobineiro de fios têxteis (em fiação e tecelagem, na indústria textil)

7612 Caneleiro, casal, cervejeiro, chicoteiro, descascador de fios, esbicador (na indústria textil)

7612 Canilheiro, carreteleiro, conicaleiro, dobadeiro, dobradeiro, encarreteleiro, encruzadeira

7612 Carregador de: espulas, fios, maçarocas

7612 Classificador, coletor, cortador, colocador, furador, limpador, recolhedor de espulas

7612 Colocador de: liços, rolos

7612 Copista de desenho para cartão Jacquard, engomadeira de urdume

7612 Descarregador de: bobina, fiandeira, filatório

7612 Desfiador, provista, mesclador, noveleiro (na indústria têxtil)

7612 Desfibrador de: fibras, juta, lã, linho (na indústria têxtil)

7612 Distribuidor de: carretéis, espulas, fios, maçarocas (na indústria textil)

7612 Enliçador, enovelador, enquadrador de pano, maçaroqueiro

7612 Enrolador de: bobinas, fios têxteis (na indústria têxtil)

7612 Espulador, espuleiro, espulista carregador, estirador de fita, estrusineira

7612 Fazedor de liços, fiador, fieira

7612 Fiandeiro de: algodão, dois lados, fibras artificiais, juta, lã, linho, rami, seda, sisal

7612 Filatório, filatorista, fiteiro, fulão, fulista, gaseadeira, gaseador (na indústria textil)

7612 Gaseificador, laminador, lançador, liçador, liceiro, lisadora, liseuse (na indústria textil)

7612 Maquinista de: abridor de fibras, aspas, binadeira, conicaleira, engomadeira de urdume

7612 Maquinista de: espuladeira, fiandeira, filatório, laminadeira, maçaroqueira (na indústria textil)

7612 Maquinista de fiação de: binadeira, conicaleira, meadeira, rocadeira

7612 Maquinista de: passador de fitas, penteadeira, reenroladeira, retorcedeira, rocadeira

7612 Maquinista de: torcedeira, urdideira

7612 Maquinista torcedeira de corda, meadeiro, monitor de espuladeira

7612 Mercerizador, mesclador de fios

7612 Misturador de: fibras, fios, lã (na indústria têxtil)

7612 Operador de: abridor de fibras, binadeira, carbonizador de lã, conicaleira, espuladeira

7612 Operador de: engomadeira de urdume, laminadeira, reunideira, maçaroqueira

7612 Operador de máquina bobinadeira (na indústria textil)

7612 Operador de máquina de: limpar espulas, misturar fibras, trama

7612 Operador de máquina misturadora de fibras têxteis

7612 Operador de máquina para cópias de cartões jacquard

7612 Operador de máquina: reunideira, rebobinadeira

7612 Operador de: meadeira, misturador de fibras, passadeira, passador de fitas

7612 Operador de: penteadeira, retorcedeira de fios, rocadeira, selfatina, urdideira

7612 Passadeira: estiradora, banquista (na indústria têxtil)

7612 Passadeira de: fibras, liços, rombos (na indústria têxtil)

7612 Passador: estirador, banquista (na indústria têxtil)

7612 Passador de: fibras, fio, liços, rombos, sisal (na indústria têxtil)

7612 Passador, pegador, polidor, provador, revisor, torcedor de fios de fios (na indústria têxtil)

7612 Passa-fio, penteadeirista, penteadorista (na indústria têxtil)

7612 Penteadeira, penteador de: fibras, lã (na indústria têxtil)

7612 Perfurador, picotador de cartões jacquard

7612 Puxador de: bobina, rolos de fios (na indústria têxtil)

- 7612 Redobradeira, reenroladeira, remetedor, retorcedeira, reunideira, reunidor, ringues
- 7612 Remetedor, remetina, transportador de espulas (na industria textil)
- 7612 Remetedor: de fios, manual
- 7612 Retorcedor de: fibras, fios
- 7612 Rocadeira, roqueiro, secador de urdimento, trama, tramador, tramista, tubeira, tubista
- 7612 Urdideira: seccionista, universal
- 7612 Urdidor: de amostras, seccionista, universal
- 7613 Abridor, distribuidor, escovador de pano
- 7613 Alcatifeiro, algodoeiro, almoceleiro, aniageiro, barbante, barbanteiro
- 7613 Agulheiro, bandeireiro (na industria textil)
- 7613 Ajudante de: máquina de cordas, tecelagem de malha
- 7613 Aprendiz de tecelagem
- 7613 Auxiliar de: redeiro, tecelagem de fitas
- 7613 Barbateiro, capacheiro, colcheiro, cordeiro, cordoeiro, entrapador, entretecedor
- 7613 Confeccionador de tapetes e passadeiras
- 7613 Encordoador (na fabricação)
- 7613 Enformador de: malharia, meias
- 7613 Feitor de submontagem de tapeçaria, fiel de renda (na industria textil)
- 7613 Feltrador, feltrista, flanelador, labirinteira, malharista, meieiro
- 7613 Maquinista de tear
- 7613 Mudadora (tecelã)
- 7613 Operador de máquina: circular, retilínea de malharia
- 7613 Operador de máquina de: cordão, cordoalha, malharia, tricô
- 7613 Operador de tear: automático, cotton, de rendados, de bordados, jacquard
- 7613 Operador de tear mecânico: de maquineta, de xadrez, liso
- 7613 Passador de bicos, torcieiro
- 7613 Remalhadeira, remalhador: a mão, de canhão
- 7613 Remontadeira, rendilheira, retilinista, sanfonista (na indústria de tecidos)
- 7613 Rendeira, rendeiro (na fabricação, fazedor de renda)
- 7613 Tapeceiro, tapeteiro, tarrafeiro (tecelão)
- 7613 Passamaneiro, tapeceiro, tecelão, Tricoteiro a máquina
- 7613 Tecelão de: alfombras à máquina, bordados, etiquetas, fitas
- 7613 Tecelão de malhas a máquina circular ou retilínea
- 7613 Tecelão de meias a máquina circular ou retilínea
- 7613 Tecelão de pelúcia, rendas e bordados, seda, tecidos
- 7613 Tecelão de redes - incl. de punho, mamucaba, varanda (na fabricação)
- 7613 Tecelão de tapetes à máquina
- 7613 Tecelão de tear: automático, de fita, jacquard
- 7613 Tecelão de tear mecânico de: liso, maquineta, xadrez
- 7614 Abaetador, acertador de estamperia, acidulador (na indústria textil)
- 7614 Acabador de: malharia, pano, tecidos, toalhas (na industria textil)
- 7614 Acidador: de tecidos, fixador, lavador
- 7614 Ajudante de: acabamento de fio, calandra, ramista, estufa (na indústria têxtil)
- 7614 Ajudante, auxiliar de engomador (na industria textil)
- 7614 Ajudante, auxiliar de estampador de tecidos (na industria textil)
- 7614 Ajudante, auxiliar de máquina (na indústria textil)
- 7614 Ajudante de maquinista de: alvejamento, chamuscadeira de tecido (na indústria têxtil)
- 7614 Ajudante de maquinista de: cozinhamento, engomadeira (na indústria têxtil)
- 7614 Ajudante de maquinista de: lavadeira de tecidos, mercerização
- 7614 Ajudante de operador de: enfestadeira, engomadeira, enroladeira (na indústria têxtil)

7614 Ajudante, auxiliar de sala, branqueador (na indústria têxtil)
 7614 Alargador de panos, amaciador de tecidos, apresto, Atendente de mantas
 7614 Alvejador, anilador de: fios, pano, tecidos
 7614 Arrematador de tecidos, auxiliar de impermeabilizador, banhador (na industria têxtil)
 7614 Banhador de viscoso, dobrador de tecidos, calandreiro de pano
 7614 Batedor de: lã, pano
 7614 Brunidor (em malharia)
 7614 Carbonizador, chamuscador de: lã, pano, tecidos
 7614 Cortador, cozinheiro, estirador, esticador, fervedor de pano (na industria têxtil)
 7614 Clarificador, enfestador, estampador, estampeiro, estendedor, estufeiro de tecidos
 7614 Cozinheiro de: alvejamento, tintas (na indústria têxtil)
 7614 Desengomador, engomador, gomador de: fios, linhas, tecidos
 7614 Encartador, espinçador, gigador, gigo, navalhador (na industria têxtil)
 7614 Enrolador de: gaze, pano
 7614 Guiador de gigos, maquinista clorador, medidor de tecido, mercerizador, mosqueadeira
 7614 Impermeabilizador de: produtos têxteis, tecidos
 7614 Limpador a seco, montador de estampas (na industria têxtil)
 7614 Maquinista de: alvejamento de tecido, chamuscadeira, enfestadeira
 7614 Maquinista de calandra de: acabamento, tecidos (na industria têxtil)
 7614 Maquinista de: cozinhamento, enroladeira, lavadeira, mercerizadeira, secadeira de tecido
 7614 Maquinista de: estamparia têxtil, rameuse, tinturaria de fios
 7614 Maquinista de: tinturaria, vaporizador (na industria têxtil)
 7614 Oficial, pintor de silk-screen
 7614 Operador de: cabine de secagem, enfestadeira, enroladeira de pano, estampeira
 7614 Operador de: calandra, chamuscadeira, clarificação, de tecidos (na industria têxtil)
 7614 Operador de: desfibrador, impermeabilizador (na industria têxtil)
 7614 Operador de máquina acetinadora de tecidos
 7614 Operador de máquina de: acabamento, alvejamento de tecidos (na industria têxtil)
 7614 Operador de máquina de: amaciar tecidos, enfestar, estampar, lavar fios e tecidos
 7614 Operador de máquina de: tintura de panos, tinturaria têxtil
 7614 Operador de: máquina rameuse, tanque de carbonatação, vaporização (na industria têxtil)
 7614 Pinçadeira, pinçador, prensador de pano, prensista de estamparia
 7614 Pintor de roupas, rameuse, ramulador, rapador de pano, sanforizador
 7614 Projetista de beneficiamento: de tecido, têxtil
 7614 Queimador, secador de pano (em indústria têxtil)
 7614 Tingidor, tintureiro de: fibras, fios, tecidos (na indústria têxtil)
 7614 Vaporizador (na indústria têxtil)
 7618 Classificador de tecidos, Inspetor chefe de estamparia, dobrador-revisor (na industria têxtil)
 7618 Inspetor de pano, revisor têxtil, revistador de meias
 7618 Revisor de: pano, silk-screen, tecidos
 7618 Revistadeira de: fios, meias (na indústria têxtil) - ajudante, auxiliar
 7620 Dono, empresário, industrial, proprietário, sócio (no curtimento) - conta própria
 7620 Trabalhador polivalente do curtimento de couro e pele
 7621 Chanfrador de couraça, operador de rebaixadora de couros, selecionador de

peles

7621 Chanfrador de máquina: a disco, plana

7621 Cilindrador, divisor, estendedor de couro

7621 Classificador de: couros, peles

7621 Cortador de couros e peles, espichador (em curtume)

7621 Descarnador de couros e peles à: mão, máquina (em curtume)

7621 Estirador de: couros e peles, pasting

7621 Operador de máquina de: cilindrar, descarnar, dividir couros e peles

7621 Rachador de: couros e peles, meia pata

7621 Raspador, rasurador, relador, sovador de couro e peles

7621 Trinchador à: mão, máquina de couros e peles

7622 Abastecedor de tambor de curtir sola, assistente técnico de curtidor, auxiliar de curtimento

7622 Concentrador de curtume, cordovaneiro, marcador de couros em máquina de rebaixar

7622 Curtidor (na preparação de peles e couro) - incl. empregador, conta própria, auxiliar

7622 Depilador, enxugador de: couro, peles

7622 Estaqueador, lavador, limpador, lonqueador, mergulhador, molhador de couro

7622 Operador de: enxugador de couros, fulão

7622 Rebaixador de: base, couros e peles

7622 Surrador, viradeira de couro

7623 Alvejador de: couros, sola

7623 Amaciador, estampador, igualador, lixador, recortador de excessos de couros e peles

7623 Auxiliar de amaciador de vaqueta

7623 Brazidor de curtume, maquinista de couros e peles

7623 Escovador, medidor, prensador, recortador, salgador de couros

7623 Guasqueiro, marroquineiro, palecionador

7623 Maquinista: lixador, topejador de couros e peles

7623 Operador de lixadeira, tingidor de couros e peles

7623 Operador de máquina acetinadora de couro e peles

7623 Operador de máquina de: alvejar amaciar, rebaixar, couros e peles

7623 Operador de: molina, prensa peletizadora, setor de couros

7623 Peleiro, peleteiro, peliqueiro (em curtume)

7623 Pintor de couros e peles a: mão, pistola

7623 Preparador de: couros curtidos, pele

7630 Alfaiate - incl. ajudante, auxiliar, oficial

7630 Alfaiate: cortador, modelista

7630 Alinhavador, coleiteiro, modista, peleteiro, reformador de roupa

7630 Buteiro - incl. ajudante, auxiliar

7630 Calceteiro, paramenteiro (alfaiate)

7630 Costureiro de roupa de couro e pele

7630 Desenhista de vestuário (no cinema e televisão)

7630 Dono, empresário (na confecção sob medida de artigos do vestuário) - conta própria

7630 Industrial (na confecção de artigos do vestuário e acessórios) - conta própria

7630 Pespontador (costureiro)

7630 Pespontador de: forro, roupas - incl. de couro e pele

7630 Proprietário, sócio na confecção sob medida de artigos do vestuário) - conta própria

7631 Ajudante de corte (na confecção de roupas)

7631 Combinador, cortador de peles (na indústria do vestuário)

7631 Copiador de moldes, cortador de artigos de couro e peles (na indústria do

vestuário)
 7631 Cortadeira de: amostras, casulos, etiquetas
 7631 Cortador de: luvas, moldes, vestidos
 7631 Cortador de roupas - incl. de couro e pele
 7631 Costureira cortadeira
 7631 Encarregado de preparação e corte
 7631 Marcador de: bolsos e detalhes, confecções, pano, roupas
 7631 Plissador, programador de corte, traçador de roupas
 7631 Recortador de: capas, forros
 7631 Riscador de: forros, aviamentos, roupas, tecidos
 7632 Acabadeira de saco, aprendiz de corte e costura
 7632 Acaseadeira, acaseador, ajureira, bainhadeira, bainhador, bainheira, calceiro, camiseiro
 7632 Ajudante, auxiliar de: costura, costureira
 7632 Arrematador, arrematadeira de: cobertor de fita, peças de roupa, vestuário
 7632 Caseadeira, caseador a máquina
 7632 Cerzideira, cerzidor de: malha, meias, roupa, tecidos
 7632 Chuleador, cordeador, cordoador, montador de calça, passador de cós, pufador
 7632 Colocador de: colarinho, punho, palas
 7632 Cosedor (costureiro), overloquista, retelinista, singerista
 7632 Costurador de: fitas, palas
 7632 Costureira de: amostra de costura, boné, chapéus, fecho, guarnições de mesa
 7632 Costureira de: lençóis, fronhas, mangas, mostruário, peças, pregar bolso
 7632 Costureira de máquina de: colocar cós, duas agulhas, fechar gancho, mosquear
 7632 Costureira de máquina eletrônica de bolso
 7632 Costureira de máquinas industriais, encarregada de sala de costura
 7632 Costureira goleira, criveiro, espartilheiro, gravateiro, luveiro
 7632 Costureiro à máquina (confecção em série)
 7632 Costureiro de: luvas, roupas de couro e pele à máquina
 7632 Fazedor de: bainha, bolsos, cós
 7632 Fechador de: entrepernas, ganchos, lado, laterais, meias
 7632 Operador de corte de vinco de tecido
 7632 Operador de máquina: de costura reta, overlock, singer, ziguezague
 7632 Pespontador de: luvas, tira e desenho
 7632 Pregador de botões, recuperador de corte e costura, trincadeira, trincador
 7633 Aprendiz, arrematadeira de bordado
 7633 Auxiliar de bordadeira
 7633 Bastideiro, operador de crivo, picotador (bordador)
 7633 Bordadeira, bordador à máquina
 7633 Bordadeira aplicadora
 7633 Costureira, costureiro: manual, à mão
 7633 Costureiro de roupas de couro e pele à mão (confecção em série)
 7633 Matameiro (na indústria do vestuário)
 7633 Operador de máquina: de bordar, rebordadeira
 7640 Dono, empresário, industrial, proprietário, sócio (na fabricação de calçados) - conta própria
 7640 Trabalhador polivalente da confecção de calçados
 7641 Abarcador (na fabricação de sandálias)
 7641 Abridor, auxiliar de corte, maquinista, marcador de sola
 7641 Ajuntadeira, ajuntador, colocador de palmilha (na indústria de calçados)
 7641 Balancê (na indústria de calçados)
 7641 Chanfrador, dobrador, viradeira de calçados
 7641 Colador de: calçados, palmilhas
 7641 Cortador de: calçados, solas à máquina

- 7641 Cortador de: calcanhar, capa de salto, palmilhas, sapatos, couro (na fabricação de calçados)
- 7641 Cortador e pesador de solas pré-engraxe
- 7641 Debruador, fazedor de saltos
- 7641 Lixador de: calçados, saltos, solas, tênis
- 7641 Montador de calçados (parte superior)
- 7641 Montador de: palas, calçados, saltos
- 7641 Operador de: balancim de corte de couro, palas, saltos, solas prensa (na indústria de calçados)
- 7641 Operador de máquina: cortadora, dobradora (na industria de calçados)
- 7641 Operador de máquina de: enxugar, recuperação, roletar solas
- 7641 Palmilhador, salteiro, tamanqueiro, prensador de saltos em solas
- 7641 Perfurador, recortador, riscador de palmilha
- 7641 Preparador de: calçados, palmilhas, parte superior, saltos, solas
- 7641 Sapateiro (na fabricação de calçados)
- 7642 Apalazador. encospiador. gaspeador. Solador, montador de solas
- 7642 Armador, cosedor, costurador, enformador, montador, pespontador de calçados
- 7642 Costureiro, fechador de enfranque (na industria do calçado)
- 7642 Fechador de calcanheira no enfranque
- 7643 Acabador, guarnecedor, lustrador, polidor, selecionador de calçados
- 7643 Brochador (na fabricação de calçados)
- 7643 Escovador de sola, forrador de saltos
- 7643 Esmerilador, fresador de enfranque
- 7643 Passador de tinta em sola e salto
- 7643 Pintor de: calçados, couro, salto
- 7643 Planchador, planchista de calçados de couro
- 7650 Acabador de chapéus de luxo
- 7650 Arcador, barreteiro, batanador, boneleiro, confeccionador de quepes, decatizador
- 7650 Chapeleiro de: chapéus de luxo, senhoras - excl. de palha
- 7650 Conformador, cortador, decorado, moldador de chapéus - excl. de palha
- 7650 Dono, empresário, industrial (na fabricação de artefatos de couro) - conta própria
- 7650 Dono, empresário (na fabricação de artefatos de tecidos - excl. vestuário) - conta própria
- 7650 Fulista (na industria de chapeus)
- 7650 Industrial (na fabricação de artefatos de tecidos - excl. vestuário) - conta própria
- 7650 Modelador, modelista, padronista de chapéus e gorros
- 7650 Proprietário, sócio (na fabricação de artefatos de couro) - Conta Própria
- 7650 Proprietário, sócio (na fabricação de artefatos de tecidos - excl. vestuário) - conta própria
- 7650 Trabalhador da: fabricação de chapéu de seda, confecção de quepes e bonés
- 7651 Cortador de: artefatos de couro, pele e forro - excl. roupas e calçados
- 7651 Cortador de couro (na fabricação de bolsas e cintos)
- 7652 Acolchoador, cortineiro, embonecador
- 7652 Armadeira, confeccionador, consertador, montador de guarda-chuva
- 7652 Auxiliar de: acabamento, armações de guarda-chuva
- 7652 Boleador de flores, florista (na fabricação)
- 7652 Capeiro de: móveis, veículos
- 7652 Capoteiro de: automóveis, avião, carro, veículos - incl. ajudante, auxiliar
- 7652 Colchoeiro - incl. ajudante, auxiliar
- 7652 Colchoeiro de molas e ortopédicos,
- 7652 Confeccionador de: barracas, toldos, brinquedos de pano
- 7652 Cortador de tecido: de guarda-chuva, para veículos

7652 Costurador de: lonas, encerados, sacos, toldos, barracas
 7652 Costureira, enchedor de colchões
 7652 Costureiro de artefatos de tecido, estaqueador (em fábrica de sacos)
 7652 Costureiro velamista, confeccionador de velas: de embarcação, náuticas
 7652 Entelador estofador, estufeiro, guarda-soleiro, saqueiro (confeccionador de saco de pano)
 7652 Especialista (em tapeçaria), estofador modelador e costureiro
 7652 Estofador de: automóveis, aviões, móveis, veículos - incl. ajudante, auxiliar, aprendiz
 7652 Montador de brinquedos de: pano, qualquer material
 7652 Operador de máquina de: costura de lonas e encerados, enchimento de colchões
 7652 Padronista, padronizador de velas de embarcação, toldos e barracas
 7652 Forrador, reformador, revisor de estofamento de móveis
 7652 Tapeceiro de: automóveis, avião, carro, cenários, móveis, veículos - incl. ajudante, auxiliar
 7653 Ajudante, auxiliar de montagem de bolsas, carteiras e malas
 7653 Bruaqueiro (na fabricação de bruacas)
 7653 Colador, montador de artefatos, artigos de couro - excl. calçados e vestuário
 7653 Confeccionador de fecho-ecler, odreiro, armador de malas
 7653 Costurador, cosedor, pespontador de artefatos de couro à máquina - excl. calçados e vestuário
 7654 Trabalhadores do acabamento de artefatos de tecido e couros
 7660 Operador de serviços de impressão
 7661 Abridor de letras, ajudante de galvonoplasta (na indústria gráfica)
 7661 Ajudante de: clichêrta, composição gráfica, copiador de chapas, estereotipista
 7661 Ajudante de: fotolito e montagem, fundidor gráfico, retoque
 7661 Ajudante de: gravador de cilindros, de estampagem, paginador retocador de fotolito
 7661 Ajudante, auxiliar de produção (na indústria gráfica)
 7661 Ampliador de foto estampagem, aquafortista, aquatintista, baledor de contato
 7661 Auxiliar de: composição gráfica, diagramador, fotografação, montador de fotolito
 7661 Auxiliar de negativista quadrista retocador de fotolito
 7661 Caldeireiro, distribuidor (na indústria, no serviço gráfico)
 7661 Chapista: gráfico, tipográfico
 7661 Clichêrta, clicheteiro, componedor, conferente gráfico
 7661 Compaginador, digitador de fotocomposição
 7661 Compositor: à máquina, paginador, tipográfico
 7661 Confeccionador de: clichês de flexografia, matrizes tipográficas
 7661 Copiador de: chapas de off-set, clichêria, clichês tipográficos, fotolito, gravura
 7661 Copiador de desenhos sobre pedras litográficas
 7661 Copiador: gravador, litográfico
 7661 Diagramador: e desenhista, em terminal de vídeo
 7661 Eletrotipista, emendador gráfico, estereotipista, foto estampador, fotocompositor, fotocopiador
 7661 Fotógrafo de: artes gráficas, foto estampa, fotografação, polígonia, quadro de estampa
 7661 Fotógrafo de: reprodução, serigrafia, silk-screen slide, traço
 7661 Fotógrafo gravador, fotografação, fotoimpressor de chapas, fotolítografo, fotopaginador
 7661 Fototipista, galvanista de rotografação, galvanoplasta de artes gráficas
 7661 Fundidor de: estereoplástico, linotipo, monotipo, vinheta
 7661 Granulador de pranchas para clichês

7661 Gravador a: ácido, água forte, buril, lustro (na indústria gráfica)
 7661 Gravador: com pantógrafo, em máquinas automáticas
 7661 Gravador de: autotipia, chapas, cilindros de impressão com ácido (na indústria gráfica)
 7661 Gravador de: cilindros metálicos de impressão, fotogravura, fotolito
 7661 Gravador de clichês de: madeira, borracha, linóleo
 7661 Gravador de matrizes de impressão de borracha ou linóleo
 7661 Gravador de: pedras litográficas, rolos de impressão (na indústria gráfica)
 7661 Gravador de plástico, marfim ou osso (trabalho em série)
 7661 Gravador de: rotogravura, traço (na indústria gráfica)
 7661 Gravador: litográfico, retocador de cilindro, tricromista (na indústria gráfica)
 7661 Letrista gráfico, licromista, litocromista, litógrafo, maquinista de litografia
 7661 Marcador de: jornal, letras
 7661 Margeador tipográfico, marginador, matrizador, matrizeiro, metalografista (na indústria gráfica)
 7661 Montador de: clichês sobre suportes, filmes litográficos, fotocomposição, fotolito
 7661 Montador de: fotolito, seleção em cores
 7661 Montador fotolítico, Negativista de fotogravura
 7661 Operador de: aparelhos de preparação de filmes para chapa, buril, composer, compositora
 7661 Operador de: estereotipia, filmadora de fotocomposição, fotomecânica, scanner
 7661 Operador de máquina: compositora, copiadora de desenhos, fotocompositora
 7661 Operador de máquina de: composição automática (paginador), fundir tipos, pantógrafo
 7661 Operador de: monotipo de fundir, pantógrafo de modelagem (na indústria gráfica)
 7661 Operador de terminal de fotocomposição, recortador e montador serigráfico
 7661 Paginador de: arte-finalização, composição, terminal de vídeo
 7661 Pantografista, pantógrafo, quimiógrafo (na indústria gráfica)
 7661 Pantografista de cilindro de estampagem, recuperador de chumbo (na indústria gráfica)
 7661 Past up (pestapista), peliculador
 7661 Preparador de estênceis (processo fotográfico)
 7661 Preparador de: estênceis de serigrafia, fotolitos
 7661 Programador de fotocomposição, quadrista, recortador de serigrafia
 7661 Provista: de clicheria, de fotolito, tipógrafo
 7661 Reprodutor de: clichê impressão de reprodução plástica, desenhos sobre pedras litográficas
 7661 Retocador: cromista, fotográfico (na indústria gráfica)
 7661 Retocador de: chapas, clichês, negativos de impressão de fotogravura
 7661 Retocador de: cilindros, clichês, fotolito, seleção de cores, traço (na indústria gráfica)
 7661 Retoquista, retranquista, revisor, rotogravador (na indústria gráfica)
 7661 Revelador de cilindro de estampagem, revisor gráfico, zincógrafo (gravador)
 7661 Revisor de: fotolito, provas (na indústria gráfica)
 7661 Tecladista de fotocomposição, transportador litográfico, tricromista (na indústria gráfica)
 7661 Trabalhador da preparação de estênceis para impressão serigráfica por processos fotográficos
 7661 Xilógrafo, zincógrafo, zinctipista, zingueiro (na indústria gráfica)
 7662 Ajudante de impressor: de formulários contínuos, litográfico, off-set, tipográfico
 7662 Ajudante de: prelista, silk-screen, tirador (na indústria gráfica)
 7662 Alimentador de rotativas, auscultador, auxiliar de tirador, minervista (na indústria gráfica)

7662 Aplicador de: serigrafia, silk-screen à máquina
 7662 Auxiliar de impressor: off-set, tipográfico
 7662 Calandrista, calendarista, cilindrista de imprensa (na indústria gráfica)
 7662 Impressor: automático, flexográfico, gráfico, litográfico, minervista, multilight
 7662 Impressor de: alto relevo, cartazes, cartões, etiqueta, formulários contínuos, heidelberg
 7662 Impressor de máquina: manual, off-set, plana
 7662 Impressor de: off-set, papéis decorativos, papel, plásticos, provas, relevo, rotativa
 7662 Impressor de: rotogravura, rótulos, sacos, selos, serigrafia, silk-screen, tipografia
 7662 Impressor em máquina: cilíndrica, de leque
 7662 Impressor: gráfico manual, serigráfico, tipográfico
 7662 Maquinista de: impressão de sacos, off-set, litógrafo
 7662 Operador de impressora: cilíndrica, de rotogravura, litográfica, off-set, platina
 7662 Operador de: litografia, máquina off-set, prelo, serigrafia, silk-screen
 7662 Pautador de: manual, máquina automática
 7662 Personalizador de: caixas de fósforos, guardanapos
 7662 Prelista - incl. auxiliar, couche e celofane
 7662 Seguidor off-set, serigrafista, tirador de provas
 7663 Acabador (na indústria gráfica)
 7663 Acabador de: embalagens flexíveis, serviços gráficos
 7663 Ajudante de: acabamento, cortadeira, encadernação, envernizamento (na indústria gráfica)
 7663 Ajudante de: esmaltadeira, grampeação, plastificador, prensista, secador (na indústria gráfica)
 7663 Alceador, dourador (na indústria gráfica) - incl. ajudante
 7663 Auxiliar de: acabamento gráfico, encadernação, prensista (na indústria gráfica)
 7663 Batedor, blocador, bloquista, brochador, brochureiro, brochurista (na indústria gráfica)
 7663 Brochador, brocheiro (encadernador)
 7663 Carteirista, cartonador, cartonageiro, cartoneiro, cartuchoiro, coladeira (na indústria gráfica)
 7663 Colador de formulários contínuos, colocador de capas em impressos
 7663 Cortador de: bobina de papel, guilhotina, papel
 7663 Cortador de papel com máquina eletrônica (na industria grafica)
 7663 Costurador, costureiro de livros
 7663 Dobrador gráfico, emblocador, encapador gráfico, envernizador e esmaltador de litografia
 7663 Encadernador: à mão, à máquina, manual
 7663 Enramador, impressor, operador, margeador, montador de corte e vinco
 7663 Extrusor, faquista, grampeador, grampeiro, grampador, guilhotinador (na industria grafica)
 7663 Guilhotineiro, guilhotinista, impositor, laminador (na indústria gráfica)
 7663 Gravador de: encadernação, lombadas de livros
 7663 Impressor operador de cortadeira, oficial de acabamento gráfico
 7663 Maquinista de: envernizadeira, guilhotina
 7663 Operador de: acabamento, corta-riscadeira, dobradeira, extrusora (na indústria gráfica)
 7663 Operador de: grampeadeira, guilhotina, máquina de encadernação
 7663 Operador de máquina de: aplicação de parafina, cartucho, colagem
 7663 Operador de máquina de costura, refilador de couro (em encadernação)
 7663 Operador de motor de navalha de corte de papel (na industria grafica)
 7663 Operador de navalhadeira (na industria grafica)

- 7663 Plastificador, preparador de facas, refilador, subencarregado de blocagem, talonador, taloneiro
- 7663 Técnico de acabamento de embalagens flexíveis e cartotécnicas (na indústria gráfica)
- 7664 Ajudante, auxiliar de fotógrafo
- 7664 Ampliador: colorido, de fotografias
- 7664 Auxiliar de fotocópia (em laboratório fotográfico)
- 7664 Auxiliar, Inspetor, operador, técnico de microfilmagem
- 7664 Copiador de: filmes cinematográficos, fotografias
- 7664 Cortador de ampliações, encarregado de seção de fotos, fotocopista, fotominiaturista
- 7664 Fotógrafo laboratorista, microfilmador, microfotografista, retoquista, revelador
- 7664 Fotógrafo revelador em: cores, preto-e-branco (fotocopista)
- 7664 Manipulador de chapas radiográficas, processador de filmes, secador de fotografia
- 7664 Operador de: copiadora fotográfica equipamento de microfilmagem
- 7664 Operador de máquina de: lavar cópias, microfilmagem, revestir, cortar chapas fotográficas
- 7664 Revelador de: ampliações, máquinas ampliadoras
- 7664 Revelador de filmes: cinematográficos fotográficos em cores, preto e branco
- 7664 Revisor de: ampliação. Cinema, filmes
- 7681 Acabador, confeccionador, conformador, decorador, moldador de chapéus de palha
- 7681 Chapeleiro, trançador (na fabricação de chapéus de palha)
- 7681 Crocheteiro, tapeceiro, redeiro à mão artesanal
- 7681 Mamucabeira, varandeira
- 7681 Montador de: punho de rede, tapetes a mão
- 7681 Operador, tecelão de tear manual
- 7681 Passamaneiro, tricotador, tricoteiro à mão
- 7681 Tecedor, tecedora, tecedeira artesanal de redes - incl. de punho, mamucaba, varanda
- 7681 Tecedor, tecelão de tapetes artesanal
- 7681 Tecelão de: alfombras, malhas, tapetes à mão, tapeçaria em tear manual
- 7681 Trabalhador de tapetes de nós à mão
- 7682 Bordadeira, bordador, caseadeira, caseador, rebordadeira, recamador à mão, artesanal
- 7682 Remendeira artesanal
- 7683 Ajudante, auxiliar de: correeiro, sapateiro, seleiro
- 7683 Albardeiro, alparcateiro, alpargateiro, alparqueiro, alpercateiro, arcoeiro
- 7683 Arreeiro, arrieiro, arriadeiro, bainheiro, cabresteador (na fabricação de arreios, em selaria)
- 7683 Artífice, trabalhador na confecção de peças de couro
- 7683 Boleiro, trabalhador, encarregado de seção (na fabricação de bolas de couro)
- 7683 Bolseiro (na fabricação de bolsas de couro)
- 7683 Cabresteiro, cangacheiro, cangalheiro, freeiro (na fabricação de arreios, em selaria)
- 7683 Chineleiro, cinteiro (na fabricação)
- 7683 Colador, traçador, trançador de couro
- 7683 Confeccionador de calçados de: couro sob medida, palha, ráfia, tecido
- 7683 Correeiro, correiro, corrieiro, lombilheiro, seleiro - incl. empregador e conta própria
- 7683 Cortador de calçados, à mão (exceto solas)
- 7683 Cosedor, costurador de artefatos de couro à mão - excl. calçados e vestuário
- 7683 Dono, empresário, proprietário, sócio (na reparação de calçados) - conta própria

- 7683 Maleiro, Maleteiro (na fabricação de malas, maletas de couro)
- 7683 Pespontador de: bolsas e cintos, couro à mão - excl. roupas e calçados
- 7683 Remendão, sapateiro de consertos
- 7683 Sapateiro - conta própria
- 7683 Sapateiro artesanal sob medida (na confecção de calçados) - incl. sapatos de balé
- 7683 Sapateiro: montador, ortopédico
- 7683 Seleiro de equipamentos para equitação
- 7683 Talabarteiro (na fabricação de selas) - incl. conta própria e empregador
- 7683 Trabalhador (na: confecção de chicotes de couro, fabricação de arreios)
- 7683 Trabalhador de polainas de couro
- 7686 Ajudante de: linotipo, ludlow, tipografia
- 7686 Artífice gráfico, chapista, gravador letrista, caixista, tipógrafo formista (na indústria gráfica)
- 7686 Compositor: a mão, em sistema braille, manual
- 7686 Gráfico, tipógrafo
- 7686 Letrista (pintor de letreiros) - incl. auxiliar
- 7686 Linotipista, ludlowista, mecanotipista
- 7686 Monotipista: fundidor, tecladista de monotipo - incl. ajudante
- 7686 Operador de: linotipo, Ludlow, teclado de monotipo
- 7686 Pintor de: cartazes, dísticos, letreiro, painéis, propaganda - incl. auxiliar
- 7686 Titulador, tituleiro, titologista
- 7687 Filetador, restaurador de livros e documentos

Trabalhadores de reparação e manutenção mecânica

- 9152 Encordoador, reparador de instrumentos musicais (na reparação)
- 9154 Reparador de equipamentos fotográficos
- 9193 Mecânico de manutenção, montador de bicicletas (na reparação)
- 9193 Mecânico, reparador de: aparelhos esportivos, equipamentos de ginástica, bicicletas

Outros trabalhadores da conservação, manutenção e reparação

- 9912 Mantenedor de equipamentos de parques de diversões e similares

ANEXO IV

PLANO DE AMOSTRAGEM

PLANO DE AMOSTRAGEM

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, é realizada por meio de uma amostra probabilística de domicílios obtida em três estágios de seleção: unidades primárias - municípios; unidades secundárias - setores censitários; e unidades terciárias - unidades domiciliares (domicílios particulares e unidades de habitação em domicílios coletivos).

Na seleção das unidades primárias e secundárias (municípios e setores censitários) da PNAD da primeira década deste século, foram adotadas a divisão territorial e a malha setorial vigentes em 1º de agosto de 2000 e utilizadas para a realização do Censo Demográfico 2000.

PROCESSO DE SELEÇÃO DA AMOSTRA

No primeiro estágio, as unidades (municípios) foram classificadas em duas categorias: auto-representativas (probabilidade 1 de pertencer à amostra) e não auto-representativas. Os municípios pertencentes à segunda categoria passaram por um processo de estratificação e, em cada estrato, foram selecionados com reposição e com probabilidade proporcional à população residente obtida no Censo Demográfico 2000.

No segundo estágio, as unidades (setores censitários) foram selecionadas, em cada município da amostra, também com probabilidade proporcional e com reposição, sendo utilizado o número de unidades domiciliares existentes por ocasião do Censo Demográfico 2000 como medida de tamanho.

No último estágio foram selecionados, com equi-probabilidade, em cada setor censitário da amostra, os domicílios particulares e as unidades de habitação

em domicílios coletivos para investigação das características dos moradores e da habitação.

CADASTRO DE UNIDADES DOMICILIARES

Anualmente, com a finalidade de manter atualizado o cadastro básico de unidades domiciliares e, desta forma, preservar as frações de amostragem prefixadas, realiza-se, em todos os setores da amostra, a operação de listagem, que consiste em relacionar, ordenadamente, todas as unidades residenciais e não-residenciais existentes na área.

Além desta atualização, com a finalidade de acompanhar o crescimento dos municípios pertencentes à amostra, criou-se um cadastro complementar constituído pelas unidades domiciliares existentes em conjuntos residenciais, edifícios e favelas com 30 ou mais unidades residenciais, que tenham surgido, nestes municípios, após a realização do Censo Demográfico 2000.

As frações de amostragem e o número de municípios selecionados, de setores censitários selecionados, de unidades domiciliares investigadas e de pessoas entrevistadas nas diversas áreas são apresentados no Anexo V da dissertação.

PROCESSO DE EXPANSÃO DA AMOSTRA

A expansão da amostra utiliza estimadores de razão cuja variável independente é a projeção da população residente de cada Unidade da Federação, segundo o tipo de área (região metropolitana e não-metropolitana de divulgação da pesquisa). Estas projeções consideram a evolução populacional ocorrida entre os Censos Demográficos 1991 a 2000, sob hipóteses de crescimento associadas a taxas de fecundidade, mortalidade e migração.

Cabe ressaltar que o desenho amostral da pesquisa visou a possibilitar a expansão dos seus resultados para Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação e nove Regiões Metropolitanas (Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre). Portanto, não está garantida a representatividade da amostra para níveis geográficos menores (município, distrito e setor) e demais regiões metropolitanas, sendo que o estudo da viabilidade de obtenção de estimativas para alguns deles requer o uso de técnicas especiais e informações que não estão disponíveis nos micro-dados da PNAD. Considerando, ainda, a necessidade de preservar o sigilo das informações individuais, os registros foram tratados de forma a impedir a identificação das áreas correspondentes aos dados obtidos para níveis geográficos menores que Unidade da Federação e regiões metropolitanas que não sejam as nove para as quais foi garantida a representatividade da amostra.

PRECISÃO DAS ESTIMATIVAS

Com o objetivo de fornecer mais subsídios para a interpretação dos resultados da PNAD, são apresentadas, a seguir, algumas considerações que possibilitam avaliar o grau de confiabilidade das estimativas constantes neste volume.

Em pesquisas de múltiplos propósitos e de grande abrangência em termos de extensão territorial, como é o caso da PNAD, torna-se praticamente impossível isolar os erros provenientes das diversas fontes que influem nos resultados finais. Tais erros podem advir de flutuações aleatórias (erros de amostragem) ou ter origem não probabilística (erros alheios à amostragem), sendo que, estes últimos, podem ser introduzidos em qualquer uma das fases de realização da pesquisa.

Os erros alheios à amostragem não são influenciados pelo desenho da amostra e a sua mensuração, quando possível, exige análises mais complexas e de

custo elevado, com maior demora na obtenção de resultados do que para os erros de amostragem.

Tendo em vista o processo de expansão adotado para a PNAD, cumpre destacar que o grau de precisão está fortemente ligado ao das hipóteses feitas para as taxas de fecundidade, mortalidade e migração. O cálculo do erro de amostragem deveria, portanto, levar em conta duas fontes de variação:

1^a - O erro de amostragem proveniente da seleção das unidades domiciliares para a amostra; e

2^a - O erro proveniente do modelo matemático empregado para projetar a população.

Os resultados apresentados referem-se, apenas, aos erros de amostragem.

FUNÇÃO AJUSTANTE DOS ERROS AMOSTRAIS

A dificuldade que adviria do cálculo dos erros de amostragem, expressos pelos coeficientes de variação, para todas as variáveis (células) constantes do plano tabular, considerando todos os níveis de divulgação (Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação e nove regiões metropolitanas) mostrou a necessidade de adoção de uma forma alternativa de apresentação destes coeficientes.

Assim sendo, a fim de fornecer uma aproximação para os coeficientes de variação associados às estimativas, com o objetivo de quantificar o erro amostral em função da dimensão da estimativa, optou-se por ajustar modelos de regressão para cada um dos seguintes grupos de variáveis:

Para pessoas:

Total

Situação urbana

Situação rural

Para famílias e domicílios:

Total

Situação urbana

Situação rural

A partir da análise dos ajustamentos realizados, optou-se pelo uso do modelo de regressão da forma $Y = Ax^B$, onde x é o valor da estimativa e Y é o respectivo coeficiente de variação.

Cabe ressaltar que o ajustamento só pode ser utilizado para as variáveis qualitativas da pesquisa, isto é, não se deve usar a função ajustante quando se tratar de variáveis quantitativas, como é o caso, por exemplo, de estimativas de rendimento médio.

COEFICIENTES DE REGRESSÃO E COEFICIENTES DE VARIAÇÃO AJUSTADOS

São apresentados os coeficientes das regressões, **A** e **B**, encontrados para cada grupo de variáveis, bem como os coeficientes de variação, calculados pela aplicação dos parâmetros pertinentes a determinados tamanhos de estimativas.

Para avaliar aproximadamente o coeficiente de variação associado a uma estimativa x , de uma determinada característica de pessoas, famílias ou domicílios, deve-se aplicar à expressão Ax^B os parâmetros **A** e **B** convenientes.

Para a obtenção de estimativas dos erros amostrais associados às características de moradores em domicílios particulares devem-se utilizar os parâmetros especificados no modelo de regressão referentes às características de pessoas, uma vez que estas variáveis refletem a dimensão da amostra de pessoas.

ANEXO V

FRAÇÃO DE AMOSTRAGEM E COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO E REGIÕES METROPOLITANAS – 2002 A 2007

**Fração de amostragem e composição da amostra,
segundo as Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas - 2002**

Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Fração de amostragem	Composição da amostra			
		Municípios	Setores	Unidades domiciliares	Pessoas
Brasil		851	7 273	129 705	385 431
Rondônia	1/200	11	80	1 416	4 397
Acre	1/150	5	46	754	2 774
Amazonas	1/250	7	125	2 183	7 800
Roraima	1/150	3	30	506	1 516
Pará	1/350	22	286	5 162	18 578
Região Metropolitana de Belém	1/150	5	199	3 361	11 841
Amapá	1/200	4	33	528	2 472
Tocantins	1/200	13	77	1 740	5 442
Maranhão	1/750	18	105	1 996	7 266
Piauí	1/500	19	114	1 636	5 692
Ceará	1/500	39	402	7 440	24 275
Região Metropolitana de Fortaleza	1/200	13	270	4 625	14 775
Rio Grande do Norte	1/450	15	99	1 918	5 981
Paraíba	1/450	16	108	2 363	7 956
Pernambuco	1/500	44	472	7 977	25 134
Região Metropolitana de Recife	1/200	14	314	5 138	16 146
Alagoas	1/450	12	91	1 828	6 334
Sergipe	1/300	11	83	1 873	5 906
Bahia	1/450	66	614	11 944	36 886
Região Metropolitana de Salvador	1/200	10	303	5 173	15 432
Minas Gerais	1/550	123	779	12 774	36 947
Região Metropolitana de Belo Horizonte	1/350	26	248	4 283	12 485
Espírito Santo	1/450	19	137	2 544	6 972
Rio de Janeiro	1/400	43	619	10 745	26 175
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1/550	19	438	7 144	17 924
São Paulo	1/800	110	927	16 319	45 854
Região Metropolitana de São Paulo	1/800	35	463	7 651	22 186
Paraná	1/550	69	436	6 776	19 565
Região Metropolitana de Curitiba	1/350	20	161	2 710	8 001
Santa Catarina	1/550	28	169	3 507	9 801
Rio Grande do Sul	1/550	75	648	11 282	30 199
Região Metropolitana de Porto Alegre	1/200	29	397	6 772	18 735
Mato Grosso do Sul	1/300	16	128	2 328	6 960
Mato Grosso	1/300	21	147	2 746	8 029
Goiás	1/300	41	321	5 995	15 898
Distrito Federal	1/200	1	197	3 425	10 622

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Nota: A composição da amostra da Unidade da Federação inclui a Região Metropolitana

**Fração de amostragem e composição da amostra,
segundo as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2003**

Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Fração de amostragem	Composição da amostra			
		Municípios	Setores	Unidades domiciliares	Pessoas
Brasil.....		851	7 273	133 255	384 834
Rondônia.....	1/200	11	80	1451	4 506
Acre.....	1/150	5	46	815	2 775
Amazonas.....	1/250	7	125	2265	7 852
Roraima.....	1/150	3	30	555	1 828
Pará.....	1/350	22	286	5376	18 251
Região Metropolitana de Belém.....	1/150	5	199	3503	11 610
Amapá.....	1/200	4	33	558	2 350
Tocantins.....	1/200	13	77	1828	5 674
Maranhão.....	1/750	18	105	2021	7 370
Piauí.....	1/500	19	114	1688	5 754
Ceará.....	1/500	39	402	7694	24 051
Região Metropolitana de Fortaleza.....	1/200	13	270	4792	14 731
Rio Grande do Norte.....	1/450	15	99	1996	6 168
Paraíba.....	1/450	16	108	2399	7 329
Pernambuco.....	1/500	44	472	8342	26 263
Região Metropolitana de Recife.....	1/200	14	314	5386	16 709
Alagoas.....	1/450	12	91	1846	6 388
Sergipe.....	1/300	11	83	1927	5 843
Bahia.....	1/450	66	614	12396	36 735
Região Metropolitana de Salvador.....	1/200	10	303	5473	15 497
Minas Gerais.....	1/550	123	779	12973	36 574
Região Metropolitana de Belo Horizonte.....	1/350	26	248	4294	12 124
Espírito Santo.....	1/450	19	137	2630	6 952
Rio de Janeiro.....	1/400	43	619	10935	24 852
Região Metropolitana do Rio de Janeiro.....	1/550	19	438	7234	16 741
São Paulo.....	1/800	110	927	16571	45 598
Região Metropolitana de São Paulo.....	1/800	35	463	7721	21 974
Paraná.....	1/550	69	436	6890	19 451
Região Metropolitana de Curitiba.....	1/350	20	161	2743	7 822
Santa Catarina.....	1/550	28	169	3598	9 966
Rio Grande do Sul.....	1/550	75	648	11615	30 426
Região Metropolitana de Porto Alegre.....	1/200	29	397	7002	18 928
Mato Grosso do Sul.....	1/300	16	128	2420	6 792
Mato Grosso.....	1/300	21	147	2822	8 530
Goiás.....	1/300	41	321	6135	16 012
Distrito Federal.....	1/200	1	197	3509	10 544

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Nota: A composição da amostra da Unidade da Federação inclui a Região Metropolitana

**Fração de amostragem e composição da amostra,
segundo as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2004**

Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Fração de amostragem	Composição da amostra			
		Municípios	Setores	Unidades domiciliares	Pessoas
Brasil		851	7816	139 157	399 354
Rondônia		11	113	2206	6245
Urbana	1/200		80	1503	4 273
Rural	1/150		33	703	1 972
Acre		5	62	1239	4283
Urbana	1/150		46	824	2 793
Rural	1/80		16	415	1 490
Amazonas		7	145	2752	9693
Urbana	1/250		125	2296	7 996
Rural	1/200		20	456	1 697
Roraima		3	38	648	2123
Urbana	1/150		30	564	1 903
Rural	1/50		6	84	220
Pará		22	343	6624	22 067
Urbana	1/350		87	1947	6 871
Rural	1/250		49	998	3 689
Região Metropolitana de Belém	1/150	5	207	3679	11 507
Amapá		4	43	744	3401
Urbana	1/200		33	570	2 547
Rural	1/80		10	174	854
Tocantins	1/200	13	77	1887	5 880
Maranhão	1/750	18	105	2061	7574
Piauí	1/500	19	114	1738	5709
Ceará	1/500	39	402	7895	24 499
Região Metropolitana de Fortaleza	1/200	13	270	4905	15 174
Rio Grande do Norte	1/450	15	99	2054	6344
Paraíba	1/450	16	108	2457	7905
Pernambuco	1/500	44	472	8542	26 077
Região Metropolitana de Recife	1/200	14	314	5509	16 725
Alagoas	1/450	12	91	1885	6575
Sergipe	1/300	11	83	1959	5800
Bahia	1/450	66	614	12702	36 387
Região Metropolitana de Salvador	1/200	10	303	5618	15 355
Minas Gerais	1/550	123	779	13257	36 838
Região Metropolitana de Belo Horizonte	1/350	26	248	4388	12 224
Espírito Santo	1/450	19	137	2701	7156
Rio de Janeiro	1/400	43	619	11117	26 019
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1/550	19	438	7313	17 608
São Paulo	1/800	110	927	16885	45 519
Região Metropolitana de São Paulo	1/800	35	463	7824	21 300
Paraná	1/550	69	436	7021	19 839
Região Metropolitana de Curitiba	1/350	20	161	2802	7 997
Santa Catarina	1/550	28	169	3700	9999
Rio Grande do Sul	1/550	75	648	11752	30 626
Região Metropolitana de Porto Alegre	1/200	29	397	7074	19 006
Mato Grosso do Sul	1/300	16	128	2520	7 252
Mato Grosso	1/300	21	147	2916	8 362
Goiás	1/300	41	321	6285	16 031
Distrito Federal	1/200	1	197	3610	11 151

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
Nota: A composição da amostra da Unidade da Federação inclui a Região Metropolitana e as áreas urbanas e rurais.

**Fração de amostragem e composição da amostra,
segundo as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2006**

Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Fração de amostragem	Composição da amostra			
		Municípios	Setores	Unidades domiciliares	Pessoas
Brasil		851	7818	145 547	410 241
Rondônia		11	113	2178	6352
Urbana	1/200		80	1519	4 540
Rural	1/150		33	659	1 812
Acre		5	62	1335	4785
Urbana	1/150		46	857	2 940
Rural	1/80		16	478	1 845
Amazonas		7	145	2900	9662
Urbana	1/250		125	2454	8 181
Rural	1/200		20	446	1 481
Roraima		3	38	712	2387
Urbana	1/150		30	608	2 110
Rural	1/50		8	104	277
Pará		22	343	7051	23 498
Urbana	1/350		87	5771	19 184
Rural	1/250		49	1280	4 314
Região Metropolitana de Belém	1/150	5	207	3799	12 299
Amapá		4	43	897	3638
Urbana	1/200		33	655	2 686
Rural	1/80		10	242	952
Tocantins	1/200	13	77	1975	5 922
Maranhão	1/750	18	105	2200	7485
Piauí	1/500	19	114	1865	5900
Ceará	1/500	39	402	8402	25 357
Região Metropolitana de Fortaleza	1/200	13	270	5272	15 665
Rio Grande do Norte	1/450	15	99	2170	6492
Paraíba	1/450	16	108	2546	7881
Pernambuco	1/500	44	472	9007	26 398
Região Metropolitana de Recife	1/200	14	314	5815	16 961
Alagoas	1/450	12	91	1964	6393
Sergipe	1/300	11	83	2038	5789
Bahia	1/450	66	614	13304	37 825
Região Metropolitana de Salvador	1/200	10	303	5861	15 717
Minas Gerais	1/550	123	779	13747	37 666
Região Metropolitana de Belo Horizonte	1/350	26	248	4538	12 650
Espírito Santo	1/450	19	137	2853	7479
Rio de Janeiro	1/400	43	619	11516	27 067
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1/550	19	438	7522	18 409
São Paulo	1/800	110	927	17367	46 385
Região Metropolitana de São Paulo	1/800	35	463	8031	21 967
Paraná	1/550	69	436	7231	20 142
Região Metropolitana de Curitiba	1/350	20	161	2867	8 088
Santa Catarina	1/550	28	169	3915	10318
Rio Grande do Sul	1/550	75	648	12044	30 654
Região Metropolitana de Porto Alegre	1/200	29	397	7221	18 814
Mato Grosso do Sul	1/300	16	128	2705	7 537
Mato Grosso	1/300	21	147	3151	8 894
Goiás	1/300	41	321	6639	16 577
Distrito Federal	1/200	1	197	3835	11 758

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

Nota: A composição da amostra da Unidade da Federação inclui a Região Metropolitana e as áreas urbanas e rurais.

**Fração de amostragem e composição da amostra,
segundo as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2007**

Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Fração de amostragem	Composição da amostra			
		Municípios	Setores	Unidades domiciliares	Pessoas
Brasil		851	7 818	147 851	399 964
Rondônia		11	113	2 254	6 472
Urbana	1/200		80	1 562	4 612
Rural	1/150		33	692	1 860
Acre		5	62	1 365	4 478
Urbana	1/150		46	874	2 864
Rural	1/80		16	491	1 614
Amazonas		7	145	2 952	10 435
Urbana	1/250		125	2 502	8 801
Rural	1/200		20	450	1 634
Roraima		3	38	775	2 251
Urbana	1/150		30	643	2 006
Rural	1/50		8	132	245
Pará		22	343	7 176	22 100
Urbana	1/350		87	5 874	17 932
Rural	1/250		49	1 302	4 168
Região Metropolitana de Belém	1/150	5	207	3 866	11 203
Amapá		4	43	902	3 280
Urbana	1/200		33	661	2 430
Rural	1/80		10	241	850
Tocantins	1/200	13	77	2 026	5 832
Maranhão	1/750	18	105	2 243	7 211
Piauí	1/500	19	114	1 944	5 891
Ceará	1/500	39	402	8 571	25 066
Região Metropolitana de Fortaleza	1/200	13	270	5 356	15 553
Rio Grande do Norte	1/450	15	99	2 228	6 749
Paraíba	1/450	16	108	2 591	7 842
Pernambuco	1/500	44	472	9 130	25 969
Região Metropolitana de Recife	1/200	14	314	5 893	16 470
Alagoas	1/450	12	91	1 988	5 979
Sergipe	1/300	11	83	2 091	6 218
Bahia	1/450	66	614	13 510	36 740
Região Metropolitana de Salvador	1/200	10	303	5 941	15 812
Minas Gerais	1/550	123	779	13 837	36 320
Região Metropolitana de Belo Horizonte	1/350	26	248	4 594	12 355
Espírito Santo	1/450	19	137	2 887	7 176
Rio de Janeiro	1/400	43	619	11 755	27 279
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1/550	19	438	7 675	18 425
São Paulo	1/800	110	927	17 570	44 870
Região Metropolitana de São Paulo	1/800	35	463	8 094	21 068
Paraná	1/550	69	436	7 384	19 677
Região Metropolitana de Curitiba	1/350	20	161	2 946	7 981
Santa Catarina	1/550	28	169	3 989	9 941
Rio Grande do Sul	1/550	75	648	12 043	28 858
Região Metropolitana de Porto Alegre	1/200	29	397	7 285	17 838
Mato Grosso do Sul	1/300	16	128	2 806	7 431
Mato Grosso	1/300	21	147	3 209	8 039
Goiás	1/300	41	321	6 721	16 630
Distrito Federal	1/200	1	197	3 904	11 230

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.

Nota: A composição da amostra da Unidade da Federação inclui a Região Metropolitana e as áreas urbanas e rurais.

ANEXO VI

COEFICIENTES DE REGRESSÃO E DE
VARIÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E
SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO, SEGUNDO O
TAMANHO DA ESTIMATIVA PARA A REGIÃO
METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO, ESTADO
DO RIO DE JANEIRO E BRASIL – 2002 A 2007

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - 2002
 REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA

TIPO DE ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS.....	2 404,0242	-0,4893
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS.....	2 056,0184	-0,4730

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA, SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)	
	PESSOAS	FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS
1 000.....	81,9	78,4
2 000.....	58,3	56,5
3 000.....	47,8	46,6
4 000.....	41,5	40,7
5 000.....	37,2	36,6
10 000.....	26,5	26,4
20 000.....	18,9	19,0
30 000.....	15,5	15,7
40 000.....	13,5	13,7
50 000.....	12,1	12,3
100 000.....	8,6	8,9
200 000.....	6,1	6,4
300 000.....	5,0	5,3
400 000.....	4,4	4,6
500 000.....	3,9	4,1
1 000 000.....	2,8	3,0
2 000 000.....	2,0	2,2
3 000 000.....	1,6	1,8
4 000 000.....	1,4	1,6
5 000 000.....	1,3	(1)
10 000 000.....	0,9	(1)

(1) NÃO EXISTE ESTIMATIVA COM DIMENSÃO MAIOR QUE A ANTERIOR

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - 2002

RIO DE JANEIRO

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO

TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS		
TOTAL.....	2 212,8566	-0,4845
URBANA.....	2 766,8247	-0,5058
RURAL.....	379,4915	-0,2764
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
TOTAL.....	1 799,6226	-0,4645
URBANA.....	1 735,1394	-0,4616
RURAL.....	677,3202	-0,3285

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO,
SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)							
	PESSOAS				FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS			
	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL		
1 000.....	77,9	84,0	56,2	72,7	71,5	70,0		
2 000.....	55,7	59,2	46,4	52,7	52,0	55,8		
3 000.....	45,7	48,2	41,5	43,6	43,1	48,8		
4 000.....	39,8	41,7	38,3	38,2	37,7	44,4		
5 000.....	35,7	37,2	36,0	34,4	34,0	41,3		
10 000.....	25,5	26,2	29,7	24,9	24,7	32,9		
20 000.....	18,2	18,5	24,6	18,1	17,9	26,2		
30 000.....	15,0	15,0	22,0	15,0	14,9	22,9		
40 000.....	13,0	13,0	20,3	13,1	13,0	20,8		
50 000.....	11,7	11,6	19,1	11,8	11,8	19,4		
100 000.....	8,4	8,2	15,7	8,6	8,5	15,4		
200 000.....	6,0	5,8	13,0	6,2	6,2	12,3		
300 000.....	4,9	4,7	11,6	5,1	5,1	10,8		
400 000.....	4,3	4,1	10,7	4,5	4,5	(1)		
500 000.....	3,8	3,6	10,1	4,1	4,1	(1)		
1 000 000.....	2,7	2,6	8,3	2,9	2,9	(1)		
2 000 000.....	2,0	1,8	6,9	2,1	2,1	(1)		
3 000 000.....	1,6	1,5	(1)	1,8	1,8	(1)		
4 000 000.....	1,4	1,3	(1)	1,5	1,6	(1)		
5 000 000.....	1,3	1,1	(1)	(1)	(1)	(1)		
10 000 000.....	0,9	0,8	(1)	(1)	(1)	(1)		
20 000 000.....	0,6	0,6	(1)	(1)	(1)	(1)		

(1) NÃO EXISTE ESTIMATIVA COM DIMENSÃO MAIOR QUE A ANTERIOR

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - 2002

BRASIL

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO

TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS		
TOTAL.....	1 730,4509	-0,4622
URBANA.....	1 078,2150	-0,4299
RURAL.....	447,0063	-0,3319
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
TOTAL.....	1 331,0483	-0,4423
URBANA.....	1 012,8285	-0,4186
RURAL.....	544,0769	-0,3405

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO,
SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)							
	PESSOAS				FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS			
	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL		
1 000.....	71,0	55,4	45,2	62,7	56,2	51,8		
2 000.....	51,6	41,1	35,9	46,2	42,0	40,9		
3 000.....	42,8	34,5	31,4	38,6	35,5	35,6		
4 000.....	37,4	30,5	28,5	34,0	31,5	32,3		
5 000.....	33,8	27,7	26,5	30,8	28,6	29,9		
10 000.....	24,5	20,6	21,0	22,7	21,4	23,6		
20 000.....	17,8	15,3	16,7	16,7	16,0	18,7		
30 000.....	14,8	12,8	14,6	13,9	13,5	16,3		
40 000.....	12,9	11,3	13,3	12,3	12,0	14,7		
50 000.....	11,6	10,3	12,3	11,1	10,9	13,7		
100 000.....	8,5	7,6	9,8	8,2	8,2	10,8		
200 000.....	6,1	5,7	7,8	6,0	6,1	8,5		
300 000.....	5,1	4,8	6,8	5,0	5,2	7,4		
400 000.....	4,5	4,2	6,2	4,4	4,6	6,7		
500 000.....	4,0	3,8	5,7	4,0	4,2	6,2		
1 000 000.....	2,9	2,8	4,6	3,0	3,1	4,9		
2 000 000.....	2,1	2,1	3,6	2,2	2,3	3,9		
3 000 000.....	1,8	1,8	3,2	1,8	2,0	3,4		
4 000 000.....	1,5	1,6	2,9	1,6	1,7	3,1		
5 000 000.....	1,4	1,4	2,7	1,5	1,6	2,8		
10 000 000.....	1,0	1,1	2,1	1,1	1,2	2,3		
20 000 000.....	0,7	0,8	1,7	0,8	0,9	(1)		
30 000 000.....	0,6	0,7	1,5	0,7	0,8	(1)		
40 000 000.....	0,5	0,6	1,3	0,6	0,7	(1)		
50 000 000.....	0,5	0,5	(1)	0,5	(1)	(1)		
100 000 000.....	0,3	0,4	(1)	(1)	(1)	(1)		
200 000 000.....	0,3	0,3	(1)	(1)	(1)	(1)		

(1) NÃO EXISTE ESTIMATIVA COM DIMENSÃO MAIOR QUE A ANTERIOR

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - 2003

REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA

TIPO DE ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS	2 779,9434	-0,4991
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS.....	2 101,2747	-0,4702

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA, SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)	
	PESSOAS	FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS
1 000.....	88,4	81,6
2 000.....	62,6	58,9
3 000.....	51,1	48,7
4 000.....	44,3	42,5
5 000.....	39,6	38,3
10 000.....	28,0	27,7
20 000.....	19,8	20,0
30 000.....	16,2	16,5
40 000.....	14,0	14,4
50 000.....	12,6	13,0
100 000.....	8,9	9,4
200 000.....	6,3	6,8
300 000.....	5,1	5,6
400 000.....	4,4	4,9
500 000.....	4,0	4,4
1 000 000.....	2,8	3,2
2 000 000.....	2,0	2,3
3 000 000.....	1,6	1,9
4 000 000.....	1,4	1,7
5 000 000.....	1,3	(1)
10 000 000.....	0,9	(1)

(1) NÃO EXISTE ESTIMATIVA COM DIMENSÃO MAIOR QUE A ANTERIOR

RIO DE JANEIRO

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO

TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS		
TOTAL.....	2 391,3058	-0,4895
URBANA.....	2 668,6311	-0,5004
RURAL.....	405,8093	-0,2840
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
TOTAL.....	1 711,6125	-0,4562
URBANA.....	1 694,0325	-0,4555
RURAL.....	535,1579	-0,3036

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO,

SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)					
	PESSOAS			FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL
1 000.....	81,3	84,2	57,1	73,3	72,8	65,7
2 000.....	57,9	59,5	46,9	53,4	53,1	53,2
3 000.....	47,5	48,6	41,8	44,4	44,2	47,1
4 000.....	41,3	42,1	38,5	38,9	38,7	43,1
5 000.....	37,0	37,6	36,1	35,2	35,0	40,3
10 000.....	26,4	26,6	29,7	25,6	25,5	32,7
20 000.....	18,8	18,8	24,4	18,7	18,6	26,5
30 000.....	15,4	15,4	21,7	15,5	15,5	23,4
40 000.....	13,4	13,3	20,0	13,6	13,6	21,4
50 000.....	12,0	11,9	18,8	12,3	12,3	20,0
100 000.....	8,5	8,4	15,4	9,0	8,9	16,2
200 000.....	6,1	5,9	12,7	6,5	6,5	13,2
300 000.....	5,0	4,9	11,3	5,4	5,4	11,6
400 000.....	4,3	4,2	10,4	4,8	4,8	(1)
500 000.....	3,9	3,8	9,8	4,3	4,3	(1)
1 000 000.....	2,8	2,7	8,0	3,1	3,1	(1)
2 000 000.....	2,0	1,9	6,6	2,3	2,3	(1)

BRASIL

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO

TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS		
TOTAL.....	1 716,4547	-0,4621
URBANA.....	1 087,2862	-0,4293
RURAL.....	381,2984	-0,3205
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
TOTAL.....	1 341,4895	-0,4430
URBANA.....	1 022,7201	-0,4191
RURAL.....	521,2003	-0,3394

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO,
SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)							
	PESSOAS				FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS			
	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL		
1 000.....	70,5	56,0	41,7	62,9	56,6	50,0		
2 000.....	51,2	41,6	33,4	46,3	42,3	39,5		
3 000.....	42,4	35,0	29,3	38,7	35,7	34,4		
4 000.....	37,2	30,9	26,7	34,0	31,6	31,2		
5 000.....	33,5	28,1	24,9	30,8	28,8	29,0		
10 000.....	24,3	20,9	19,9	22,7	21,5	22,9		
20 000.....	17,7	15,5	16,0	16,7	16,1	18,1		
30 000.....	14,6	13,0	14,0	13,9	13,6	15,8		
40 000.....	12,8	11,5	12,8	12,3	12,1	14,3		
50 000.....	11,6	10,4	11,9	11,1	11,0	13,3		
100 000.....	8,4	7,8	9,5	8,2	8,2	10,5		
200 000.....	6,1	5,8	7,6	6,0	6,1	8,3		
300 000.....	5,1	4,8	6,7	5,0	5,2	7,2		
400 000.....	4,4	4,3	6,1	4,4	4,6	6,5		
500 000.....	4,0	3,9	5,7	4,0	4,2	6,1		
1 000 000.....	2,9	2,9	4,6	2,9	3,1	4,8		
2 000 000.....	2,1	2,1	3,6	2,2	2,3	3,8		

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICILIOS - 2004

REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSAO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA

TIPO DE ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE REGRESSAO	
	A	B
PESSOAS.....	2 627,6242	-0,4964
FAMILIAS E DOMICILIOS.....	2 657,5220	-0,4922

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIACAO, POR TIPO DE ESTIMATIVA, SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIACAO (%)	
	PESSOAS	FAMILIAS E DOMICILIOS
1 000.....	85,2	88,7
2 000.....	60,4	63,1
3 000.....	49,4	51,7
4 000.....	42,8	44,8
5 000.....	38,3	40,2
10 000.....	27,2	28,6
20 000.....	19,2	20,3
30 000.....	15,7	16,6
40 000.....	13,6	14,4
50 000.....	12,2	12,9
100 000.....	8,7	9,2
200 000.....	6,1	6,5
300 000.....	5,0	5,4
400 000.....	4,4	4,6
500 000.....	3,9	4,2
1 000 000.....	2,8	3,0
2 000 000.....	2,0	2,1
3 000 000.....	1,6	1,7
4 000 000.....	1,4	1,5
5 000 000.....	1,2	(1)
10 000 000.....	0,9	(1)

(1) NAO EXISTE ESTIMATIVA COM DIMENSAO MAIOR QUE A ANTERIOR

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - 2004

RIO DE JANEIRO

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO

TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS		
TOTAL.....	2 413,1661	-0,4917
URBANA.....	2 635,1929	-0,5006
RURAL.....	539,7398	-0,3159
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
TOTAL.....	2 499,1909	-0,4906
URBANA.....	2 305,9418	-0,4834
RURAL.....	835,0524	-0,3563

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO,
SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)					
	PESSOAS			FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL
1 000.....	80,8	83,0	60,9	84,3	81,8	71,3
2 000.....	57,5	58,7	48,9	60,0	58,5	55,7
3 000.....	47,1	47,9	43,0	49,2	48,1	48,2
4 000.....	40,9	41,5	39,3	42,7	41,9	43,5
5 000.....	36,6	37,1	36,6	38,3	37,6	40,2
10 000.....	26,1	26,2	29,4	27,3	26,9	31,4
20 000.....	18,5	18,5	23,6	19,4	19,2	24,5
30 000.....	15,2	15,1	20,8	15,9	15,8	21,2
40 000.....	13,2	13,1	19,0	13,8	13,8	19,2
50 000.....	11,8	11,7	17,7	12,4	12,3	17,7
100 000.....	8,4	8,3	14,2	8,8	8,8	13,8
200 000.....	6,0	5,9	11,4	6,3	6,3	10,8
300 000.....	4,9	4,8	10,0	5,1	5,2	9,3
400 000.....	4,2	4,1	9,2	4,5	4,5	(1)
500 000.....	3,8	3,7	8,5	4,0	4,1	(1)
1 000 000.....	2,7	2,6	6,9	2,8	2,9	(1)
2 000 000.....	1,9	1,8	5,5	2,0	2,1	(1)
3 000 000.....	1,6	1,5	(1)	1,7	1,7	(1)
4 000 000.....	1,4	1,3	(1)	1,4	1,5	(1)
5 000 000.....	1,2	1,2	(1)	(1)	(1)	(1)
10 000 000.....	0,9	0,8	(1)	(1)	(1)	(1)
20 000 000.....	0,6	0,6	(1)	(1)	(1)	(1)

(1) NÃO EXISTE ESTIMATIVA COM DIMENSÃO MAIOR QUE A ANTERIOR

BRASIL

TABELA 1

COEFICIENTES DE REGRESSÃO, SEGUNDO O TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO

TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO	COEFICIENTES DE REGRESSÃO	
	A	B
PESSOAS		
TOTAL.....	1 890,1495	-0,4676
URBANA.....	716,5746	-0,4030
RURAL.....	324,1307	-0,3111
FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
TOTAL.....	2 576,9409	-0,4854
URBANA.....	1 478,8266	-0,4438
RURAL.....	745,3192	-0,3647

TABELA 2

COEFICIENTES DE VARIAÇÃO, POR TIPO DE ESTIMATIVA E SITUAÇÃO,

SEGUNDO O TAMANHO DA ESTIMATIVA

TAMANHO DA ESTIMATIVA	COEFICIENTES DE VARIAÇÃO (%)					
	PESSOAS			FAMÍLIAS E DOMICÍLIOS		
	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL
1 000.....	74,8	44,3	37,8	90,2	69,0	60,0
2 000.....	54,1	33,5	30,5	64,4	50,7	46,6
3 000.....	44,7	28,4	26,9	52,9	42,3	40,2
4 000.....	39,1	25,3	24,6	46,0	37,3	36,2
5 000.....	35,2	23,2	22,9	41,3	33,8	33,4
10 000.....	25,5	17,5	18,5	29,5	24,8	25,9
20 000.....	18,4	13,2	14,9	21,1	18,2	20,1
30 000.....	15,2	11,2	13,1	17,3	15,2	17,4
40 000.....	13,3	10,0	12,0	15,0	13,4	15,6
50 000.....	12,0	9,2	11,2	13,5	12,2	14,4
100 000.....	8,7	6,9	9,0	9,6	8,9	11,2
200 000.....	6,3	5,2	7,3	6,9	6,6	8,7
300 000.....	5,2	4,4	6,4	5,7	5,5	7,5
400 000.....	4,5	4,0	5,9	4,9	4,8	6,8
500 000.....	4,1	3,6	5,5	4,4	4,4	6,2
1 000 000.....	3,0	2,7	4,4	3,2	3,2	4,8
2 000 000.....	2,1	2,1	3,6	2,3	2,4	3,8
3 000 000.....	1,8	1,8	3,1	1,9	2,0	3,2
4 000 000.....	1,5	1,6	2,9	1,6	1,7	2,9
5 000 000.....	1,4	1,4	2,7	1,4	1,6	2,7
10 000 000.....	1,0	1,1	2,2	1,0	1,2	2,1
20 000 000.....	0,7	0,8	1,7	0,7	0,9	(1)
30 000 000.....	0,6	0,7	1,5	0,6	0,7	(1)
40 000 000.....	0,5	0,6	1,4	0,5	0,6	(1)
50 000 000.....	0,5	0,6	(1)	0,5	(1)	(1)
100 000 000.....	0,3	0,4	(1)	(1)	(1)	(1)
200 000 000.....	0,3	0,4	(1)	(1)	(1)	(1)

(1) NÃO EXISTE ESTIMATIVA COM DIMENSÃO MAIOR QUE A ANTERIOR

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2005

**Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa
Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2005**

Tipo de estimativa	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas	2678,9640	-0,4984
Famílias e domicílios	3102,1279	-0,5038

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

**Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa,
segundo o tamanho da estimativa - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2005**

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)	
	Pessoas	Famílias e domicílios
1 000	85,7	95,5
2 000	60,6	67,4
3 000	49,5	54,9
4 000	42,9	47,5
5 000	38,4	42,5
10 000	27,2	29,9
20 000	19,2	21,1
30 000	15,7	17,2
40 000	13,6	14,9
50 000	12,2	13,3
100 000	8,6	9,4
200 000	6,1	6,6
300 000	5,0	5,4
400 000	4,3	4,7
500 000	3,9	4,2
1 000 000	2,7	2,9
2 000 000	1,9	2,1
3 000 000	1,6	1,7
4 000 000	1,4	1,5
5 000 000	1,2	1,3
10 000 000	0,9	(1)
20 000 000	0,6	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2005

Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa e a situação do domicílio - Rio de Janeiro - 2005

Tipo de estimativa e situação do domicílio	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas		
Total	2384,0752	-0,4896
Urbana	2654,2587	-0,5007
Rural	498,5029	-0,3036
Famílias e domicílios		
Total	3034,0283	-0,5041
Urbana	2827,8738	-0,4981
Rural	695,0076	-0,3310

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa e situação do domicílio, segundo o tamanho da estimativa - Rio de Janeiro - 2005

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)					
	Pessoas			Famílias e domicílios		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1 000	81,0	83,5	61,2	93,2	90,6	70,6
2 000	57,7	59,0	49,6	65,7	64,1	56,1
3 000	47,3	48,2	43,8	53,6	52,4	49,1
4 000	41,1	41,7	40,2	46,4	45,4	44,6
5 000	36,8	37,3	37,5	41,4	40,6	41,5
10 000	26,2	26,4	30,4	29,2	28,8	33,0
20 000	18,7	18,6	24,6	20,6	20,4	26,2
30 000	15,3	15,2	21,8	16,8	16,6	22,9
40 000	13,3	13,2	20,0	14,5	14,4	20,8
50 000	11,9	11,8	18,7	13,0	12,9	19,3
100 000	8,5	8,3	15,1	9,1	9,1	15,4
200 000	6,1	5,9	12,2	6,5	6,5	12,2
300 000	5,0	4,8	10,8	5,3	5,3	(1)
400 000	4,3	4,2	9,9	4,5	4,6	(1)
500 000	3,9	3,7	9,3	4,1	4,1	(1)
1 000 000	2,8	2,6	7,5	2,9	2,9	(1)
2 000 000	2,0	1,9	(1)	2,0	2,1	(1)
3 000 000	1,6	1,5	(1)	1,6	1,7	(1)
4 000 000	1,4	1,3	(1)	1,4	1,5	(1)
5 000 000	1,3	1,2	(1)	1,3	1,3	(1)
10 000 000	0,9	0,8	(1)	0,9	0,9	(1)
20 000 000	0,6	0,6	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2005

Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa e a situação do domicílio - Brasil - 2005

Tipo de estimativa e situação do domicílio	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas		
Total	1761,7964	-0,4631
Urbana	974,6568	-0,4226
Rural	341,8973	-0,3140
Famílias e domicílios		
Total	2784,1815	-0,4914
Urbana	1424,5540	-0,4422
Rural	725,4338	-0,3626

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa e situação do domicílio, segundo o tamanho da estimativa - Brasil - 2005

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)					
	Pessoas			Famílias e domicílios		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1 000	71,9	52,6	39,1	93,4	67,2	59,3
2 000	52,2	39,3	31,4	66,4	49,4	46,1
3 000	43,2	33,1	27,7	54,4	41,3	39,8
4 000	37,8	29,3	25,3	47,3	36,4	35,8
5 000	34,1	26,7	23,6	42,3	33,0	33,1
10 000	24,8	19,9	19,0	30,1	24,3	25,7
20 000	18,0	14,8	15,3	21,4	17,9	20,0
30 000	14,9	12,5	13,4	17,6	14,9	17,3
40 000	13,0	11,1	12,3	15,2	13,1	15,6
50 000	11,8	10,1	11,4	13,7	11,9	14,3
100 000	8,5	7,5	9,2	9,7	8,8	11,2
200 000	6,2	5,6	7,4	6,9	6,4	8,7
300 000	5,1	4,7	6,5	5,7	5,4	7,5
400 000	4,5	4,2	6,0	4,9	4,7	6,7
500 000	4,0	3,8	5,5	4,4	4,3	6,2
1 000 000	2,9	2,8	4,5	3,1	3,2	4,8
2 000 000	2,1	2,1	3,6	2,2	2,3	3,8
3 000 000	1,8	1,8	3,2	1,8	1,9	3,2
4 000 000	1,5	1,6	2,9	1,6	1,7	2,9
5 000 000	1,4	1,4	2,7	1,4	1,6	2,7
10 000 000	1,0	1,1	2,2	1,0	1,1	2,1
20 000 000	0,7	0,8	1,7	0,7	0,8	(1)
30 000 000	0,6	0,7	1,5	0,6	0,7	(1)
40 000 000	0,5	0,6	1,4	0,5	0,6	(1)
50 000 000	0,5	0,5	(1)	0,5	0,6	(1)
100 000 000	0,3	0,4	(1)	0,3	(1)	(1)
200 000 000	0,3	0,3	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2006

**Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa
Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2006**

Tipo de estimativa	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas	2708,4186	-0,4983
Famílias e domicílios	2837,5364	-0,4949

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

**Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa,
segundo o tamanho da estimativa - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2006**

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)	
	Pessoas	Famílias e domicílios
1 000	86,6	93,0
2 000	61,3	66,0
3 000	50,1	54,0
4 000	43,4	46,8
5 000	38,8	41,9
10 000	27,5	29,7
20 000	19,5	21,1
30 000	15,9	17,3
40 000	13,8	15,0
50 000	12,3	13,4
100 000	8,7	9,5
200 000	6,2	6,8
300 000	5,0	5,5
400 000	4,4	4,8
500 000	3,9	4,3
1 000 000	2,8	3,0
2 000 000	2,0	2,2
3 000 000	1,6	1,8
4 000 000	1,4	1,5
5 000 000	1,2	1,4
10 000 000	0,9	(1)
20 000 000	0,6	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2006

Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa e a situação do domicílio - Rio de Janeiro - 2006

Tipo de estimativa e situação do domicílio	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas		
Total	2417,3054	-0,4901
Urbana	2854,0940	-0,5052
Rural	536,8279	-0,3108
Famílias e domicílios		
Total	2631,9181	-0,4908
Urbana	2672,5510	-0,4927
Rural	798,8260	-0,3457

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa e situação do domicílio, segundo o tamanho da estimativa - Rio de Janeiro - 2006

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)					
	Pessoas			Famílias e domicílios		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1 000	81,9	87,0	62,7	88,7	88,9	73,4
2 000	58,3	61,3	50,6	63,1	63,1	57,7
3 000	47,8	50,0	44,6	51,7	51,7	50,2
4 000	41,5	43,2	40,8	44,9	44,9	45,4
5 000	37,2	38,6	38,0	40,2	40,2	42,1
10 000	26,5	27,2	30,7	28,6	28,6	33,1
20 000	18,9	19,2	24,7	20,4	20,3	26,0
30 000	15,5	15,6	21,8	16,7	16,6	22,6
40 000	13,4	13,5	19,9	14,5	14,4	20,5
50 000	12,0	12,1	18,6	13,0	12,9	19,0
100 000	8,6	8,5	15,0	9,3	9,2	14,9
200 000	6,1	6,0	12,1	6,6	6,5	11,8
300 000	5,0	4,9	10,7	5,4	5,3	(1)
400 000	4,3	4,2	9,7	4,7	4,6	(1)
500 000	3,9	3,8	9,1	4,2	4,2	(1)
1 000 000	2,8	2,7	7,3	3,0	3,0	(1)
2 000 000	2,0	1,9	(1)	2,1	2,1	(1)
3 000 000	1,6	1,5	(1)	1,7	1,7	(1)
4 000 000	1,4	1,3	(1)	1,5	1,5	(1)
5 000 000	1,3	1,2	(1)	1,4	1,3	(1)
10 000 000	0,9	0,8	(1)	1,0	1,0	(1)
20 000 000	0,6	0,6	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2006

Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa e a situação do domicílio - Brasil - 2006

Tipo de estimativa e situação do domicílio	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas		
Total	1860,4943	-0,4686
Urbana	967,104	-0,4216
Rural	297,3361	-0,303
Famílias e domicílios		
Total	2655,0937	-0,4878
Urbana	1484,7427	-0,4451
Rural	670,1589	-0,3557

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa e situação do domicílio, segundo o tamanho da estimativa - Brasil - 2006

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)					
	Pessoas			Famílias e domicílios		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1 000	73,1	52,6	36,7	91,4	68,6	57,4
2 000	52,8	39,2	29,7	65,2	50,4	44,9
3 000	43,7	33,1	26,3	53,5	42,1	38,8
4 000	38,2	29,3	24,1	46,5	37,0	35,1
5 000	34,4	26,7	22,5	41,7	33,5	32,4
10 000	24,8	19,9	18,3	29,7	24,6	25,3
20 000	18,0	14,9	14,8	21,2	18,1	19,8
30 000	14,8	12,5	13,1	17,4	15,1	17,1
40 000	13,0	11,1	12,0	15,1	13,3	15,5
50 000	11,7	10,1	11,2	13,6	12,0	14,3
100 000	8,4	7,5	9,1	9,7	8,8	11,2
200 000	6,1	5,6	7,4	6,9	6,5	8,7
300 000	5,0	4,7	6,5	5,7	5,4	7,5
400 000	4,4	4,2	6,0	4,9	4,8	6,8
500 000	4,0	3,8	5,6	4,4	4,3	6,3
1 000 000	2,9	2,9	4,5	3,1	3,2	4,9
2 000 000	2,1	2,1	3,7	2,2	2,3	3,8
3 000 000	1,7	1,8	3,2	1,8	1,9	3,3
4 000 000	1,5	1,6	3,0	1,6	1,7	3,0
5 000 000	1,4	1,4	2,8	1,4	1,5	2,8
10 000 000	1,0	1,1	2,3	1,0	1,1	2,2
20 000 000	0,7	0,8	1,8	0,7	0,8	(1)
30 000 000	0,6	0,7	1,6	0,6	0,7	(1)
40 000 000	0,5	0,6	1,5	0,5	0,6	(1)
50 000 000	0,5	0,5	(1)	0,5	0,6	(1)
100 000 000	0,3	0,4	(1)	0,3	0,4	(1)
200 000 000	0,3	0,3	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2007

**Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa
Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2007**

Tipo de estimativa	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas	2708,4186	-0,4983
Famílias e domicílios	2837,5364	-0,4949

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.

**Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa,
segundo o tamanho da estimativa - Região Metropolitana do Rio de Janeiro - 2007**

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)	
	Pessoas	Famílias e domicílios
1 000	86,6	93,0
2 000	61,3	66,0
3 000	50,1	54,0
4 000	43,4	46,8
5 000	38,8	41,9
10 000	27,5	29,7
20 000	19,5	21,1
30 000	15,9	17,3
40 000	13,8	15,0
50 000	12,3	13,4
100 000	8,7	9,5
200 000	6,2	6,8
300 000	5,0	5,5
400 000	4,4	4,8
500 000	3,9	4,3
1 000 000	2,8	3,0
2 000 000	2,0	2,2
3 000 000	1,6	1,8
4 000 000	1,4	1,5
5 000 000	1,2	1,4
10 000 000	0,9	(1)
20 000 000	0,6	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2007

Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa e a situação do domicílio - Rio de Janeiro - 2007

Tipo de estimativa e situação do domicílio	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas		
Total	2417,3054	-0,4901
Urbana	2854,0940	-0,5052
Rural	536,8279	-0,3108
Famílias e domicílios		
Total	2631,9181	-0,4908
Urbana	2672,5510	-0,4927
Rural	798,8260	-0,3457

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.

Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa e situação do domicílio, segundo o tamanho da estimativa - Rio de Janeiro - 2007

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)					
	Pessoas			Famílias e domicílios		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1 000	81,9	87,0	62,7	88,7	88,9	73,4
2 000	58,3	61,3	50,6	63,1	63,1	57,7
3 000	47,8	50,0	44,6	51,7	51,7	50,2
4 000	41,5	43,2	40,8	44,9	44,9	45,4
5 000	37,2	38,6	38,0	40,2	40,2	42,1
10 000	26,5	27,2	30,7	28,6	28,6	33,1
20 000	18,9	19,2	24,7	20,4	20,3	26,0
30 000	15,5	15,6	21,8	16,7	16,6	22,6
40 000	13,4	13,5	19,9	14,5	14,4	20,5
50 000	12,0	12,1	18,6	13,0	12,9	19,0
100 000	8,6	8,5	15,0	9,3	9,2	14,9
200 000	6,1	6,0	12,1	6,6	6,5	11,8
300 000	5,0	4,9	10,7	5,4	5,3	(1)
400 000	4,3	4,2	9,7	4,7	4,6	(1)
500 000	3,9	3,8	9,1	4,2	4,2	(1)
1 000 000	2,8	2,7	7,3	3,0	3,0	(1)
2 000 000	2,0	1,9	(1)	2,1	2,1	(1)
3 000 000	1,6	1,5	(1)	1,7	1,7	(1)
4 000 000	1,4	1,3	(1)	1,5	1,5	(1)
5 000 000	1,3	1,2	(1)	1,4	1,3	(1)
10 000 000	0,9	0,8	(1)	1,0	1,0	(1)
20 000 000	0,6	0,6	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2007

Tabela 1 - Coeficientes de regressão, segundo o tipo de estimativa e a situação do domicílio - Brasil - 2007

Tipo de estimativa e situação do domicílio	Coeficientes de regressão	
	A	B
Pessoas		
Total	1860,4943	-0,4686
Urbana	967,104	-0,4216
Rural	297,3361	-0,303
Famílias e domicílios		
Total	2655,0937	-0,4878
Urbana	1484,7427	-0,4451
Rural	670,1589	-0,3557

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.

Tabela 2 - Coeficientes de variação, por tipo de estimativa e situação do domicílio, segundo o tamanho da estimativa - Brasil - 2007

Tamanho da estimativa	Coeficientes de variação (%)					
	Pessoas			Famílias e domicílios		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
1 000	73,1	52,6	36,7	91,4	68,6	57,4
2 000	52,8	39,2	29,7	65,2	50,4	44,9
3 000	43,7	33,1	26,3	53,5	42,1	38,8
4 000	38,2	29,3	24,1	46,5	37,0	35,1
5 000	34,4	26,7	22,5	41,7	33,5	32,4
10 000	24,8	19,9	18,3	29,7	24,6	25,3
20 000	18,0	14,9	14,8	21,2	18,1	19,8
30 000	14,8	12,5	13,1	17,4	15,1	17,1
40 000	13,0	11,1	12,0	15,1	13,3	15,5
50 000	11,7	10,1	11,2	13,6	12,0	14,3
100 000	8,4	7,5	9,1	9,7	8,8	11,2
200 000	6,1	5,6	7,4	6,9	6,5	8,7
300 000	5,0	4,7	6,5	5,7	5,4	7,5
400 000	4,4	4,2	6,0	4,9	4,8	6,8
500 000	4,0	3,8	5,6	4,4	4,3	6,3
1 000 000	2,9	2,9	4,5	3,1	3,2	4,9
2 000 000	2,1	2,1	3,7	2,2	2,3	3,8
3 000 000	1,7	1,8	3,2	1,8	1,9	3,3
4 000 000	1,5	1,6	3,0	1,6	1,7	3,0
5 000 000	1,4	1,4	2,8	1,4	1,5	2,8
10 000 000	1,0	1,1	2,3	1,0	1,1	2,2
20 000 000	0,7	0,8	1,8	0,7	0,8	(1)
30 000 000	0,6	0,7	1,6	0,6	0,7	(1)
40 000 000	0,5	0,6	1,5	0,5	0,6	(1)
50 000 000	0,5	0,5	(1)	0,5	0,6	(1)
100 000 000	0,3	0,4	(1)	0,3	0,4	(1)
200 000 000	0,3	0,3	(1)	(1)	(1)	(1)

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.

(1) Não existe estimativa com dimensão maior que a anterior.